

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HELENA SCHÜTZ LEITE

TIRANIA E LEGITIMAÇÃO DIVINA: AS CARACTERIZAÇÕES DO PODER RÉGIO
NA OBRA *DE EXCIDIO BRITANNIAE* DE SÃO GILDAS (séc. VI)

CURITIBA

2019

HELENA SCHÜTZ LEITE

TIRANIA E LEGITIMAÇÃO DIVINA: AS CARACTERIZAÇÕES DO PODER RÉGIO
NA OBRA *DE EXCIDIO BRITANNIAE* DE SÃO GILDAS (séc. VI)

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História no programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, na Linha de Pesquisa Cultura e Poder.

Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto

CURITBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Leite, Helena Schütz

Tiranía e legitimação divina : as caracterizações do poder régio na obra
De Excidio Britanniae de São Gildas (séc. VI). / Helena Schütz Leite. –
Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto

1. *De Excidio Britanniae* – Crítica e interpretação. 2. Grã-Bretanha – Vida
e costumes sociais – História – Séc. VI. 3. Igreja - Grã-Bretanha - História.
4. Cristianismo – Grã-Bretanha. 5. Gildas, 516? - 570?. I. Título.

CDD – 941

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **HELENA SCHÜTZ LEITE**, intitulada: **TIRANIA E LEGITIMAÇÃO DIVINA: AS CARACTERIZAÇÕES DO PODER RÉGIO NA OBRA DE EXCIDIO BRITANNIAE DE SÃO GILDAS (SÉC.VI)**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 26 de Fevereiro de 2019.



RENAN FRIGHETTO
Presidente da Banca Examinadora



DOMINIQUE VIEIRA COELHO DOS SANTOS
Avaliador Externo (FURB)



OTÁVIO LUIZ VIEIRA PINTO
Avaliador Externo (UDESC)



Dedico este trabalho à minha família.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de primeiramente agradecer aos meus pais, Luis e Sêmadar, e minha irmã Luana pela compreensão e incentivo quanto aos meus sonhos e ambições.

Agradeço também ao meu orientador Prof. Dr. Renan Frighetto pelos conselhos, ensinamentos e inspiração. Assim como aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, em especial as Profs. Drs. Fátima Regina Fernandes Frighetto e Marcella Lopes Guimarães, que ao longo desses dois anos se tornaram grandes exemplos de historiadoras e professoras para mim.

Agradeço aos membros da banca, Prof. Dr. Dominique Santos e Prof. Dr. Otávio Luiz Vieira Pinto, por terem aceitado o trabalho de ler e avaliar esta dissertação, contribuindo para o seu melhoramento desde o momento de qualificação do texto até a defesa.

Agradeço ainda aos meus colegas de Pós-Graduação Alisson, Andréia, Celiane, Lucas, Luzia, Mariana, Roberta, Thais e Willian. Com vocês meus dias foram mais leves e a cada conversa e conselho trocado, nossos objetivos se tornaram cada vez mais alcançáveis.

Agradeço à Pamela, por ter se aventurado juntamente comigo pelos caminhos da independência. Obrigada pelos dias passados conversando sobre tudo e nada, pelos seus conselhos, compaixão e, acima de tudo, a sua amizade.

Por fim, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Agradeço, portanto, a ambas instituições pelo auxílio financeiro que viabilizou e facilitou esta pesquisa.

RESUMO

A história da região da atual Grã-Bretanha após o período como diocese romana é cercada por uma série de problemáticas que envolvem, em grande medida, o número pequeno de documentos escritos que tenham sobrevivido de uma forma ou outra desde o século V d.C. em diante. Por muito tempo a historiografia criticou as fontes existentes como sendo insuficientes e ignorou outras formas de pensarmos a história da região como, por exemplo, a cultura material. Devido a essas e outras dificuldades, o recorte temporal e geográfico da *Britannia* pós-romana, entre os séculos V e VI d.C., foi pensado como um período de escuridão, incertezas e no qual a cultura romana teria se deteriorado ao ponto de não mais afetar o modo de vida dos habitantes da Ilha. Buscando problematizar essas questões, este trabalho tem como principal objetivo estudar um dos poucos documentos escritos no período, a *De Excidio Britanniae*, escrita por um clérigo britânico chamado Gildas. Por meio de uma análise crítica da sua narrativa, assim como de outras fontes secundárias, que nos permitem uma melhor compreensão do contexto geral do Mundo Tardo Antigo e da própria *Britannia*, daremos ênfase no relacionamento entre o poder secular e o eclesiástico que também marcou o período da Antiguidade Tardia. Com isso, buscamos compreender que as acusações de tirania executadas por Gildas quanto aos governantes da Ilha, vão muito além da concepção clássica do termo, que está ligado com a tomada ilegítima e, muitas vezes violenta, do poder. Para o clérigo britânico, que fazia parte de uma comunidade cristã universal e se identificava com o destino de seus irmãos na fé, a legitimação divina e, portanto, a necessidade de um comportamento moral cristão faziam parte do que deveria ser um bom governante.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia. Gildas. *Britannia*. Tirania. Cristianismo. Legitimação.

ABSTRACT

The history of what is today Great Britain after the period as Roman diocese is surrounded by a series of problems which involve to a large extent the small number of written documents which have survived in one form or another since the fifth century AD. For a long time historiography criticized the existing sources as being insufficient and ignored other ways of thinking about the history of the region, such as material culture. Because of these and other difficulties, post-Roman *Britannia*, especially between the 5th and 6th centuries AD was thought to be a period of darkness, uncertainty, and in which Roman culture would have deteriorated to the point of no longer affecting the way of life of the inhabitants of the Island. In order to problematize these questions, this work has as main objective to study one of the few documents written in the period, *De Excidio Britanniae*, written by a British clergyman named Gildas. Through a critical analysis of his narrative, as well as other secondary sources, which allow us to better understand the general context of the Late Antique World and of *Britannia* itself, we shall emphasize the relationship between secular and ecclesiastical power which also marked the period of Late Antiquity. With this, we seek to understand that the accusations of tyranny executed by Gildas concerning the rulers of the Island go far beyond the classical conception of the term, which is linked to the illegitimate and often violent taking of power. For the British cleric, who was part of a universal Christian community and identified with the fate of his brethren in the faith, divine legitimation and therefore the need for Christian moral behavior were part of what should be a good ruler.

Keywords: Late Antiquity. Gildas. Britannia. Tyranny. Christianity. Legitimation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: CIIC 358/MACALISTER (1945).	76
--	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O CRESCIMENTO DO CRISTIANISMO E A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE UNIVERSAL	22
1.1. <i>CHRISTIANA CIVILITAS</i> : COMUNIDADES CRISTÃS E A <i>BRITANNIA</i> NA ANTIGUIDADE TARDIA	24
1.2. PATRÍCIO, PELÁGIO E GILDAS: ENTRE O MAR IRLANDÊS E O CONTINENTE.....	30
2. <i>REGES</i> E <i>TYRANNICUS</i>: O PODER POLÍTICO NA ANTIGUIDADE TARDIA..	44
2.1. A <i>BRITANNIA</i> DE GILDAS: MULTICULTURALIDADE NA ANTIGUIDADE TARDIA.....	45
2.2. O PAPEL DO <i>REX</i> NA ANTIGUIDADE TARDIA.....	51
2.3. USURPAÇÃO, TIRANIA E A CORRUPÇÃO DO PODER.....	62
3. GILDAS E O EXERCÍCIO DA TIRANIA	66
3.1. GOVERNO NA <i>BRITANNIA</i> E OS CINCO REIS DE GILDAS.....	67
3.2. CRISTIANISMO COMO ELEMENTO DE LEGITIMAÇÃO DO PODER	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

A *Britannia*¹ foi uma diocese romana por cerca de quatro séculos, tendo sido anexada ao Império no governo de Cláudio, no ano de 43 d.C.. Toda a região que hoje corresponde à Inglaterra e País de Gales passou por uma série de transformações em diferentes âmbitos da sua sociedade.² Da mesma maneira como em outros territórios dominados pelos romanos, impostos foram instituídos, moedas começaram a ser cunhadas e o exército romano passou a fazer parte do contexto da Ilha.³ Assim, muitas práticas culturais romanas podem ser percebidas ao longo dessa ocupação como, por exemplo, o hábito da epigrafia e os banhos romanos. Durante a colonização da região, estradas foram construídas, cidades fortificadas e houve uma mudança nas formas de administração das diversas *civitas* (cidades) estabelecidas na região.

Embora a data que marque a desvinculação da ínsula como diocese seja o ano de 410 d.C., devido a uma carta do imperador Honório aos britano-romanos, instruindo-os a se defenderem sem o auxílio romano, mudanças no modo de vida britânico já vinham ocorrendo alguns séculos antes desta retirada imperial. A diminuição da vida urbana na *Britannia* pode ser percebida, por meio de análises arqueológicas, já no século III, sendo que por volta do século IV a Ilha seria muito mais rural do que urbana.⁴

Contudo, muitos estudos sobre a *Britannia* no período após a retirada militar e administrativa romana da Ilha mantiveram sua atenção, na grande maioria, nos assentamentos saxões⁵ e suas consequências.⁶ Por isso, a história britânica dos

¹ *Britannia* é a forma em Latim utilizada pelos romanos para denominar a região pertencente a sua diocese, que equivale de maneira geral aos atuais países da Inglaterra e Gales. Portanto, quando utilizamos tal nomenclatura, nos referimos à esta região, ou seja, a parte centro-sul da Grã-Bretanha, excluindo a Escócia, que nunca teve o seu território dominado pelos romanos.

² SHOTTER, D. **Roman Britain**. Londres: Routledge, 2004. p. 97.

³ PINTO, R.. O interesse pela violência da "romanização". Um breve estudo arqueológico das primeiras revoltas na *Britannia*. **Rev. Museu Arq. Etn. Supl.**, São Paulo, n. 18: 29:36, 2014. p. 31.

⁴ PRYOR, F.. **Britain AD: A Quest for Arthur, England and the Anglo-Saxons**. UK: Harper Collins, 2009. p. 121.

⁵ Esse grupo é normalmente conhecido na bibliografia especializada como Anglo-Saxões, sendo que as incursões ocorridas na *Britannia* envolveriam ainda outros grupos étnicos, como os Jutos. No entanto, na obra aqui estuda, a *De Excidio*, o autor denomina esses indivíduos apenas como saxões. A fim de utilizarmos o termo da própria fonte, empregaremos neste trabalho apenas o nome "saxões".

⁶ Alguns exemplos são: Campbell, James. **The Anglo-Saxon State**. Hambledon: Hambledon Continuum, 2000; Mayr-Harting, Henry. **The Coming of Christianity to Anglo-Saxon England**. Pennsylvania: University Press Pennsylvania, 1992; Yorke, Barbara. **Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England**. London: Taylor & Francis Ltd, 1990.

séculos V ao XI é muitas vezes intitulada como História da Inglaterra Anglo-Saxã e acaba, em alguns casos, ignorando regiões nas quais os britano-romanos e seus descendentes continuaram habitando, mantendo, mas também transformando aspectos da cultura romana.

Ao mesmo tempo, outra parte dos estudiosos que se dedicam à história das Ilhas Britânicas tentaram caracterizar a cultura e sociedade da parte oeste da Grã-Bretanha, basicamente o País de Gales e o condado da Cornualha, como sendo "única" e retirada do contexto continental, recuperando de forma quase "pura" a cultura pré-romana nativa e "celta".⁷ Portanto, de acordo com Ken Dark⁸, afirmou-se como correto por muito tempo que a *Britannia* neste recorte temporal estaria dividida em duas zonas culturais amplamente homogêneas. Estas seriam o leste (visto como sendo, em grande medida, anglo-saxão) e o oeste (visto como "celta") do que teria sido a *Britannia* romana. Dentre outros problemas, encontramos a ideia de que a *Britannia* seria "diferente" do resto da Europa e, portanto, o conceito de "Antiguidade Tardia", por mais aplicável que este fosse para outras regiões, seria irrelevante para qualquer parte da *Britannia* nos séculos V e VI.

Felizmente, nas últimas décadas, a escrita historiográfica específica sobre a história britânica adotou perspectivas mais críticas e complexas quanto aos povos descendentes do que havia sido a *Britannia* romana. Dark, em seu livro "Britain and The End of the Roman Empire", faz um minucioso trabalho para problematizar e questionar visões por muito tempo aceitas, defendendo que elas são, na realidade, equivocadas. Assim, o autor dá ênfase nas similaridades "entre a *Britannia* e outras partes do que havia sido o Império romano ao longo dos séculos V e VI."⁹

Há ainda uma estrada cheia de armadilhas a ser percorrida para trabalharmos com as Ilhas Britânicas no contexto descrito acima. Embora Dark efetue um interessante trabalho de crítica quanto à uma romantização e talvez até mesmo uma visão demasiado nacionalista da História britânica neste recorte temporal, ao mesmo tempo o autor parece afixar uma importância um tanto extrema e, em alguns casos, excludente, na herança da cultura romana na *Britannia*. Acreditamos que seja necessário efetuarmos uma análise mais balanceada. A

⁷ LAYCOCK, S.; RUSSEL, M.. **UnRoman Britain: Exposing the Great Myth of *Britannia***. London: The History Press, 2011; ALCOCK, L.. The archaeology of Celtic Britain: fifth to twelfth centuries, in Hinton, D. A. (ed) **25 Years of Medieval Archaeology**. 48–66. University of Sheffield, Sheffield, 1983.

⁸ DARK, Ken. **Britain and The End of the Roman Empire**. Reino Unido: The History Press, 2011.

⁹ Ibid. p. 15.

região não pode ser vista apenas como resultado de um passado celta ou romano, mas sim de uma transformação desses aspectos em características próprias da região nos séculos V e VI. Isto não significa que determinados elementos, celtas ou romanos, não se façam presentes de maneira mais contundente ou apenas que sejam mais visíveis para nós após séculos de história. Nesse sentido, diversos autores¹⁰ buscam repensar a história das Ilhas Britânicas neste período.

Seguindo esta vertente, este trabalho teve como um dos seus objetivos contribuir para tal discussão ao analisar a narrativa de um autor em específico, Gildas, sua obra, a *De Excidio Britanniae*, assim como o mundo à sua volta, como inseridos em um contexto intelectual, social e cultural que vai muito além dos limites insulares da *Britannia*. Ao mesmo tempo, é necessário tomar cuidado para não criarmos generalizações e formarmos uma imagem do contexto britânico que não condiz com as informações que as evidências do período nos dão. Dessa maneira, é importante reconhecer e considerar as especificidades dos acontecimentos na Ilha.

O conceito de Antiguidade Tardia, nesse caso, nos auxiliou a pensarmos a *Britannia* no século VI tanto de maneira comparada com o contexto mais amplo do Mundo Antigo quanto o mais específico da região insular britânica. Este termo foi criado pela historiografia como resposta às constantes análises que viam nos acontecimentos posteriores ao fim do Império romano do Ocidente como sinais da deterioração da cultura romana, considerada como superior à dos povos bárbaros.¹¹ A partir da formulação do conceito, buscou-se pensar o período geralmente delimitado entre os séculos III e VIII, como "portador de uma identidade própria [...] ainda que alçada em tradições políticas, culturais e sociais que o antecederam."¹²

Como afirma Carlos A. R. Machado, um dos problemas na historiografia atual consistiria no fato de restringirmos Antiguidade Tardia à História do Império Romano¹³, rejeitando a utilização do conceito para regiões como a *Britannia*, por exemplo. Transformações ocorreram em diversos locais, sendo necessário

¹⁰ FLEMING, Robin. **Britain after Rome: the fall and rise - 400 to 1070**. Londres: Penguin Books, 2011; ALDHOUSE-GREEN, M., HOWELL, R.. **Celtic Wales**. Wiltshire: University of Wales, 2017.

¹¹ BROWN, P.. **The World of Late Antiquity**. From Marcus Aurelius to Muhammad, London, Thames and Hudson, 1971; MARROU, H. I.. **Décadence romaine ou Antiquité Tardive? Ille-IVe siècle**, Paris, Éditions du Seuil, 1977.

¹² FRIGHETTO, Renan. Cuando la confrontación genera la colaboración: godos, romanos y el surgimiento del reino hispanogodo de Toledo (siglos V-VI). In.: **Vínculos de Historia**, núm. 7 (2018). p. 159

¹³ MACHADO, C. A. R.. A Antiguidade tardia, a queda do Império romano e o debate sobre o "fim do mundo antigo". **rev. hist.** (São Paulo), n. 173, p. 81-114, jul.-dez., 2015. p. 108-9.

estudarmos as características específicas de cada região.¹⁴ De acordo com Edwin Hustwit, precisamos "resistir a noção de medir tudo a partir da sofisticação cultural e literária do Império romano do Ocidente e aceitar um nível de elasticidade no paradigma da Antiguidade Tardia."¹⁵

É a partir desta abordagem do conceito que voltamos nosso olhar para o contexto de Gildas. Esta personagem, que foi produtora de uma das únicas narrativas escritas por um britânico sobre a *Britannia* no século VI, e foi amplamente utilizada por autores posteriores. De acordo com Luca Larpi, é estabelecido que a referência mais antiga sobre Gildas pode ser encontrada em uma carta de Columbanus para o Bispo de Roma, Gregório I, por volta de 600 d.C.¹⁶ No entanto, uma das menções mais conhecidas talvez seja a do monge anglo-saxão Beda¹⁷, que no século VIII escreveu uma obra intitulada *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (História Eclesiástica do Povo Inglês), na qual o autor utiliza como base para boa parte de sua narrativa histórica o texto da *De Excidio* de Gildas, à quem ele se refere como historiador dos britânicos¹⁸.

Além disto, o clérigo foi mencionado em outros documentos, como nos anais galeses e irlandeses: Anais de Gales; Anais de Tigernach; Anais de Ulster e no Livro de Leinster.¹⁹ Na Irlanda, de acordo com Alex Woolf, Gildas era conhecido como um mestre em assuntos monásticos, sendo ainda que ele é, após outras autoridades da Igreja como Agostinho e Jerônimo, um dos autores mais citados em uma coleção de leis eclesiásticas irlandesa, intitulada *Collectio Canonum Hibernensis*.²⁰

A sua obra mais conhecida, a *De Excidio*, foi escrita por volta da metade do século VI,²¹ em Latim e no formato de prosa²², é considerada como uma carta

¹⁴ FRIGUETTO, R.. De la barbarica gens hacia la christiana ciuillitas: la concepción de regnum según el pensamiento político de Isidoro de Sevilla (siglo VII). **Anuario del Centro de Estudios Históricos Profesor Carlos S. A. Segreti**, v. 07, 2008. p. 205.

¹⁵ HUSTWIT, E.. **The Britons in late antiquity: power, identity and ethnicity**. 2014. 425 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Bangor, Gwynedd - País de Gales, 2014. p. 49.

¹⁶ LARPI, Luca. **Prolegomena to a new edition of Gildas Sapiens, De excidio et conquestu Britanniae**. Tese de Doutorado. Universidade de Manchester. 2008. p. 14.

¹⁷ MILLER, M.. Bede's use of Gildas. In.: **The English Historical Review**, Vol. 90, No. 355 (Apr., 1975), pp. 241-261.

¹⁸ BEDA, *His. Ecc. Gen. Ang.*, I.XXII. **Bede's Ecclesiastical History of England**. Tradução revisada, Introdução, Vida e Notas por A. M. Sellar. Londres: George Bell and Sons, 1907. p. 46.

¹⁹ WILLIAMS, Hugh. **Gildas: The Ruin of Britain, Fragments from lost Letters, The Penitential, together with The Lorica of Gildas**. Editado pela Honorable Sociedade de Cymmrodorion. Londres, 1899. p. 409-420

²⁰ WOOLF, Alex. Gildas. In.: NICHOLSON, O.. **The Oxford Dictionary of Late Antiquity**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 666

²¹ Devido a falta de datas na própria *De Excidio*, muito já foi discutido sobre a datação da obra. Segundo David Dumville, já existe um "consenso acadêmico que a muito tempo está estabelecido no

aberta, ou como o próprio autor denomina: *epistola*,²³ documento que era produzido já com a intenção de sua publicação. Embora o manuscrito da obra não tenha sobrevivido ao tempo, pelo menos seis cópias foram feitas em períodos posteriores.

O primeiro deles é o MS. 414. 78r - 79v, que se encontra na *Bibliothèque Carnegie*, em Reims, na França. É constituído pela união de três diferentes manuscritos e datado por Bernhard Bischoff como pertencente entre os séculos IX e X²⁴.

O MS Cotton Vitellius A vi,²⁵ inserido na coleção Cotton da Biblioteca Britânica em Londres, Reino Unido, é um dos manuscritos mais antigos mas que, porém, encontra-se extremamente danificado. Em Outubro de 1731, o prédio onde esta coleção estava temporariamente armazenada sofreu um incêndio que danificou boa parte do acervo, tendo sido perdidos por completo alguns documentos. Segundo C. J. Wright (1977), “embora relativamente poucos volumes tenham sido destruídos, muitos manuscritos perderam partes importantes, ou sobreviveram apenas como fragmentos”²⁶. De acordo com o site da Biblioteca Britânica²⁷, o manuscrito que contém a *De Excidio* tem como suporte um pergaminho de aproximadamente 265 × 210 mm e tem, atualmente, 37 fólios, sendo que em seu formato original possuía 72 fólios. De acordo com Luca Larpi, o fólio de número 26 não pode ser lido e outras páginas estão mutiladas ou obscurecidas; no geral, 815 linhas estão perdidas, o que seria 43% do texto da *De Excidio*.²⁸

Dois outros manuscritos podem ser encontrados na Biblioteca da Universidade de Cambridge, o MS Ff. I 27, constituído por duas partes de manuscritos diferentes e contém uma cópia incompleta do texto de Gildas. Já o MS

ano de *circa* 540 d. c.". DUMVILLE, D.. The chronology of *De Excidio Britanniae*, book I. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D. (org.). **Gildas: New Approaches**. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988. p. 61.

²² Sobre isto, ver: WRIGHT, Neil. Gildas's prose and style and its origins. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D. (org.). **Gildas: New Approaches**. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988. p. 107 - 128.

²³ GILDAS, *De Excidio Britanniae*, 1. 1. Ed. e trans. Michael Winterbottom. London: Phillimore, 1978. p. 13. Tradução do inglês para o português de autoria nossa. A partir deste momento as citações desta fonte serão feitas seguindo a tradução de Michael Winterbottom, salvo se indicado de outra forma.

²⁴ LARPI, Luca. **Prolegomena to a new edition of Gildas Sapiens, De excidio et conquestu Britanniae**. Tese de Doutorado. Universidade de Manchester. 2008. p. 26.

²⁵ O'SULLIVAN, T. D.. **The De Excidio of Gildas: Its Authenticity and Date** (Columbia Studies in the Classical Tradition). Brill Academic Publishers: New York, 1978. p. 3.

²⁶ WRIGHT, C. J.. **Sir Robert Cotton as Collector: Essays on an Early Stuart Courtier and His Legacy**. London: British Library Publications, 1997: p. 391.

²⁷ Disponível em: http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=cotton_ms_vitellius_a_vi_fs001r#
Acesso em: 03/10/2015.

²⁸ LARPI, op. cit., p. 26-7.

Ds. I 17, datado entre os séculos XIV-XV, possui o texto incompleto da *De Excidio*, começando apenas no terceiro capítulo.²⁹

Por fim, o MS NO 162, arquivado na Biblioteca Pública de Avranches, na França, foi composto no final do século XII no monastério de Mont Saint Michel, na região da Normandia. Segundo Larpi, a seção que contém o texto da *De Excidio* é interrompida no capítulo 103 e possui um de seus fólios danificado, além do texto "possuir diversas interpolações feitas com a intenção de clarificar a prosa obscura de Gildas"³⁰. E, por fim, o manuscrito encontrado na Biblioteca Nacional da França, *lat. 6235, ff. 7r-14v* datado do século XV, contém apenas um excerto com citações da *De Excidio*.³¹

Estes manuscritos foram utilizados por filólogos, antiquários e historiadores, que criaram diferentes edições. A mais famosa talvez seja a de Theodor Mommsen que, ao compilar diversos documentos para a confecção da coleção *Monumenta Germaniae Historica* (1894 - 1898), decidiu colocar também em sua obra a *De Excidio Britanniae* de Gildas.³² No entanto, esta edição possui alguns problemas que por muito tempo não foram questionados. Em primeiro lugar, Mommsen só teve acesso ao manuscrito da Biblioteca Britânica após o incêndio e, portanto, o manuscrito no qual o filólogo baseou boa parte de sua edição, por este ser um dos mais antigos, estava incompleto e com a leitura de seu texto dificultada. Além disso, Mommsen não tinha conhecimento de um dos manuscritos listado acima, o MS. 414. 78r - 79v, que se encontra em Reims.

Devido à estas questões, alguns autores tem debatido a necessidade de uma nova edição da *De Excidio Britanniae* de Gildas. David Dumville, por exemplo, afirma que é preciso reeditar o texto em latim levando em consideração "os manuscritos continentais e os glossários anglo-saxões"³³. Também Luca Larpi, em sua tese de doutoramento, defende a necessidade de uma nova edição não apenas pela existência de documentos que não foram levados em consideração por

²⁹ LARPI, Luca. *Prolegomena to a new edition of Gildas Sapiens, De excidio et conquestu Britanniae*. Tese de Doutorado. Universidade de Manchester. 2008. p. 30.

³⁰ Ibid. p. 29.

³¹ Ibid. p. 31

³² O'SULLIVAN, T. D.. *The De Excidio of Gildas: Its Authenticity and Date* (Columbia Studies in the Classical Tradition). Brill Academic Publishers: New York, 1978. p. 3.

³³ DUMVILLE, D. N. Sub-Roman Britain: History and Legend. *History*, 62: 173-192, 1977. p. 184

Theodor Mommsen, mas também para utilizarmos as novas tecnologias, que permitem análises ainda mais detalhadas destes manuscritos.³⁴

Infelizmente, essa nova edição ainda não existe e, portanto, a tradução mais recente da fonte aqui trabalhada também é baseada no trabalho de Mommsen. Publicada na coleção *History from the sources*, volume 7, em 1978, a tradução do Latim para o Inglês foi feita por Michael Winterbottom³⁵ e foi a edição utilizada neste trabalho, pois, além de ser uma tradução mais recente e bilíngue (Latim/Inglês), também é utilizada por grande parte da bibliografia especializada em Gildas.

A narrativa da *De Excidio* foi dividida pela historiografia em três momentos: o prefácio, a parte histórica e, por fim, a parte epistolar propriamente dita. A segunda parte, que contém a narrativa dos acontecimentos ocorridos na Ilha desde a dominação romana até os dias em que Gildas escreve (c. 540 d.C.), tem recebido uma maior atenção dos estudiosos,³⁶ que buscam compreender o contexto em que a *Britannia* se encontrava, principalmente no século V. Relatando sobre as guerras entre pictos, escotos e britânicos; sobre levantes de usurpadores britânicos em outras regiões do Império romano e por fim, sobre as invasões dos saxões; o autor retrata um período de intensos conflitos, principalmente após a retirada militar e administrativa de Roma da Ilha.

A parte na qual Gildas executa à sua crítica aos líderes seculares e clericais, no entanto, não recebeu uma atenção tão profunda da historiografia ou até mesmo de outras áreas do conhecimento. Nesta parte do documento, o autor exercita com mais força o seu domínio dos livros da Bíblia, empregando inúmeras passagens como provas para os seus argumentos. Assim, após criticar os governantes, de maneira mais específica cinco deles, Gildas passa a utilizar passagens da Bíblia sobre bons e maus reis do Antigo e Novo Testamento, como forma de apontar as falhas dos reis que critica e também indicar os possíveis castigos divinos que os comandantes da *Britannia* sofreriam se não se arrependessem de seus pecados.

³⁴ LARPI, Luca. *Prolegomena to a new edition of Gildas Sapiens, De excidio et conquestu Britanniae*. Tese de Doutorado. Universidade de Manchester. 2008. p. 177

³⁵ GILDAS. *The Ruin of Britain and other works*. Ed. e trans. Michael Winterbottom. London: Phillimore, 1978.

³⁶ Citamos aqui apenas alguns dos trabalhos dedicados ao estudo desta parte do documento: THOMPSON, E. A.. *Gildas and the History of Britain*. Britannia. Volume 10, November 1979. pp 203 - 226. DUMVILLE, D.. *The chronology of De Excidio Britanniae*, book I. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D. (org.). *Gildas: New Approaches*. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988. PACE, E. *Walls and Withdrawals: Gildas' Version of the End of Roman Britain*. Journal of the Australian Early Medieval Association. Volume 11, Nov 2015.

Depois disto, o clérigo repete o mesmo processo ao criticar os líderes da fé cristã, apenas não mencionando-os pelos seus nomes.

É interessante questionarmos a razão dessa abordagem tão específica de apenas uma parte obra. A historiografia contemporânea ainda possui dificuldade de considerar alguns textos da Antiguidade e Medieval como narrativas historiográficas. Chamar autores desse período de historiadores, por exemplo, pode causar desconforto para algumas pessoas. O problema está na tentativa de compreender a escrita desses autores como tendo os mesmos parâmetros de História e Historiografia da atualidade.³⁷ No caso de Gildas, até mesmo a parte classificada pela historiografia como um relato histórico foi criticada como não sendo uma fonte confiável, principalmente por certos "erros" cometidos pelo autor, como o fato de que, segundo Gildas, a Muralha de Adriano e a de Antonino foram construídas entre os séculos IV e V, quando na realidade ambas são datadas como tendo sido construídas já no século II.³⁸

Os historiadores, ao buscarem a narrativa de Gildas para retirarem apenas os fatos e acontecimentos na *Britannia* e encontrarem tais incongruências, condenaram toda a obra do clérigo como sendo um documento não confiável e ainda que apenas uma parte da *De Excidio* serviria para fornecer informações sobre a história da *Britannia*. Contudo, como afirma Jeremy Knight, a narrativa gildasiana deve ser pensada como uma composição retórica,³⁹ construída de uma forma para que cada informação vá de acordo com o objetivo de Gildas no momento da escrita.

Nesse sentido, uma crítica da obra, analisada dentro do seu contexto e em meio a toda a sua narrativa, levanta algumas questões sobre as formas de governo e até mesmo a situação do poder na *Britannia* do século VI d.C.. Segundo Alex Woolf, os britânicos nunca conseguiram se unir de maneira suficiente a ponto de

³⁷ SANTOS, Dominique. Apresentação ao Dossiê 'A Escrita da História na Antiguidade' da **Revista de Teoria da História da UFG**, 2015. p. 13. Ver também: DELIYANNIS, Deborah Mauskopf. *Historiography in the Middle Ages*. Leiden: Brill, 2003. 1-16.

³⁸ Gildas não fornece datas em sua carta, no entanto, ele narra a construção das muralhas como ocorrendo após a tentativa de usurpação de Magno Máximo e antes da carta britânica enviada à Aécio em seu terceiro consulado. KNIGHT, Jeremy. *The After Life of Tyrants: Roman Emperors in Early Medieval Wales*. In.: HAARER, Fiona K., COLLINS, Rob. **AD 410: the history and archaeology of late and post-Roman Britain**. Londres: Roman Society Publications, 2014. pp. 165-172

³⁹ KNIGHT, Jeremy. *The After Life of Tyrants: Roman Emperors in Early Medieval Wales*. In.: HAARER, Fiona K., COLLINS, Rob. **AD 410: the history and archaeology of late and post-Roman Britain**. Londres: Roman Society Publications, 2014. p. 165.

obterem um domínio mais forte da Ilha,⁴⁰ sendo mais provável que, após a retirada de Roma, britânicos tenham se dividido em pequenos grupos espalhados por diferentes regiões da ínsula. Ainda assim, para Woolf, é difícil compreender o processo de estabelecimentos de reinos na região.⁴¹

Destarte, ao dar ênfase para estes reis específicos, Gildas parece indicar a importância destes, pelo menos para ele e seu público. No entanto, algumas problemáticas quanto a narrativa gildasiana e as personagens que ele menciona não podem ser ignoradas. Podemos, nesse caso, considerar todos os governantes que Gildas menciona como reis? São eles governantes de diferentes reinos? Ou, pelo menos, diferentes regiões? Eles seriam de períodos próximos? Contemporâneos uns aos outros? Contemporâneos à Gildas?

Além de atentar para a exploração de tais questões, este trabalho pode perceber a importância da relação entre cultura, religião e poder. O Cristianismo foi um dos elementos indispensáveis para pensarmos nosso recorte temporal e geográfico, não só devido à inserção de Gildas no âmbito religioso, mas também porque as autoridades seculares e eclesiástica, embora exercessem funções distintas, mantinham uma constante relação de poder. Afinal, não acreditamos ser possível separar de maneira taxativa os aspectos sociais, políticos e culturais um dos outros no contexto de qualquer sociedade.

Nesse sentido, iniciamos nosso trabalho explorando o contexto do Cristianismo na Antiguidade Tardia, buscando analisar o crescimento de uma Comunidade Cristã que conectava indivíduos em diferentes regiões, independente muitas vezes de outros aspectos identitários. Por meio de redes de contato e a mobilidade de ideias, indivíduos e livros, foi possível inferir que Gildas também compartilhava de um sentimento comunitário em relação a certos aspectos do Cristianismo, religião que desenvolveu um importante papel na Antiguidade Tardia, não apenas no âmbito sagrado mas também se envolvendo em relações de poder políticas e sociais. Neste primeiro capítulo foi trabalhado também a relação entre *Britannia*, *Hibernia* e o Continente, assim como a importância desta para o desenvolvimento das práticas cristãs no contexto de Gildas.

⁴⁰ WOOLF, Alex. The Britons: from Romans to Barbarians. In: GOETZ, H.-W; JANUT, J.; POHL, W. **Regna and Gentes: The Relationship Between Late Antique and Early Medieval Peoples and Kingdoms in the Transformation of the Roman World.** Leiden-Boston: Brill, 2003. p. 345.

⁴¹ *Ibid.*, p. 346.

Nesse sentido, no segundo capítulo, abordamos primeiramente o contexto da sociedade britânica após a retirada de Roma, buscando compreender da melhor maneira possível o status dos diferentes âmbitos sociais que abarcavam uma região marcada pelo contato entre diferentes grupos e suas multiculturalidades. Após isto, buscando problematizar as forças políticas do período, trabalhamos com as instituições monárquicas, suas significações e funções, assim como as formas consideradas como corrompidas do poder real, a tirania e a usurpação.

Por fim, após estabelecer as dinâmicas do Cristianismo e das formas de governo de maneira separada, analisamos no terceiro capítulo tais aspectos de maneira específica na narrativa da *De Excidio*, buscando estabelecer a caracterização do poder régio na *Britannia* de Gildas. Para isso, foi necessária delimitar as informações que possuímos sobre os reinos da região, para, então, analisarmos de maneira mais detalhada a visão que o clérigo britânico possuía dos reis aos quais condena. Nesse sentido, foi possível perceber que o caráter cristão do autor faz parte do modo como este interpreta o seu mundo e da forma como este busca solucionar os problemas de seus compatriotas.

1. O CRESCIMENTO DO CRISTIANISMO E A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE UNIVERSAL

Declínio, queda e decadência. Por muito tempo estes foram os adjetivos assimilados aos territórios do mundo romano entre, pelo menos, os séculos III a VIII d. C.. As culturas que ao longo deste recorte foram substituindo algumas das tradições consideradas como clássicas foram vistas como uma decadência e destruição da cultura romana por povos considerados como não civilizados. Mas, antes de seguir tal abordagem, questionada por boa parte da historiografia desde a segunda metade do século XX, buscamos neste trabalho explorar este contexto a partir da noção de "transformações", embora seja necessário afirmar que tal termo não desconsidera as rupturas e conflitos que ocorreram em diversas regiões e em diferentes momentos, mas sim assinala para o potencial modificador de tais questões.

Também na região da atual Grã-Bretanha ocorreram conflitos e foram percebidos os efeitos do fim do Império romano do Ocidente. Contudo, longe de fazer sentido a ideia de que, por ser uma Ilha, a *Britannia* estaria isolada dos acontecimentos no Continente, esta foi, na realidade, muitas vezes participante fundamental no desdobramento de momentos decisivos para o futuro de Roma. De acordo com Michael Fulford, entre o primeiro século a.C e a metade do terceiro, é possível perceber uma relação constante entre o mundo romano e a *Britannia* por meio da troca e comércio de milhares de bens de consumo, como vinho, azeite de oliva e outros artefatos que são encontrados na cultura material da Ilha.⁴²

Nesse sentido, embora a *Britannia* no final do século IV e início do V já não demonstre a produção de moedas e nem mais utiliza-se da moeda imperial,⁴³ as evidências arqueológicas, como as encontradas em Tintagel, localizada na costa da Cornualha, apontam para uma visível atividade comercial e para o fato de que os

⁴² FULFORD, Michael. *Coasting Britannia: Roman Trade and Traffic Around the Shores of Britain*. In.: GOSDEN, C., et al. (eds.). **Communities and Connections: Essays in Honour of Barry Cunliffe**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 54

⁴³ CHARLES-EDWARDS, **Wales and the Britons**. Oxford: Oxford U. P., 2013. p. 221; FUNARI, Pedro P. A.. **Padrões de consumo do azeite bético na Bretanha Romana**. 1990. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo - USP, 1990.

britânicos não estavam isolados durante os séculos V e VI, mas que mantinham relações comerciais com a Gália, o Norte da África e com o Mediterrâneo.⁴⁴

E ainda, mesmo tendo sido uma das últimas regiões anexadas ao Império romano, a *Britannia*, assim como outras regiões, é um território que não pode ser pensado como submissivo à influência administrativa e cultural de Roma, nem podemos pensar na Ilha como estando deslocada e tendo, por isto, uma cultura e sociedade "pura" e sem influências de outros povos que entravam em contato com a região desde o período conhecido como Idade do Bronze britânica (2.500 a.C. - 800 a.C). Da mesma maneira, quando já não estava mais sob a influência militar romana, a cultura e o modo de vida na Ilha não voltou a ser como no período anterior à dominação de Roma.

Veremos ao longo deste trabalho que na *Britannia* criou-se um contexto específico que continha tanto elementos de transformação como de continuidade, afinal, as novas visões que encontramos na Antiguidade Tardia ainda "seguiram as pegadas da tradição greco-latina, mas sem repeti-las, estabelecendo visões mais amplas sobre ideias já reconhecidas."⁴⁵ O Cristianismo é um dos elementos que caracterizam essa dinâmica entre o passado e suas tradições e a criação de novas narrativas, ainda que inspiradas e baseadas em práticas e ideias concebidas anteriormente.

No caso da *Britannia*, por mais que não possamos saber com certeza sobre a extensão da difusão do Cristianismo na população, tanto geograficamente como em relação à outras religiões, parece ter existido um saudável crescimento ao longo dos séculos, ainda que locais de adoração sejam difíceis de localizar fisicamente. Para David Dumville, ao observarmos a cultura material da região seria possível inferir que no final do século IV o Cristianismo teria se tornado a religião dominante da *Britannia* romana.⁴⁶

Para Gildas, a personagem principal aqui estudada, o Cristianismo é um elemento indissociável de sua narrativa. Portanto, compreender como este estava estabelecido na Antiguidade Tardia é também atentar para uma compreensão da

⁴⁴ SNYDER, **The Britons**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 99.

⁴⁵ FRIGHETTO, Renan. De la *barbarica gens* hacia la *christiana ciuilitas*: la concepción de *regnum* según el pensamiento político de Isidoro de Sevilla (siglo VII). In.: **Anuario del Centro de Estudios Históricos "Prof. Carlos S. A. Segrett"**. Córdoba, año 7, N° 7, 2007. p. 204

⁴⁶ DUMVILLE, D. N.. The origins and early history of Insular monasticism: aspects of literature, christianity, and society in Britain and Ireland, A.D. 400-600. **Kansai University Institutional Depository**, 30. 1997. p. 88-90

formo como Gildas percebia o mundo a sua volta por meio da religião cristã. No presente capítulo trabalharemos com um aspecto específico do Cristianismo que se fortaleceu ao longo da Antiguidade Tardia até o Medievo, a formação de uma identificação entre indivíduos tendo a religião como ponto de união.

1.1. CHRISTIANA CIVILITAS: COMUNIDADES CRISTÃS E A BRITANNIA NA ANTIGUIDADE TARDIA

A realidade do Mundo Antigo e Tardo Antigo, assim como outros períodos históricos, não pode ser pensada de uma maneira estática. A movimentação de sujeitos históricos faz parte da História e no caso do Império romano, este construiu um ambiente que em grande medida ampliou esta mobilidade entre o seu território. Sabemos que a expansão do poder romano sobre boa parte do Mundo Antigo teve como uma de suas características o desenvolvimento de redes de contato entre diferentes regiões, representadas também pela construção de estradas que poderiam levar indivíduos ou grupos de um canto do Império para o outro. Afinal, conforme o exército romano conquistava determinadas regiões, construía estradas e pontes, sendo este "um dos mais visíveis sinais da ocupação romana".⁴⁷

Mas, além de servirem como um sinal da presença do poder de Roma, as estradas foram essenciais para os negócios do Império, auxiliando nos procedimentos burocráticos, fiscais e também militares. Dessa maneira, milhares de pessoas circulavam entre as várias províncias romanas e até mesmo além, cada qual com seus propósitos, fosse econômico, social, cultural ou até mesmo políticos. Acima de tudo, o desenvolvimento de estradas e outros meios de transporte era vital para a comunicação entre a capital e suas províncias.⁴⁸

Talvez facilitadas por esta estrutura, no âmbito do Cristianismo, as viagens, que faziam parte deste desde o seu fundamento, continuaram também na Antiguidade Tardia, com pregadores itinerantes que criavam diversas *ecclesiae*, isto é, comunidades de cristãos, que dependiam do constante fluxo de visitantes para

⁴⁷ LEYERLE, Blake. Mobility and the Traces of Empire. In.: ROUSSEAU, P. (Ed.). **A companion to Late Antiquity**. Willey - Blackwell, 2009. p. 120.

⁴⁸ Ibid., p. 110.

seu apoio material e ideológico.⁴⁹ Muito provavelmente este caráter migratório auxiliou no desdobramento do Cristianismo ao longo do Mundo Tardo Antigo.⁵⁰ Indo de cidade em cidade, os cristãos propagavam sua crença, fosse de maneira intencional ou não. Também dessa forma, é provável que o Cristianismo chegou ao Ocidente, "não por meio de missões sistemáticas, mas antes por cristãos viajando por outros motivos e que proclamavam a sua fé para quem encontravam."⁵¹

Ao longo deste período esta religião passa a ser uma forma de identificação entre indivíduos de diferentes regiões do mundo. Essa identidade cristã parece ultrapassar os limites tanto do Império romano como de outras unidades políticas, criando uma comunidade que embora ampla, mantinha contato entre si de forma constante. Wilfred Cantwell Smith considera este recorte temporal como pertencente ao que ele denomina de *scriptural movement*,⁵² em referência às várias tendências religiosas do Oriente Próximo dos primeiros séculos da era de Cristo até a Antiguidade Tardia, que foram chamadas por Max Muller de *religions of the book*.⁵³

Dessa forma, neste período, podemos ver diversas religiões que tinham no livro uma importante ferramenta de adoração e legitimação. Não devemos, no entanto, acreditar que a importância atribuída às Escrituras Sagradas fazia parte apenas do Cristianismo, sendo que esta teve uma origem muito anterior. Ainda assim, o uso de livros foi parte significativa da caracterização e do crescimento da religião cristã. Como afirma Guglielmo Cavallo, "O Cristianismo, de fato, considerava o códice escritural [bíblico] meio de difusão da palavra divina".⁵⁴ Embora a concepção dos livros que compõem o que conhecemos hoje como Bíblia tem uma história própria e a construção da sua canonicidade tenha sido um processo longo e permeado também de conflitos internos, as Escrituras Sagradas serviram como um

⁴⁹ LEYERLE, Blake. Mobility and the Traces of Empire. In.: ROUSSEAU, P. (Ed.). **A companion to Late Antiquity**. Willey - Blackwell, 2009. p. 112.

⁵⁰ WOOD, Ian. Christianisation and the Dissemination of Christian Teaching. In.: FOURACRE, P. (Ed.). **The New Cambridge Medieval History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 710.

⁵¹ DE PAOR, Liam. Saint Patrick's World. Four Courts Press, Dublin: 1993. p. 8.

⁵² SMITH, W. C.. **What is Scripture?** A Comparative Approach. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

⁵³ MULLER, apud. STROUMSA, Guy G. The Scriptural Movement of Late Antiquity and Christian Monasticism. **Journal of Early Christian Studies**, Volume 16, Number 1, Spring 2008, p. 65-6

⁵⁴ CAVALLO, Guglielmo. Libros y público a fines de la Antigüedad. In.: CAVALLO, Guglielmo. (Dir.). **Libros, editores y público en el Mundo Antiguo: Guía Histórica y crítica**. Juan Signes Codoñer (trad.). Alianza, 1995. p. 135-6.

parâmetro que auxiliou na construção de comunidades cristãs, fornecendo elementos de identificação entre diferentes pessoas, locais e períodos.⁵⁵

Com a importância dada aos livros sagrados, vemos também a movimentação de um grande fluxo de outros escritos além da Bíblia. Para Guy Stroumsa, foi no meio monástico que tal movimento foi mais presente e no qual "uma nova cultura do livro nasceu."⁵⁶ Ainda assim, nos círculos cristãos, as obras dependiam basicamente de um sistema de troca "entre uma elite alfabetizada, [...] seja leiga ou clerical."⁵⁷

Um bom exemplo de autor que integrava esta comunidade textual que se fortificou com o Cristianismo foi Jerônimo, um religioso que nasceu em Estridão, perto de Aquiléia, na região da Dalmácia, por volta de 347 d.C., mas que viajou para diferentes regiões do mundo romano e escreveu inúmeras obras, assim como diversas cartas,⁵⁸ nas quais é possível encontrar menções da constante circulação de textos no seu contexto. Também inserido na cultura de troca de presentes, este autor dedicava boa parte de suas obras para pessoas específicas, geralmente patrocinadores de seus escritos. Segundo Megan Hale Williams,

a habilidade com que ele inseriu esses trabalhos na economia da troca de presentes entre as elites romanas tardias foi recompensada tanto com um público ávido quanto com o apoio financeiro para suas atividades literárias.⁵⁹

É a partir dele também que podemos pensar na conexão mais específica entre a Ilha da *Britannia* com outras partes do Mediterrâneo. Por volta de 397 d.C., Lucinus da Bética enviou um grupo de seus escravos para Belém, a fim de copiarem toda a obra de Jerônimo, e trazerem consigo os escritos do autor para a região da *Hispania*. A partir daí, amigos de Lucinus poderiam solicitar e copiar estes textos, aumentando sua circulação. Além deste caso em particular, encontramos nas cartas de Jerônimo vários outros exemplos deste tipo de circulação e da criação de uma

⁵⁵ PINHEIRO, Rossana Alves Baptista. Cristianismo e *Ecclesia* na passagem da Antiguidade Tardia para a Idade Média. In.: **Revista História e Cultura**, Franca-SP, v.2, n.3 (Especial), p.297-317, 2013. p. 297-8.

⁵⁶ STROUMSA, Guy. The Scriptural Movement of Late Antiquity and Christian Monasticism. In.: **Journal of Early Christian Studies**, Volume 16, Number 1, Spring 2008. p. 68.

⁵⁷ WILLIAMS, Megan Hale. **The Monk and the Book: Jerome and the Making of Christian Scholarship**. Chicago: University Of Chicago Press, 2006. p. 243

⁵⁸ FARMER, D. H.. **The Oxford Dictionary of Saints**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 451

⁵⁹ WILLIAMS, op. cit., p. 234-241.

série de laços entre Belém e monges, padres e bispos na Gália, Norte da África e outras regiões.⁶⁰

Outro caso é apontado por Sidônio Apolinário⁶¹, bispo de Clermont-Ferrant na Gália, no século V, ao escrever para seu amigo Faustus, afirma que um padre a caminho da *Britannia* carregando consigo escritos de Faustus teria ficado na cidade por dois meses, sem divulgar, no entanto, que possuía tais livros. Sidônio descreve então como teve que perseguir o padre após descobrir sobre os textos, juntamente com vários escribas que ao o alcançarem, começaram prontamente as suas cópias.⁶² A partir desta narrativa, percebemos como textos poderiam se movimentar entre os círculos eclesiásticos ao longo da Antiguidade Tardia.

Juntamente com esta circulação de indivíduos, livros e outros documentos, ideias e concepções de mundo também se movimentavam e se espalhavam por diversas localidades criando redes de contato e de identificação entre indivíduos que possuíam, de maneira primordial, o Cristianismo como elementos de união. Essa ideia de uma comunidade universal, unida pela fé cristã e que ia além dos limites do mundo romano, parece ter chegado também à *Britannia* de Gildas.

O historiador S. T. Loseby afirmou em um de seus textos que durante os séculos IV e V a "*Britannia* teria, de fato, derivado para a periferia da civilização"⁶³ do período. Contudo, tal afirmação levanta algumas problemáticas. Afinal, a Ilha estaria em um posição periférica em relação a que centro? O que e quem define este centro? Novamente podemos perceber a análise de questões feitas partindo da ideia de que Roma, ou o Império romano de maneira mais geral, como o centro dos acontecimentos. Como já discutido aqui, acreditamos ser necessária uma abordagem que pense o Mundo Tardo Antigo como interligado ao mesmo tempo em que analisamos contextos mais específicos. O Cristianismo, partindo da ideia explorada acima, da religião como formadora de uma comunidade cristã que ia além de limites geográficos e políticos, é uma forma de analisarmos o contexto da

⁶⁰ WILLIAMS, Megan Hale. **The Monk and the Book: Jerome and the Making of Christian Scholarship**. Chicago: University Of Chicago Press, 2006. p. 245-247.

⁶¹ Sidônio foi uma personagem muito influente em seu contexto. Provinha de uma família nobre e foi o "último galo-romano a ser *Praefectus Urbi* em Roma (468-9), [...] também foi responsável pela escrita de panegíricos para três imperadores (Antêmio, Majoriano e Ávito)" este último sendo seu sogro. HARRIS, Jill. Sidonius Apollinaris. In.: NICHOLSON, O.. **The Oxford Dictionary of Late Antiquity**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 1379

⁶² SIDONIUS APOLLINARIS, *Ep.* 9.9.6-8. In.: **The Letters of Sidonius, vol. II**. Tradução, Introdução e Notas por O. M. D. Dalton. Oxford: Clarendon Press, 1915. p. 189-91.

⁶³ LOSEBY, S. T.. Power And Towns In Late Roman Britain And Early Anglo-Saxon England. In.: RIPOLL, Gisela; GURT, Josep M. (eds.). **Sedes regiae** (ann. 400-800) (Barcelona, 2000). p. 319.

Britannia como participante da tardo antiguidade e não como região periférica e isolada.

Na *Britannia* é provável que o Cristianismo tenha chegado da mesma forma como a religião se espalhou pelo continente. Conforme afirma Liam De Paor, muito antes da dominação romana da Ilha em 43 d.C. já havia um considerável comércio entre a região e o resto do mundo antigo.⁶⁴ Por meio dessas rotas comerciais, indivíduos circulavam e levavam consigo suas crenças e culturas.

Contudo, não é possível delimitar com certeza quando as práticas cristãs começaram a aparecer na *Britannia*. As primeiras menções sobre isto foram feitas por Tertuliano e Orígenes, ambos teólogos do Norte da África, e que afirmavam, por volta do ano 200 d. C., que "o Cristianismo era praticado em partes da *Britannia* fora dos assentamentos romanos" e, ainda, que seu crescimento fora tão grande que Orígenes se referia a ele como uma "força unificadora".⁶⁵ Embora tais indivíduos estivessem falando de uma região tão distante da Ilha, a menção por si só nos permite inferir a existência do Cristianismo na *Britannia* já no século III d. C..

Arqueologicamente falando, segundo Charles Thomas, não há referências contemporâneas à igrejas, isto é, prédios que serviam como local de adoração dos cristãos, na *Britannia* dos séculos V e VI, seja em documentos históricos ou inscrições.⁶⁶ Mas, isso talvez se deva mais ao fato de que, nesse período, não haveria ainda um termo que definisse tal construção. Um dos termos que provavelmente seria utilizado é *ecclesia*. Este, contudo, não serviria para se referir exclusivamente as construções dedicadas ao culto cristão, mas também poderia indicar uma congregação de cristãos, isto é, uma comunidade de religiosos que professavam o Cristianismo, não fazendo necessariamente alusão a um local de adoração exclusivo para isso. Segundo Thomas, o termo *ecclesia* significando apenas um grupo de cristãos teria provavelmente chegado na Ilha por volta do final do segundo ou terceiro século. No século V, para São Patrício "*ecclesia* significava apenas 'a Igreja Universal'".⁶⁷

Ainda assim, por meio da documentação disponível é possível perceber que a instituição da igreja perpassou por um processo de organização desde a sua

⁶⁴ DE PAOR, Liam. **Saint Patrick's World**. Four Courts Press, Dublin: 1993. p. 9.

⁶⁵ ALCOCK, Joan P.. **A Brief History of Roman Britain**. London: Robinson Publishing, 2011. p. 141.

⁶⁶ THOMAS, Charles. **Christianity in Roman Britain to AD 500**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1981. p. 143.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 148.

chegada na ilha britânica. Durante o período imperial essas instituições se baseavam normalmente nas províncias, com a sé episcopal localizada na capital de cada *civitas*. É de se esperar que essa estrutura tenha se mantido, pelo menos em algum nível, dessa forma durante a Antiguidade Tardia, embora não completamente.⁶⁸

Quando falamos sobre o Cristianismo na *Britannia*, a sua relação com a Ilha vizinha precisa ser lembrada. De acordo com Charles-Edwards, a emergência de uma comunidade cristã na Irlanda no século V foi contemporânea às invasões e assentamentos irlandeses na *Britannia*.⁶⁹ As autoridades eclesiásticas na Irlanda, segundo De Paor, seriam indivíduos advindos tanto da *Britannia* como da Gália, o que atesta para uma conexão entre essas regiões.⁷⁰

Portanto, mesmo que muitas vezes seja afirmado que a Irlanda não foi dominada pelos romanos e, assim, não sofreu nenhum tipo de influência, isso não significa que aspectos da cultura romana, existentes na *Britannia*, não tenham sido trocados com os habitantes da então *Hibernia*. O contato entre essas duas Ilhas pode ser visto como constante, tanto de maneira hostil como amistosa, e permitiu uma troca de ideias, objetos e culturas de forma bilateral, isto é, ambos os lados contribuíram nessa troca. Então, nem a Irlanda foi apenas romanizada por meio da *Britannia*, nem esta foi apenas celticizada ou barbarizada pela Irlanda.

Mas, é interessante pensar que, no tempo de Gildas, o Cristianismo já era praticado na Irlanda, sendo um britânico, São Patrício, grande responsável pela evangelização da Ilha da *Hibernia* algumas décadas antes do provável nascimento de Gildas (c. 500). Ainda assim, este não menciona nada relacionado à isto e, ainda, trata escotos (irlandeses) como um povo externo, bárbaro, pagão e inimigo dos britânicos. Talvez isso se deva à uma tentativa de Gildas de criar uma narrativa de unidade britânica, principalmente sob um viés cristão. Para isso, era necessário delimitar de maneira contundente o outro, o diferente, o inimigo. Devido à antiga prática de ataques irlandeses à Ilha da *Britannia* e da possível ameaça às dinastias britânicas (se considerarmos os prováveis assentamentos e até mesmo o comando de reinos por irlandeses que se estabeleceram na região, como apontado por Charles-Edwards), é possível inferir que não seria interessante para os objetivos da

⁶⁸ DE PAOR, Liam. **Saint Patrick's World**. Four Courts Press, Dublin: 1993. p. 15-16.

⁶⁹ CHARLES-EDWARDS, **Wales and the Britons**. Oxford: Oxford U. P., 2013. p. 182.

⁷⁰ DE PAOR, op. cit., p. 4.

narrativa de Gildas, naturalizar a presença e o poder de indivíduos que não fossem britânicos na região.

Na sequência, buscaremos refletir um pouco mais sobre a relação da *Britannia* com a *Hibernia* e o Continente, por meio de uma breve análise de três personagens cristãos: Patrício, Pelágio e Gildas, sendo que cada um estabelece um tipo de relação diferente entre a Ilha e o resto do mundo.

1.2. PATRÍCIO, PELÁGIO E GILDAS: ENTRE O MAR IRLANDÊS E O CONTINENTE

Embora saibamos ainda menos sobre a inserção do Cristianismo na *Hibernia*, duas personagens são muito importantes para pensarmos sobre a religião na Ilha, Paládio e Patrício. Próspero de Aquitânia, em sua obra *Epitoma Chronicon*, relata que Paládio teria sido enviado pelo então Bispo de Roma, Celestino, "aos irlandêses que creem em cristo" por volta do ano de 431.⁷¹ Dessa maneira, nos parece que o clérigo não foi enviado necessariamente numa missão de evangelização, mas sim para auxiliar e, talvez, solidificar uma congregação cristã já existente na região, seja qual for o seu tamanho.

Segundo Charles-Edwards, o possível motivo desse envio tenha sido a provável ameaça do pelagianismo, heresia que se espalhava por várias partes do mundo antigo e que será trabalhada logo mais. Seja lá qual fosse a intenção por trás do envio de Paládio à Irlanda, o que neste relato nos interessa é o fato dele apontar para a relação entre as igrejas de Roma, *Britannia* e *Hibernia*. Patrício também corrobora para essa conexão. Este foi um clérigo nascido na *Britannia* e que auxiliou na expansão da religião nas Ilhas Britânicas.

Segundo R. P. C. Hanson, no período no qual ele vivia, o Cristianismo era praticado por grande parte dos britânicos, já que era associado à uma cidadania romana.⁷² A família de Patrício parece indicar uma presença constante de práticas

⁷¹ SANTOS, D.. **Patrício: A Construção da Imagem de um Santo**. 2012. 242 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. p. 73.

⁷² HANSON, apud SANTOS, D.. **As Representações da Cristianização da Irlanda Celta: Uma Análise das Cartas de São Patrício (V Séc. d. C.)**. 2008. 152f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, 2008. p. 49

cristãs ao longo de diferentes gerações, sendo seu avô um presbítero e seu pai diácono.⁷³ Tendo sido sequestrado com dezesseis anos por piratas e levado para ser vendido como escravo na Irlanda, Patrício viveu na região por cerca de seis anos até conseguir retornar à *Britannia*. Em 432 teria decidido voltar para a Irlanda afim de exercer uma missão evangelizadora.⁷⁴

Durante seu período como evangelizador dos irlandeses, o clérigo teria escrito pelos menos dois documentos sobre os quais temos conhecimento na atualidade. O primeiro é conhecido como *Confessio* que, segundo Dominique Santos, teria sido escrito já no final de sua vida, por volta do ano 450 d.C.. Esta seria uma espécie de autobiografia, na qual o autor "fala dos problemas que enfrentou em suas diversas viagens, seus desafios, e revela um pouco de sua personalidade."⁷⁵ O segundo, *Epistola ad Milites Corotici*, é uma epístola escrita para *Coroticus*, um chefe de soldados que perseguia, matava e aprisionava os cristãos irlandeses, entregando-os para pictos, povo não-cristão que habitaria a região que na atualidade corresponde à Escócia.⁷⁶

Na *Confessio*, Patrício busca se defender de acusações de que ele havia ido para a Irlanda com o propósito de ganhar dinheiro com a sua pregação. Os acusadores parecem ter sido membros do clero britânico e, para Santos, Patrício parece respeitar a autoridade destes inquisidores, já que em nenhum momento questiona o ato de crítica cometido por eles.⁷⁷ Temos então uma relação estabelecida entre a Igreja na *Britannia* e na Irlanda, sendo Patrício um dos elementos fundadores desta conexão.

Além desta relação com a Ilha vizinha, segundo David Petts, a igreja britânica na Antiguidade Tardia é vista como tendo "fortes laços (teológicos, artísticos e institucionais) com a parte sul e oeste da França, o Mediterrâneo e, por

⁷³ SANTOS, D.. Os Livros das Cartas do Bispo São Patrício. In.: **Brathair 7 (1)**, 2007: p. 107.

⁷⁴ É importante destacar, como afirma Santos, que "não temos como saber com certeza quando Patrício nasceu, quando foi raptado, quando foi para a Irlanda. Todas as datas relacionadas a Patrício [...] são incertas e artificiais." Portanto, a datação fornecida aqui é reconhecida como relativa e passíveis de alteração. SANTOS, D.. **Patrício: A Construção da Imagem de um Santo**. 2012. 242 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. p. 74-79.

⁷⁵ SANTOS, Dominique (trad.). Introdução. In.: São Patrício, *Confessio*. **Royal Irish Academy Saint Patrick's Confessio Hypertext Stack Project**. Disponível em: https://confessio.ie/etexts/confessio_portuguese#. Acesso em: 19/12/2018.

⁷⁶ SÃO PATRÍCIO. *Epistola ad Milites Corotici*. SANTOS, Dominique (trad.). **Royal Irish Academy Saint Patrick's Confessio Hypertext Stack Project**. Disponível em: https://confessio.ie/etexts/epistola_portuguese#undefined. Acesso em: 19/12/2018.

⁷⁷ SANTOS, D.. **As Representações da Cristianização da Irlanda Celta: Uma Análise das Cartas de São Patrício (V Séc. d. C.)**. 2008. 152f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, 2008. p. 58.

fim, com o Mundo Bizantino por meio das via marítimas do Atlântico."⁷⁸ Portanto, é possível assumirmos que durante o século quarto, a igreja britânica era vista como parte da mais ampla igreja romana. Ao longo do século IV podemos indicar, por exemplo, a participação ativa de clérigos britânicos em eventos da Igreja no Continente. Dois exemplos são o Sínodo de Arles, chamado pelo Imperador Constantino no ano de 314 e que contou com a presença de, pelo menos, três bispos britânicos. E novamente em 359, no Sínodo de Rimini, convocado por Constâncio II, contamos também com a presença de três bispos, provavelmente das mesmas sés dos que compareceram em Arles.⁷⁹

Outra personagem que participa de ativas discussões eclesiais no Continente mas é indicada como de possível origem britânica foi Pelágio, (c. 350 - c. 418 d.C.), um teólogo e reformador ascético. Defensor de um modo de vida austero, este eclesiástico é atribuído como o criador de um movimento que foi considerado como herético por outros setores da Igreja Cristã, o pelagianismo. Este que, por si só, é um exemplo da conexão de acontecimentos entre a Ilha da *Britannia* e o Continente, não pode ser percebido como um movimento organizado, mas consistiu, na realidade, de diversos indivíduos e suas ideias associadas à Pelágio e rejeitadas pela Igreja.⁸⁰ Algumas das principais convicções destes estavam relacionadas com a ideia de graça, predestinação⁸¹ e ao livre arbítrio como um "presente divino e duradouro."⁸²

Embora o foco das discussões quanto ao pelagianismo tenha ocorrido no Continente, alguns documentos históricos afirmam que haveria na *Britannia*, em meados do século V, uma gradual adoção aos ideais defendidos por Pelágio e seus seguidores. Para combater esta heresia, Germano, Bispo de Auxerre e Lupus, Bispo de Troyes, são enviados para a Ilha.⁸³

De acordo com Dumville, o pelagianismo teria tido uma particular significância para os cristãos britânicos, sendo que esse movimento teria uma

⁷⁸ PETTS, David. Christianity and Cross-Channel Connectivity in Late and Sub-Roman Britain. In.: HAARER, F., et al. (Orgs.). **AD410: The History and Archaeology of Late and Post-Roman Britain**. Society for the Promotion of Roman Studies. 2004. p. 73

⁷⁹ CHADWICK, Nora. **The Age of Saints in the Early Celtic Church**, Oxford, 1961. p. 14

⁸⁰ WEAVER, Rebecca. Pelagius, Pelagianism, and Semi-Pelagianism. In.: NICHOLSON, O.. **The Oxford Dictionary of Late Antiquity**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p.1155.

⁸¹ SANTOS, D.. **As Representações da Cristianização da Irlanda Celta: Uma Análise das Cartas de São Patrício (V Séc. d. C.)**. 2008. 152f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, 2008. p. 49-50.

⁸² WEAVER, op. cit., p.1155.

⁸³ PETTS, op. cit., p. 75

relação com as ilhas britânicas de duração e importância incerta após 430 d.C.. Contudo, para este autor seria significativo que na região da sudeste da Gália, as práticas monásticas teriam simpatizado com alguns dos ensinamentos de Pelágio até, pelo menos, o século VI.⁸⁴ Conforme vimos, a *Britannia* mantia um constante contato também com a Gália e, ainda, como será explorado a seguir, existe uma possível relação entre os movimentos monásticos das duas regiões.

Contudo, ainda que a *Britannia* e a Gália tenham mantido considerável contato, não podemos afirmar que as práticas cristãs fossem idênticas nas duas regiões. Dumville argumenta que o tamanho da *Britannia* e seu caráter insular teriam permitido um nível de homogeneidade social que facilitaria a aceitação do Cristianismo de uma forma que não teria ocorrido na Gália.⁸⁵ No entanto, acreditamos que tal consideração pode ser um pouco precipitada. Como já afirmado, a *Britannia* nunca foi habitada por grupos completamente homogêneos, nem antes, durante, ou depois da dominação romana. Portanto, por mais que a Ilha seja uma região mais delimitada, isso não significa que a religião cristã tenha sido aceita facilmente ou de maneira uniforme por todas as partes da ínsula.

Ainda assim, percebemos que após a retirada administrativa romana da Ilha, que tradicionalmente é vista como ocorrendo na primeira década do século V, o Cristianismo é um dos elementos de continuidade e permanência com o passado provincial britânico, sendo que a obra de Gildas, escrita não mais de um século depois, atesta para a existência de um clero atuante na região.

Gildas é certamente uma personagem intrigante. Sendo uma das únicas fontes escritas da *Britannia* e praticamente contemporânea aos acontecimentos dos séculos V e VI, ele e seus escritos são essenciais para pensarmos o recorte aqui delimitado. Ao mesmo tempo, as informações que possuímos sobre ele são poucas e muitas vezes obscuras. Até mesmo seu nome levanta alguns questionamentos. Para J. Lloyd⁸⁶ e Nora K. Chadwick,⁸⁷ este nome tem origem galesa, enquanto que Patrick Sims-Williams sugere que "Gildas" talvez nem fosse o nome verdadeiro do

⁸⁴ DUMVILLE, D. N.. The origins and early history of Insular monasticism : aspects of literature, christianity, and society in Britain and Ireland, A.D. 400-600. **Kansai University Institutional Depository**, 30. 1997. p. 87.

⁸⁵ Ibid., p. 89-90.

⁸⁶ LLOYD, J.E.. **A History of Wales**, 3rd edition, London: Longmans, 1930.

⁸⁷ CHADWICK, N.K.. 'The Lost Literature of Celtic Scotland. In.: **Scottish Gaelic Studies** 7: 115-83, 1953.

autor, mas sim um pseudônimo criado por ele como uma forma de proteção dos governantes que critica.⁸⁸

Na própria *De Excidio*, o autor não indica muitos aspectos sobre a sua vida. Nesse sentido, ele não afirma onde nasceu, nem onde escreve a *De Excidio*, nem mesmo delimita o que *Britannia* significa para ele geograficamente, a Ilha como um todo ou apenas determinada região. No entanto, tentar delimitar que região faz parte do contexto de formação e de fala de Gildas é importante e pode modificar a forma como interpretamos a sua fala. Segundo Thomas O'Sullivan, a própria nacionalidade do clérigo teria sido contestada por alguns autores devido ao alto grau de críticas que Gildas efetua aos próprios britânicos. Refutando uma série de teorias, O'Sullivan afirma que o clérigo era sim britânico, mas, ainda assim, questiona de que parte da Ilha ele faria parte.⁸⁹ Afinal, uma origem mais do norte da *Britannia* poderia transformar completamente o discurso de Gildas.

Duas hagiografias foram escritas sobre Gildas, mas ambas são extremamente posteriores ao tempo de vida do clérigo. Ainda assim, não podemos descartá-las tão facilmente. Contudo, alguns cuidados devem ser tomados, tanto pelo fato de serem documentos produzidos em períodos diferentes daquele no qual nossa personagem viveu, como pelas características específicas que as obras hagiográficas possuem. Uma dessas hagiografias, escrita por Caradoc de Llancarfan (atual País de Gales), por volta dos anos 1130-1150, afirma que Gildas seria filho de Nau, rei da Escócia. Este rei possuiria vinte e quatro filhos, todos guerreiros, e Gildas seria um deles.

Já a outra hagiografia foi escrita por um monge anônimo de Ruys, na Bretanha Francesa por volta do século IX. Esta nos diz que ele seria filho de Caunus e teria nascido em Arecluta, região que atualmente é conhecida como *Strathclyde*, na Escócia. Dessa forma, ambas as hagiografias dão uma nacionalidade ligada ao norte da *Britannia*.⁹⁰ No período de Gildas, o mais provável grupo que habitava a região seriam os pictos. Molly Miller⁹¹ e Edward Thompson⁹² são dois autores que

⁸⁸ SIMS-WILLIAMS, apud LARPI, Luca. *Prolegomena to a new edition of Gildas Sapiens, De excidio et conquestu Britanniae*. Tese de Doutorado. Universidade de Manchester. 2008. p. 15

⁸⁹ O'SULLIVAN, T. D. *The De Excidio of Gildas: Its Authenticity and Date* (Columbia Studies in the Classical Tradition). Brill Academic Publishers, 1997. p. 23.

⁹⁰ WILLIAMS, Hugh (trans.). *Two Lives of Gildas by a monk of Ruys and Caradoc of Llancarfan*. First published in the Cymmrodorion Record Series, 1899.

⁹¹ MILLER, M. Bede's use of Gildas. In.: *English Historical Review* 90: 241-261, 1975.

⁹² THOMPSON, E.A.. Gildas and the History of Britain. In.: *Britannia* 10: 203-226, 1979.

defendem a localização do clérigo como sendo no norte, devido ao interesse de Gildas quanto a região.

No entanto, nem toda a historiografia concorda com essa localização. O'Sullivan⁹³ mesmo afirma que uma nacionalidade picta não seria muito plausível, se pensarmos a grande hostilidade que Gildas tem por este povo, chamando-os até mesmo de "vermes que saem de fissuras estreitas na rocha quando o sol está alto e o tempo fica mais quente."⁹⁴

Outro questionamento é levantado por Andrew Brezze. Em seu artigo, intitulado "Where was Gildas born?", Brezze lança uma teoria diferente em relação ao significado do nome Arecluta, descrita na hagiografia de Gildas. Segundo ele, por meio de uma análise linguística do topônimo, a *vita* escrita pelo monge de Rhuyt estaria se referindo à *Arclid*, uma paróquia da cidade de Cheshire, no nordeste da atual Inglaterra,⁹⁵ uma região que, no período de Gildas, seria ainda um ponto de resistência britânico ao avanço anglo-saxão.

Por mais inovadora que esta teoria seja, ela está pautada apenas em uma fonte extremamente problemática, por ter sido escrita cerca de três séculos depois do contexto de Gildas e, também, por ser escrita por um monge da Bretanha Francesa que, provavelmente, não teve contato direto com a região da *Britannia* sobre a qual narra.

Outro historiador que busca compreender o recorte geográfico de Gildas, este partindo primariamente da *De Excidio*, é Nicholas Higham. O autor analisa de forma mais detalhada a descrição geográfica existente na obra e, por meio desta análise, assinala para uma região mais ao sul e sudoeste da Ilha. Além da descrição feita por Gildas, Higham analisa também a relação que o autor parece ter com os cinco reis aos quais escreve. Para ele, a identificação que o clérigo parece ter com as vítimas de Constantino, governante do reino da *Dumnonia* (região sudoeste da Ilha), e os detalhes que Gildas relata sobre este reino indicariam uma proximidade com tal localidade. Dessa maneira, o clérigo estaria localizado na região da *Britannia*

⁹³ O'SULLIVAN, T. D. **The De Excidio of Gildas: Its Authenticity and Date** (Columbia Studies in the Classical Tradition). Brill Academic Publishers, 1997. p. 24.

⁹⁴ GILDAS, *De Exc.*, 19.1. p. 23.

⁹⁵ BREZZE, Andrew. Where was Gildas born? In.: **Northern History**, XLV: 2, Setembro, 2008.

Prima, em uma área centrada na terra dos Durotriges no período romano, e por volta das modernas cidades de Somerset, Wiltshire ou Dorset.⁹⁶

Por outro lado, Patrick Sims-Williams acredita que é impossível delimitar com certeza o recorte geográfico de Gildas por três motivos: seu discurso pode ter sido influenciado por suas fontes, alguns locais mencionados na *De Excidio* podiam ser conhecidos de maneira geral por toda a Ilha e, por fim, Gildas não fornece evidências o suficiente para identificarmos a sua localização.⁹⁷ Levando em consideração as colocações desses autores, acreditamos que, embora não seja possível afirmarmos com certeza a região da qual Gildas fazia parte, parece ser mais provável, devido à alguns fatores, que ele tenha crescido mais ao sul da Ilha. O que todos os autores parecem concordar é que ele faria parte da região oeste da Ilha.

Além dessa dificuldade de posicionar esta personagem em um local específico, por décadas, alguns historiadores consideraram Gildas como uma personagem isolada da tradição clássica e imersa em uma cultura puramente insular e foi, assim, taxado, por parte da historiografia, como um autor obtuso, não confiável e desconectado do Continente.⁹⁸ Foi apenas a partir das décadas de 60 e 70 que esta perspectiva começou a se alterar, principalmente a partir de trabalhos como o de François Kerlouégan⁹⁹ e Thomas O'Sullivan,¹⁰⁰ os principais críticos e analistas da obra de Gildas. A partir destes autores, a visão de isolamento já não pode mais ser defendida.

Certamente, um dos elementos que o conectava ao resto do mundo era o Cristianismo. Não é possível delimitar com certeza qual era sua posição dentro da igreja na *Britannia* no momento de escrita da *De Excidio*, porém, é provável que o autor fosse um diácono que, em algum momento de sua vida conquistou a posição

⁹⁶ HIGHAM, Nicholas. Old light on the Dark Age landscape: the description of Britain in the *De Excidio Britanniae* of Gildas. *Journal of Historical Geography*, 17, 4 (1991). p. 368-9.

⁹⁷ SIMS-WILLIAMS, apud LARPI, Luca. *Prolegomena to a new edition of Gildas Sapiens, De excidio et conquestu Britanniae*. Tese de Doutorado. Universidade de Manchester. 2008. p. 19.

⁹⁸ Sobre isso ver: JOYCE, S. J.. *Rome burns brightly still: contextualising Gildas's De Excidio Britanniae*. Diss. Monash University. Faculty of Arts. School of Philosophical, Historical and International Studies, 2013. p. 15. e HIGHAM, N.. *The English Conquest: Gildas and Britain in the Fifth Century*. Manchester: Manchester University Press, 1994.

⁹⁹ KERLOUÉGAN, François. *Le De Excidio Britanniae de Gildas*. Les destinées de la culture latine dans l'île de Bretagne au VIe siècle. Paris: Presses de La Sorbonne, 1987.

¹⁰⁰ O'SULLIVAN, T. D.. *The De Excidio of Gildas: Its Authenticity and Date* (Columbia Studies in the Classical Tradition). Brill Academic Publishers: New York, 1978.

de abade em um monastério.¹⁰¹ Segundo Nora Chadwick, a posição de diácono no período seria uma das mais importantes, estando em terceiro na hierarquia da Igreja, depois apenas do Bispo e do Arcebispo.¹⁰²

De acordo com Isidoro, bispo de Sevilha, na *Hispania*, que teria vivido na primeira metade do século VII, além de outras posições dentro da Igreja, o bispado podia ser dividido em quatro tipos diferentes, o patriarca, o arcebispo, os metropolitanos e os bispos de fato. Essa distinção delimitava as funções de cada um, sendo que o arcebispo possuiria a posição mais alta dentro desta hierarquia e responsável pelos outros bispos.¹⁰³ Ainda que Isidoro se encontrasse cerca de um século após a escrita da *De Excidio* por Gildas e também em um contexto diferente do britânico podemos inferir que a hierarquia da Igreja não se alterasse tanto de uma região para outra. A historiadora Robin Fleming defende que algumas dessas posições eclesásticas podem sim ser percebidas na *Britannia*, pelo menos na região Oeste.¹⁰⁴

O que podemos perceber, como afirma Peter H. Sawyer, na própria narrativa de Gildas, é que este foi um "homem completamente familiarizado com a literatura da Igreja e que havia sido treinado não só para ler, compreender e interpretar, mas também para escrever em Latim."¹⁰⁵ Embora muitos autores já tenham considerado o Latim de Gildas como pobre ou completamente isolado de outros escritores do continente, recentemente, a historiografia tem abordado cada vez de forma mais incisiva o mundo desse clérigo britânico como não restrito à Ilha da *Britannia*, os estudos gildasianos mais recentes têm repensado também a escrita de Gildas, demonstrando que há uma complexidade no seu Latim que necessita de uma maior atenção.

O historiador Michael Lapidge assinala a importância de tentarmos compreender um pouco melhor a educação pela qual Gildas teria passado. Para este autor, a formação do clérigo teria sofrido uma maior interferência da educação latina romana e não de uma educação primária eclesástica já que, de acordo com Lapidge, em uma escola episcopal os estudos de textos clássicos e de retórica não

¹⁰¹ DARK, Ken. **Britain and The End of the Roman Empire**. Reino Unido: The History Press, 2011. p. 35.

¹⁰² CHADWICK, Nora. **The Age of Saints in the Early Celtic Church**, Oxford, 1961. p. 16

¹⁰³ ISIDORO DE SEVILHA, Etimologias, VII, 12, 4 e 6.

¹⁰⁴ FLEMING, Robin. Belief and Ritual. In.: FLEMING, Robin. **Britain after Rome: the fall and rise - 400 to 1070**. Londres: Penguin Books, 2011. p. 126

¹⁰⁵ SAWYER, P. H.. **From Roman Britain to Norman England**. Londres: Routledge, 2002. p. 15.

eram foco principal¹⁰⁶. Estes dois pontos são identificados pelo autor ao comparar partes da *De Excidio* com partes de autores clássicos, como Virgílio, autor da Eneida e principal base para o ensino do Latim em Roma.¹⁰⁷ Portanto, Gildas teria recebido uma educação privada de um *rethor*, função responsável também pela educação dos jovens romanos.

O que é possível afirmar é que, ao analisarmos sua narrativa, percebemos que Gildas estava profundamente inserido em uma cultura cristã. Mas, contrário à ideia de que a igreja na *Britannia* era completamente diferente da Continental, ou romana, Gildas atesta para uma constante relação entre as comunidades religiosas na Antiguidade Tardia, o que não descarta as especificidades e diferenças de cada região.

Assim, um ponto que atesta para o constante diálogo entre *Britannia* e Continente, é o fato de que o próprio Gildas afirma que, para escrever sua epístola, utilizará não "resquícios de escritos nativos, uma vez que, se existiram, ou foram queimados por inimigos ou removidos pelos cidadãos quando foram para o exílio", mas sim "relatos estrangeiros, que têm frequentes lacunas não sendo claras o suficiente."¹⁰⁸ Com isso, podemos inferir que ele tinha acesso à obras escritas por autores do Continente.

Alguns estudiosos já se dedicaram a executar um exame atento de empréstimos e reminiscências verbais na *De Excidio Britanniae* que podem revelar algumas das obras que Gildas conhecia. Os livros da Bíblia são, de maneira contundente, a fonte principal do autor, na qual este baseia sua narrativa, tanto num sentido estético, como trabalhado pela historiadora Karen George, que assinala a utilização tanto da "repetição simétrica" quanto do "paralelismo", ambas utilizadas por Gildas e consideradas por David Howllet como principais "estilos bíblicos"; mas também moral, indo ao encontro da cultura literária cristã de seu período.¹⁰⁹ De acordo com Larpi, as citações da bíblia representam uma parte importante da *De Excidio*, cerca de 25% de todo o texto e, além disso, essa tendência de utilizar os

¹⁰⁶ LAPIDGE, Michael. Gildas education and the Latin culture of sub-roman Britain. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D. (org.). **Gildas: New Approaches**. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988. p. 31.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 28.

¹⁰⁸ GILDAS, *De Exc.*, 4.4. p. 17. Em Latim: [...] *quantum tamen potuero, non tam ex scriptis patriae scriptorumve monimentis, quippe quae, vel si qua fuerint, aut ignibus hostium exusta aut civium exilii classe longius deportata non compareant, quam transmarina relatione, quae crebris inrupta intercapedinibus non satis claret.* p. 90.

¹⁰⁹ GEORGE, Karen. **Gildas's De excidio Britonum and the early British church**. Studies in Celtic History 26, Woodbridge: Boydell Press, 2009. p. 2.

livros da Bíblia como testemunhas de seu relato pode ser observada em muitos outros autores cristãos, como João Cassiano, Salviano, Cipriano de Cartago, entre outros.¹¹⁰

Mas, não apenas textos das escrituras eram utilizados por clérigos no momento de criação de suas próprias narrativas. Como já observado por diversos autores, dentre eles Theodor Mommsen, François Kerlouégan e Neil Wright, é possível detectar diferentes níveis de referência a outros textos, tanto clássicos como religiosos na escrita de Gildas, ainda que não possamos determinar de maneira contundente de que forma o autor teve acesso a estas obras, nem mesmo todos os escritos que ele consultou.

Wright, partindo de análises anteriores, cria um "*index scriptorum*" indicando os autores e obras que teriam sido utilizadas pelo autor britânico, assim como os trechos específicos dos quais Gildas teria se utilizado em forma de citações, imitações e ecos, conforme indicado por Wright. Dentre várias possíveis referências encontradas no seu texto, a utilização da Eneida de Virgílio, como afirmado anteriormente, é inegável, já que o autor cita em diversas ocasiões, se utilizando da fórmula introdutória *ut dicitur*, principalmente passagens do Livro II da Eneida, o que, segundo Wright pode estar relacionado com o tema da destruição de Tróia encontrado neste volume, sendo este uma boa fonte para as vívidas imagens verbais que caracterizam o seu texto.¹¹¹

No entanto, talvez mais revelador, pelo menos para os objetivos desta pesquisa, seja a utilização de outros autores e obras ligadas ao Cristianismo, como João Cassiano (c. 360 - 435), Tiberius Claudius Donatus (c. 430s), Evágrio (c. 346 - 399/400), Jerônimo (c. 347 - 420), Juvenco (séc. IV), Paulo Orósio (c. 385 - 420?), Prudêncio (c. 348 - 410), Rufino de Aquiléia (c. 340/345 - 410), Célio Sedúlio (primeira parte do séc. V?), Sulpício Severo (c. 363 - 425) e Victricius de Rouen (c. 330 - 407). Autores que teriam vivido e escrito cerca de um século antes do nascimento do próprio Gildas e em regiões que vão desde a *Hispania* até Belém na Palestina.

O que é importante destacarmos é que no período de Gildas, já não mais encontramos a *Britannia* sob o poder do *imperium* dos romanos, ainda que o autor

¹¹⁰ LARPI, Luca. *Prolegomena to a new edition of Gildas Sapiens, De excidio et conquestu Britanniae*. Tese de Doutorado. Universidade de Manchester. 2008. p. 99.

¹¹¹ WRIGHT, Neil. Gildas's reading: a Survey. *Sacris Erudiri*: vol. 32, n°2., 1991.

pareça acreditar que estes são superiores aos britânicos, principalmente quanto ao aspecto militar. O autor aparenta conectar a *Britannia* a uma ideia de civilização ligada agora a visão de *Christianitas*, de pertença a uma comunidade que ia além dos limites da Ilha, mas também além do que havia sido o Império romano do Ocidente.

Um aspecto que parece ligar as duas Ilhas tanto entre si como com o resto do Mundo Antigo e Tardo Antigo é o monasticismo. Segundo Dumville, o monasticismo pode ser percebido como um elemento significativo para o desenvolvimento do Cristianismo nas ilhas britânicas durante os séculos VI e VII. Porém, embora práticas cristãs em si não fossem algo inédito na *Britannia* do século VI, é difícil estabelecer quando o movimento monástico começou a ser praticado nessa região e por qual via este chegou até a Ilha.¹¹²

Para Dumville, o monasticismo gaulês seria a provável fonte do monasticismo na região insular e parece ter surgido na segunda metade do século IV. Ainda de acordo com este autor, haveria na Gália duas vertentes monásticas sendo praticadas na região antes de 500 d.C. Uma estava associada à Martinho de Tours e seus discípulos, sendo mais presente na região oeste e Sulpício Severo e Victrício de Rouen seus principais escritores. Já a outra, estava centrada nos mosteiros de Lérans e Marselha além de outras partes da costa sudeste da Gália. Seus principais representantes seriam João Cassiano, Hilário de Arles e Vicente de Lérans.¹¹³

João Cassiano, com suas obras *Institutes* e *Conferences*, com seu caráter comparativo da vida em diferentes tradições monásticas do deserto na cristandade oriental, pode ter sido um dos pontos de influência do monasticismo na região insular, sendo que é possível que tanto Patrício quanto Gildas teriam tido acesso à esse autor de alguma forma.¹¹⁴ Martinho de Tours também pode ter influenciado a Ilha. Ele seria ex-militar romano, monge e, mais tarde, bispo de Tours no século IV, e grande responsável pelo monasticismo do que é hoje a região nordeste da França, sendo a sua vertente relativamente intolerante ao paganismo, com estratégias de

¹¹² DUMVILLE, D. N.. The origins and early history of Insular monasticism: aspects of literature, christianity, and society in Britain and Ireland, A.D. 400-600. **Kansai University Institutional Depository**, 30. 1997. p. 85-6.

¹¹³ Ibid., p. 86.

¹¹⁴ HERBENICK, Raymond M.. Essay Two: Patrick As Eastern Christian Monastic Pastoral Ethicist? In.: HERBENICK, Raymond M.. **On the Erudition of the Historical St. Patrick**. (Celtic Studies, 2). Edwin Mellen Press, 2000. p. 15.

conversão como a destruição de templos e ídolos pagãos. Embora não exista uma ligação direta entre Martinho e a *Britannia*, afinal esse provavelmente nunca visitou a Ilha, alguns de seus discípulos podem ter sido responsáveis pela influência desse movimento na região do Mar Irlandês.¹¹⁵ Como foi o caso de Victricio de Rouen, que teria visitado a *Britannia* por volta de 400 d.C.¹¹⁶ por causa de uma disputa eclesiástica e, possivelmente, além de ter participado de uma troca cultural com outros clérigos britânicos, pode ter também contribuído com a circulação de escritos de autores do Continente.

Quanto a obra de Gildas, podemos inferir que, ao escrever a *De Excidio*, o autor tinha em mente pelo menos dois grupos no âmbito eclesiástico. Um deles, de acordo com Dumville, seriam os pastores, irmãos na fé de Gildas e que "podemos assumir que faziam parte do clero secular" e estes seriam *paucissimi*, muito poucos.¹¹⁷ O outro grupo seria aquele que Gildas afirma louvar e preferir acima de "todas as riquezas do mundo. Se assim for, desejo e tenho sede de participar dessa vida por algum tempo antes de morrer."¹¹⁸ Como ele já fazia parte do clérigo secular, possivelmente como diácono, como visto anteriormente, podemos inferir que ele estivesse se referindo às ordens monásticas.¹¹⁹

Para Raymond Herbenick, David Dumville e Lesley Whiteside, também Patrício parecia estar ciente da existência de uma ética monástica tradicional dos Pais do Deserto no Egito, inclusive de suas biografias e escritos, sendo que, embora ele aparente fazer parte de nenhuma ordem monástica, é possível perceber uma postura ética e espiritual monástica nos escritos de Patrício¹²⁰

Além disso, segundo Dumville, antes do final do século V, Patrício estaria introduzindo alguns dos seus irlandeses convertidos à vida monástica. Embora não possamos afirmar que o bispo tenha sido o primeiro a incentivar o movimento na Irlanda, podemos supor que ele teria se tornado familiar com a teoria e a prática do

¹¹⁵ DARK, Ken. **Britain and The End of the Roman Empire**. Reino Unido: The History Press, 2011. p. 30.

¹¹⁶ DUMVILLE, D. N.. The origins and early history of Insular monasticism: aspects of literature, christianity, and society in Britain and Ireland, A.D. 400-600. **Kansai University Institutional Depository**, 30. 1997. p. 86-7.

¹¹⁷ GILDAS, *De Exc.*, 110.3. p. 142.

¹¹⁸ GILDAS, *De Exc.*, 65.2. p. 52. Em Latim: [...] *verum etiam cunctis mundi opibus praefero, cuiusque me, si fieri possit, ante mortis diem esse aliquamdiu participem opto et sitio*. p. 118.

¹¹⁹ DUMVILLE, op. cit., p. 97.

¹²⁰ HERBENICK, Raymond M.. Essay Two: Patrick As Eastern Christian Monastic Pastoral Ethicist? In.: HERBENICK, Raymond M.. **On the Erudition of the Historical St. Patrick**. (Celtic Studies, 2). Edwin Mellen Press, 2000. p. 15.

monasticismo durante o seu treinamento eclesiástico na *Britannia*, não mais tarde do que no meio do século V.¹²¹

Embora não possamos afirmar que o contexto da *Britannia* pós-romana seja exatamente o mesmo de outras regiões na Antiguidade Tardia, os habitantes remanescentes na Ilha não passaram, de um dia para o outro, a ter uma vida nos estilos pré-romanos e completamente nativo, mas compartilhavam de uma cultura "romano-cristã"¹²², faziam parte também da *Christiana Civilitas* e foram transformando tal sociedade aos longo dos séculos V e VI. É dentro desta visão de mundo, sob um viés religioso e extremamente crítico ao mundo secular, que devemos analisar a *De Excidio Britanniae* de Gildas.

Quando falamos em identidade, é importante destacarmos que este é um conceito complexo e que tem recebido diferentes contribuições tanto da historiografia como das Ciências Humanas de maneira geral. Conforme afirmou Robert Ree Davis, identidade "é relacional; é a alteridade que, geralmente, melhor serve para [...] salientar identidades."¹²³ Dessa forma, é a percepção do outro que afeta a identificação de alguém com a sua própria comunidade.¹²⁴ Além disso, diferentes aspectos podem compor identidades variadas, tanto no âmbito individual como no social. A construção identitária, considerando as afirmações de Denys Cuche, deve ser localizada "no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e, por isso mesmo, orientam suas representações e suas escolhas". Desta forma, elas são sempre dotadas de uma eficácia social e produtoras de efeitos sociais reais.¹²⁵

Nesse sentido, as construções de identidades religiosas, seja lá quais fossem estas, também afetavam a vida social e política de indivíduos por todo o Mundo Tardo Antigo. Conforme afirma Isabella Sandwell,

¹²¹ DUMVILLE, D. N.. The origins and early history of Insular monasticism: aspects of literature, christianity, and society in Britain and Ireland, A.D. 400-600. **Kansai University Institutional Depository**, 30. 1997. p. 93-4.

¹²² DARK, Ken. **Britain and The End of the Roman Empire**. Reino Unido: The History Press, 2011. p. 53

¹²³ DAVIES, R. R.. Presidential Address: The People of Britain and Ireland, 1100–1400, 1. Identities. **Transactions of the Royal Historical Society**, 1994, 4. p. 8-9.

¹²⁴ POHL apud SCHUSTEREDER, S. J.. **Strategies of identity construction: The writings of Gildas, Aneirin and Bede**. Bonn: Bonn University Press, 2013. p. 39.

¹²⁵ CUCHE, D.. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999. p. 182.

o que significa ser membro de uma religião só pode ser construído em relação ao que significa ser membro de outra religião, a interação religiosa é sempre um pré-requisito para a existência de identidades religiosas.¹²⁶

Portanto, as identidades cristãs são construídas em face às outras religiões, mas também em relação às diferentes práticas do Cristianismo que existiam ao longo da Antiguidade e Antiguidade Tardia. Assim, quando analisamos o discurso de Gildas quanto aos que ele considera como seus iguais podemos perceber a construção de uma identidade que valoriza o "eu" em detrimento do "outro", isto é, o "cristão" versus o "pagão". Ao desenvolver essa dinâmica identitária, algumas fronteiras podem ser ultrapassadas, afinal, se aqui o que delimita a identidade é o Cristianismo, diferenças na localização já não são tão importantes. Romanos, britânicos, galeses, entre outros, compartilhavam esta identidade que está ligada à religião cristã. Ainda assim, talvez isto seja um tanto simplificado. O próprio Cristianismo no século VI estava longe de ser uma prática completamente regulamentada e homogênea em todo o território do Mundo Tardo Antigo. Isto não quer dizer que esses indivíduos não se identificassem com outros praticantes da mesma fé, ainda que em relação a outros aspectos suas identidades se distinguissem.

Portanto, talvez seja mais adequado falarmos em diferentes comunidades cristãs que compartilhavam alguns elementos essenciais mas que poderiam também se diferenciar uma das outras em outros aspectos. O que é certo é que Gildas não estava isolado, ele fazia parte de uma comunidade de cristãos, tanto no sentido local como em um mais amplo.

¹²⁶ SANDWELL, Isabella. **Religious Identity in Late Antiquity: Greeks, Jews and Christians in Antioch**, 3–33. Greek Culture in the Roman World. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 3-4

2. *REGES E TYRANNICUS*: O PODER POLÍTICO NA ANTIGUIDADE TARDIA

A categoria do poder talvez seja, na atualidade, um dos conceitos mais utilizados, principalmente no âmbito das Ciências Humanas. Embora esteja muitas vezes ligada à uma questão de poder político, este tema também pode ser percebido em outros aspectos, como militar, social, jurídico, religioso, entre outros. Compreendemos, nesta pesquisa, o poder como uma construção de redes de relações que estabelecem diferentes níveis de interdependência e autoridade e não apenas como algo advindo de uma instituição ou indivíduo em específico. Assim, também no contexto da Antiguidade e Antiguidade Tardia, o poder não se encontra apenas nas mãos do rei ou governador, mas era construído a partir dos diferentes integrantes dessas estruturas governamentais, como a aristocracia, por exemplo.¹²⁷ Neste recorte temporal encontramos diversos conflitos, assim como "intensas readequações políticas, institucionais, sociais e culturais marcadas tanto pelo confronto como pela interação e integração."¹²⁸

Gildas afirma, em sua epístola, que "A *Britannia* tem reis, mas são tiranos" (*Reges habet Britannia, sed tyrannos*).¹²⁹ Em sua obra, o autor tece fortes críticas aos governantes da região que considera como a sua *patria*.¹³⁰ Como já mencionado, no momento de escrita desse documento, a região passava por uma série de mudanças, também nas formas de governo dentro da Ilha. No entanto, segundo Thomas Charles-Edwards, o "impacto da civilização romana foi desigual na *Britannia*, assim como em muitas outras dioceses."¹³¹ Dessa maneira, muitos aspectos levaram décadas, ou até mesmo séculos, para se alterarem; como foi o caso da adoção de línguas célticas em detrimento do uso do Latim, já que, segundo

¹²⁷ Sobre isto ver: FRIGUETTO, R.. Política e poder na Antiguidade Tardia: uma abordagem possível. **História Revista (UFG)**, v. 11, p. 161-177, 2006; FRIGUETTO, R.. Uma confrontação régio-nobiliárquica na Antiguidade Tardia Hispana: o rei e a nobreza eclesiástica no reinado de Wamba (672/680). **Semanas de Estudios Romanos, Valparaíso/Chile**, v. 12, p. 233-252, 2004.

¹²⁸ FRIGUETTO, R.. Símbolos e rituais: os mecanismos do poder político no reino hispano-visigodo de Toledo (séculos VI-VII). In.: **Anos 90, Porto Alegre**, v. 22, n. 42, p. 239-272, dez. 2015. p. 242

¹²⁹ GILDAS, *De Exc.*, 27.1. p. 29. Em Latim: p. 99.

¹³⁰ GILDAS, *De Exc.*, 1.1. p. 13.

¹³¹ CHARLES-EDWARDS, T. M.. **Wales and the Britons, 350 - 1064**. Oxford University Press, 2013. p. 31 - 32

Charles-Edwards, apenas no século IX que estas línguas nativas podem ser percebidas como predominantes na elite do mundo britânico.¹³²

O que é importante salientar, porém, é o fato de que conforme a *Britannia* se distanciava cada vez mais do Império romano, "os nativos teriam repetidamente reavaliado por si próprios a natureza da relação entre governo e sociedade."¹³³ Sendo assim, uma das questões mais difíceis para a historiografia que estuda a *Britannia* na Antiguidade Tardia é sobre como a região transitou de um governo controlado por oficiais romanos no início do século quinto para, novamente, uma terra de rei e reinos já no século sexto.¹³⁴ Esta transição nas estruturas institucionais que eram características do mundo romano para a formulação de reinos bárbaros, foi um dos processos mais significativos da Antiguidade Tardia, tendo sido constituído em um demorado desenvolvimento que teve seu início por volta do século III mas que perpassou os séculos IV, V e VI.¹³⁵

Contudo, antes de iniciarmos uma análise sobre as características do poder real na Antiguidade Tardia, acreditamos ser necessário definirmos mais claramente o que era a *Britannia* no período de Gildas e os habitantes dessa região no recorte trabalhado. Portanto, na sequência se explorará, em um primeiro momento, essas questões e depois partiremos para uma análise do papel do rei no Mundo Tardo Antigo, pensando também os diferentes significados que tal posição possuiu ao longo da Antiguidade. Em seguida, refletiremos sobre a ideia de tirania e usurpação, vistas muitas vezes como formas de corrupção do poder, monárquico ou imperial.

2.1.A BRITANNIA DE GILDAS: MULTICULTURALIDADE NA ANTIGUIDADE TARDIA

¹³² CHARLES-EDWARDS, T. M.. Language and society among the insular Celts, A.D. 400–1000. In.: GREEN, M. (ed.). **The Celtic World**. Londres, 1995. p. 704.

¹³³ DUMVILLE, D. The idea of government in sub-Roman Britain. In. AUSENDA, G. (org.). After Empire: **Towards an Ethnology of Europe's Barbarians**. Por Giorgio Ausenda. Vol. 1. Boydell & Brewer, 2003.p. 178

¹³⁴ SNYDER, C. A.. **The Britons**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 101.

¹³⁵ FRIGHETTO, Renan. Cuando la confrontación genera la colaboración: godos, romanos y el surgimiento del reino hispanogodo de Toledo (siglos V-VI). In.: **Vínculos de Historia**, núm. 7 (2018). pp. 157-172. p. 160

Quando delimitamos o recorte geográfico definido nesta pesquisa temos que lembrar que a região também estava inserida em um contexto de constante movimentação e, dessa maneira, é necessário efetuarmos alguns questionamentos: o que era, no século VI, em termos territoriais, essa *Britannia*? Quem eram os britânicos, ou quem habitava a Ilha nesse período?

Muito antes das invasões efetuadas por Roma, a Ilha era habitada por várias tribos independentes que possuíam o controle de diferentes regiões e tinham "religiões, costumes e tradições distintos daqueles dos invasores"¹³⁶, assim como diferenças entre as suas próprias crenças e culturas. Nesse sentido, tinham perspectivas de identidade social separadas e não se compreendiam, necessariamente, como uma grande unidade. Se percebiam como *catuvellaunii* ou *brigantii* e não como britânicos. Podemos verificar essa questão quando os romanos entram em contato com os habitantes da Ilha. Assim, quando Julio César enfrenta Cassivellauno, rei dos *catuvellauni*, em 54 a.C. recebe o auxílio da tribo vizinha, os *trinovanti*, que já possuíam conflitos com os *catuvellauni*.¹³⁷

O momento no qual o governo finalmente inicia um processo efetivo de colonização da *Britannia*, ele se utiliza em parte das estruturas já existentes na Ilha, dividindo a região primeiramente em duas províncias, *Britannia inferior* (York) e *Britannia superior* (Londres), e a partir do final do século III, com as reformas efetuadas pelo então Imperador Diocleciano, a Ilha passou a ser dividida entre as províncias *Britannia Prima* (Cirencester), *Britannia Secunda* (York), *Flavia Caesarensis* (Lincoln) e *Maxima Caesariensis* (Londres) que formavam a diocese conhecida como *Britanniae*, isto é, as Britânicas, no plural.

¹³⁶ BÉLO, Tais Pagoto. *Britannia: violência, poder e contato*. In.: **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**. v. 25. n.47, Julho de 2018. p. 93.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 79



MAPA 1: Mapa das províncias romanas na *Britannia*, definidas no século III d. C. pelo Imperador Diocleciano.

Com a dominação de Roma, a tradicional estrutura administrativa desta foi implantada, mas como visto acima, ainda havia um certo nível de separação entre as províncias. Além disso, no início desse processo as até então autoridades locais de cada grupo não foram totalmente eliminadas mas trabalhavam como "clientes" de Roma, mantendo sua autoridade local, mas, ainda assim, pagando tributos ao governo romano.¹³⁸

Porém, essa divisão foi muitas vezes vista como algo retornou facilmente após a retirada romana e a constante regionalização da Ilha. Não podemos, no entanto, pensar nesse movimento como ocorrendo de uma hora para outra. Como afirmam J. D. Hill and D. W. Harding, é muito simplista a visão de que a influência romana teria sido tão superficial à ponto de que, quando retirada, as comunidades

¹³⁸ HARDING, D. W.. **The Iron Age in Northern Britain: Celts and Romans, Natives and Invaders.** London and New York, Routledge: 2010. p. 156.

nativas da Ilha teriam revertido aos seus costumes e crenças do período da Idade do Ferro.¹³⁹ Por outro lado, como ressalta Richard Hingley, não podemos enxergar a relação entre os habitantes da *Britannia* e os romanos como a imposição de uma cultura sobre a outra, mas sim como uma constante troca cultural.¹⁴⁰

É entorno desta perspectiva que nosso trabalho busca girar. A *Britannia* não estava um dia sob o poder romano e no dia seguinte, com a retirada do contingente militar destes, retornou exatamente para como era antes do período sob o poder imperial. Mas, ao mesmo tempo, ela não perdeu completamente as tradições e hábitos que possuía antes da dominação romana.

Primeiramente, é preciso compreender que o Império não chegou a dominar efetivamente todas as partes da Ilha, mas também que os efeitos da colonização não foram idênticos nem homogêneos por todas as regiões da *Britannia*. Em segundo lugar, os habitantes da Ilha não entraram em contato apenas com Roma, ao longo dos séculos como diocese, a Ilha foi cenário de diferentes trocas culturais entre diversos grupos sociais e indivíduos que circulavam e muitas vezes se assentavam na Ilha. Um bom exemplo é o caso dos escotos, que adentravam a Ilha por meio do Mar Irlandês. Não é possível ignorar a longa relação entre a ilha da *Britannia* e a *Hibernia*, atual Irlanda. Os contatos entre as ilhas podem ser percebidos desde muito antes da dominação romana sobre a *Britannia*.

Quando olhamos para a arqueologia dessa região na Antiguidade Tardia, encontramos trocas, como demonstrado pelo desenvolvimento de um tipo específico de broche, conhecido em inglês como *peannular*, datado como do século IV e que foi encontrado em sítios arqueológicos tanto na Irlanda como na Grã-Bretanha. Segundo Thomas Charles-Edwards, esse tipo de broche era, muito provavelmente, um símbolo de status e se tornou uma linguagem compartilhada nos dois lados do Mar Irlandês.¹⁴¹

Outro elemento de cultura material que contribui para a nossa compreensão dos contatos entre as Ilhas são as *Ogham Stones*, monumentos com inscrições em

¹³⁹ HILL, 2001, apud. HARDING, D. W.. **The Iron Age in Northern Britain: Celts and Romans, Natives and Invaders.** London and New York, Routledge: 2010. p. 157.

¹⁴⁰ HINGLEY, R.. Resistance and domination: social change in Roman Britain. In.: MATTINGLY, D. Dialogues in Roman Imperialism. **Journal of Roman Archaeology**, 1997.

¹⁴¹ CHARLES-EDWARDS, T. M.. **Wales and the Britons, 350 - 1064.** Oxford University Press, 2013. p. 225-6.

Ogham, alfabeto utilizado com as primeiras formas da língua irlandesa.¹⁴² Estes podem ser encontrados na Irlanda, Ilha de Man, Escócia, País de Gales e Inglaterra. Algumas dessas inscrições, no entanto, são diferentes, pois apresentam um caráter bilíngue/biliteral, ou seja, em *Ogham* e em Latim. Dentre as centenas de inscrições em *Ogham*, trinta e três são bilíngues e são encontradas no País de Gales, Devon, Cornualha e Ilha de Man.¹⁴³

Embora haja uma longa discussão sobre a origem da escrita *Ogham* que não pode ser abarcada satisfatoriamente neste trabalho, a existência desta tradição em ambas as Ilhas atesta para diversos grupos étnicos dividindo, negociando e disputando suas identidades na região durante o período da Antiguidade Tardia. Como afirma Charles-Edwards, a presença de irlandeses na *Britannia* não precisa ter ocorrido devido à uma migração em massa, mas a presença de vestígios de uma elite falante do irlandês corrobora para a imagem de um contato constante e ativo o suficiente para a adoção de aspectos culturais irlandeses na *Britannia*.¹⁴⁴

Além desse grupo, Gildas, narra o constante contato entre britânicos com pictos que, juntamente com os escotos, invadiam e pilhavam a *Britannia* por gerações. O clérigo ainda afirma que eles, juntamente com os escotos, seriam "*gentibus transmarinis*", nações ultramarinas.¹⁴⁵ Contudo, pictos são normalmente localizados na região norte da Ilha, um grupo que tem suas origens e características ainda muito discutidas. No início da conquista romana da Ilha da *Britannia*, o historiador Tácito, escrevendo por volta de 98 d. C., se refere à esta região como Caledônia, no entanto, habitada por *britannii*, ou seja, britânicos.

Dessa forma, não era feita uma distinção entre os britânicos do sul e os do norte. Isto se repete também na obra de outro historiador, Dião Cássio, escrita mais de um século depois. Ainda que este autor acrescente a divisão dos britânicos do norte entre caledônios e *maetae*, estes continuam sendo *britannii*.¹⁴⁶ É apenas no

¹⁴² SANTOS, Dominique. A Cultura Hiberno-Latina na Bretanha Romana e Pós-Romana: Evidências a partir das *Ogham Stones*. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História**, 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015. p. 2.

¹⁴³ Agradecemos ao Prof. Dr. Dominique Santos pela disponibilização de livro, resultado de seu Pós-Doutorado e que ainda aguarda publicação. SANTOS, Dominique. **Exchanges and Connections across the Irish Sea in Late Antiquity** - A Study of the Bilingual/Biliteral Roman-and-Ogham Inscribed Stones. 2018. No prelo.

¹⁴⁴ CHARLES-EDWARDS, T. M.. **Wales and the Britons, 350 - 1064**. Oxford University Press, 2013. p. 174.

¹⁴⁵ GILDAS, *De Exc.*, 14.1. p. 93.

¹⁴⁶ SCHUSTER, J.. **A construção da identidade picta em escritores do Império Romano durante o governo romano na Britannia (43 – 409 e.c.)**. 2012. 48 f. Monografia (Licenciatura) - Universidade

final do século III, no *Panegírico de Constâncio VIII*, do ano de 297, que ocorre o primeiro registro conhecido do termo *picto*,¹⁴⁷ passando a ser cada vez mais utilizado.

Existe ainda um desacordo entre os especialistas sobre o termo em Latim *picti*, se este seria uma latinização de um termo nativo ou apenas o modo como os romanos se referiam a estes povos.¹⁴⁸ A formação dessa identidade parece ter ocorrido ao longo de um processo de enfrentamentos com os romanos, nos quais esses povos dispersos ao norte da Ilha teriam se unido e a partir da consciência de suas similaridades frente à um inimigo em comum, construído certa identidade unitária. Assim, a identidade dos pictos como um grupo parece ter sido o resultado da fronteira romana, assim como ocorreu com outros povos no Continente.¹⁴⁹ Podemos inferir que nem todos os elementos da cultura que compreendemos como romana foi apagada da vida dos habitantes da ínsula, mesmo um século após a retirada do Império da região. Ainda assim, mudanças ocorreram constantemente, principalmente devido ao intenso contato entre britânicos e esses outros grupos populacionais. Além disso, ao longo do século V vemos na Ilha o assentamento de povos que conhecemos como anglo-saxões que teriam sido convidados pelos próprios britânicos como *Foederati* para auxiliarem na proteção contra ameaças externas. Estes grupos, contudo, após se estabelecerem principalmente no lado oriental da Ilha, iniciaram um processo de conquista de território que, aos poucos, abarcou boa parte da região leste.

Portanto, por mais que Gildas, ao escrever no século VI sua carta se dirija ao seu provável público como sendo britânicos, ou melhor, se refere à região de uma maneira generalizante como se a *Britannia* fosse uma personagem por si só, não podemos esquecer que seu contexto não era formado por um grupo homogêneo de pessoas. É preciso que a ideia de uma completa homogeneidade entre os habitantes da Ilha seja desconstruída. Mesmo que algumas fontes apontem para esse caminho, um olhar mais cuidadoso sobre elas será capaz de perceber que não

Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/67219>>. Acesso em: 27/09/2016. p. 30.

¹⁴⁷ SCHUSTER, J.. **Retórica e representação**: os lugares-comuns na caracterização do modo de fazer guerra de celtas e bretões do norte. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2016. p. 12

¹⁴⁸ YORKE, B., Britain and Ireland, c. 500. In: STAFFORD, P.. **A Companion to the Early Middle Ages**: Britain and Ireland, c. 500 - c. 1000. Oxford: Blackwell Publishing, 2009. p. 47.

¹⁴⁹ CHARLES-EDWARDS, T. M.. **Wales and the Britons, 350 - 1064**. Oxford University Press, 2013. p. 36.

havia uma única identidade ou, como afirma Richard Miles, suas identidades estavam em constante estado de fluxo e desenvolvimento.¹⁵⁰

O que podemos inferir é que Gildas tinha como grupo alvo de suas críticas os que considerava como seus compatriotas e, devido a situação que verificamos na Ilha no momento de escrita do clérigo, no qual os povos anglo-saxões consolidavam o seu assentamento na parte leste da insula, é provável que a narrativa do autor possa ser melhor aplicada para o contexto da região oeste da Ilha.

Consequentemente, quando neste trabalho nos referimos à *Britannia*, compreendemos como esta sendo a denominação da região da qual Gildas parece fazer parte: a região Oeste da Ilha, especificamente o País de Gales e o Condado da Cornualha, região que, durante seu período como parte do Império, estava inserida na província romana chamada de *Britannia Prima*. Região na qual viviam britânicos descendentes de cidadãos do Império, de cerca de quase dois séculos antes, escotos advindos da Irlanda e até mesmo indivíduos que compartilhavam de diferentes heranças, tanto genéticas¹⁵¹ como culturais. É em meio à esse mundo que Gildas vivia e é nele que devemos analisá-lo.

2.2. O PAPEL DO REX NA ANTIGUIDADE TARDIA

Na atualidade, a forma de governo conhecida como monarquia é considerada, por grande parte do mundo, como inadequada e até mesmo contrária a ideia contemporânea de democracia. Contudo, como veremos ao longo deste capítulo, a monarquia existe há muitos séculos, tendo recebido conotações diferenciadas ao longo da História. Como por exemplo, enquanto que ao longo da Idade Média europeia a monarquia foi considerada uma das melhores formas de governo, sendo muitas vezes a única forma concebível de poder,¹⁵² entre a

¹⁵⁰ MILES, R.. Introduction: constructing identities in late antiquity. In: MILES, R. (edit.). **Constructing identities in late antiquity**. Taylor & Francis e-Library, 2002. p. 3

¹⁵¹ Estudos sobre a herança genética de diferentes regiões do Reino Unido tem sido realizadas e sugerem algumas realidades interessantes. Sobre isso ver: LESLIE, Stephen et al. "The fine-scale genetic structure of the British population" *Nature* vol. 519,7543 (2015): 309-314.

¹⁵² MITCHELL, Lynette; MELVILLE, Charles. "Every Inch a King": Kings and Kingship in the Ancient and Medieval Worlds. In.: MITCHELL, Lynette; MELVILLE, Charles. (Eds.). **"Every Inch a King": Comparative Studies on Kings and Kingship in the Ancient and Medieval Worlds**. LEIDEN - BOSTON: Brill, 2013. p. 1

Antiguidade e Antiguidade Tardia a instituição do rei foi pensada de maneiras diferentes por determinadas sociedades.

Para Heródoto, o poder monárquico "encontrava-se diretamente vinculado ao exercício do poder de caráter pessoal e absoluto"¹⁵³ e no período da República romana, o pensamento político via a concepção de *regnum* de maneira negativa, devido a essa concentração excessiva de poder nas mãos da monarquia, o que levaria, inevitavelmente, à tirania. Segundo Frighetto, a definição pejorativa do termo "aparece claramente delineada no pensamento ciceroniano, muito provavelmente por causa das sucessivas concentrações de poderes pessoais comuns desde os tempos de Caio Mario e Sila."¹⁵⁴ Mas qual era a função dos reis? De que forma certos indivíduos alcançavam o poder real?

Por volta do final do século I e início do II d. C., o senador e historiador romano, Tácito, descreve em sua obra *Germania* as características monárquicas dos povos germânicos. Sobre eles, o autor afirma que estes "escolhiam seus reis em razão de nascimento" sendo que a autoridade destes não seria ilimitada ou arbitrária, mas controlada pelos seus chefes militares, ainda que "por exemplo antes de comandos, e por meio da admiração" que a posição de comando militar adquiria.¹⁵⁵ O historiador assinala dessa forma para a constituição real por meio de uma nobreza consanguínea que estava também relacionada com o comando militar de seu povo, ainda que a partir de uma relação de poder entre o rei e seu chefe militar. Para Evangelos Chrysos, a formação de reinos romano-bárbaros na Antiguidade Tardia teria ocorrido principalmente pela necessidade dos grupos não-romanos de "acomodarem-se política e economicamente em seu novo ambiente e em relação com o Império".¹⁵⁶

Segundo Frighetto, seria possível perceber ao final do século IV que, devido ao crescente contato entre esses grupos germânicos e os territórios imperiais

¹⁵³ FRIGHETTO, Renan. Imperium et orbis: conceitos e definições a partir das fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV/VII). In: DORE, A.; LIMA, L. F. S.; SILVA, L. G. S.. (Org.). **Facetas do Império na História: Conceitos e métodos**. 1ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2008, v. 1, p. 147-162. p. 2

¹⁵⁴ FRIGHETTO, Renan. De la *barbarica gens* hacia la *christiana ciuillitas*: la concepción de *regnum* según el pensamiento político de Isidoro de Sevilla (siglo VII). In.: **Anuario del Centro de Estudios Históricos "Prof. Carlos S. A. Segrett"**. Córdoba, año 7, N° 7, 2007. p. 212

¹⁵⁵ TÁCITO, *Germania*, VII.1-7. **Tacitus: Dialogus, Agricola, Germania**. Editado por T. E. Page e W. H. D. Rouse. THE LOEB CLASSICAL LIBRARY. Londres: WILLIAM HEINEMANN, 1914. Tradução do inglês para o português nossa.

¹⁵⁶ CHRYSOS, Evangelos. THE EMPIRE, THE *GENTES* AND THE *REGNA*. In.: GOETZ, H. W.; JARNUT, J.; POHL, W. (eds.). **Regna and gentes: the relationship between late antique and early medieval peoples and kingdoms in the transformation of the Roman world**. Leiden - Boston: Brill, 2003. p. 13.

romanos, "as influências culturais greco-romanas acabaram por ser incorporadas pouco a pouco pelas tribos germânicas."¹⁵⁷ Uma destas estaria diretamente conectada com o Cristianismo que, desde a proclamação do édito de Teodósio no ano de 392, seria a religião oficial do Império Romano e o eixo "no qual baseava-se toda a relação de coexistência entre o *imperator*, as aristocracias senatoriais regionais e o *populum*" partindo da criação de um "arcabouço teórico-legislativo sacralizador, onde o *Codex Theodosianus*, elaborado em meados do século V, terá uma importância fundamental."¹⁵⁸ Destarte, a partir do século V, notamos, principalmente nas narrativas de autores cristãos, que o conceito de *regnum* passa a receber uma conotação positiva.¹⁵⁹ Esta transição no significado da ideia de monarquia talvez possa ser relacionada com a cultura cristã que via Deus como o "Rei dos reis" e responsável pela legitimação dos governantes na Terra.

Portanto, vemos que a religião passa a ser um elemento essencial nas relações de poder tanto entre o Império e os *regna barbarorum* quanto dentro das sociedades específicas de cada reino, como será explorado mais adiante no caso específico da *Britannia*. Contudo, como visto anteriormente, alguns aspectos da região podem ser difíceis de compreendermos apenas com a documentação que possuímos. Nesse sentido, buscar entender a condição dos reinos em outros locais do Mundo Tardo Antigo pode nos auxiliar a pensarmos a *Britannia*.

No contexto da Hispania Visigoda, um dos territórios anteriormente comandados pelas forças do Império dos romanos, a historiografia tem percebido que o desenvolvimento da ideia de um *rex gothorum*, que exercia seu poder sobre toda a região da Hispania e Galia, foi, na realidade, um longo processo marcado por disputas entre aristocracias regionais.¹⁶⁰ Portanto, a ascensão de indivíduos à posição de monarca nesta sociedade dependia também da aceitação e o patrocínio desses grupos aristocráticos, assim como podiam partir deles movimentos de insatisfação e crítica ao governante vigente.¹⁶¹

¹⁵⁷ FRIGHETTO, R.. Poder na Antiguidade Tardia. In.: FRIGHETTO, R.. **Cultura e Poder na Antiguidade Tardia Ocidental**. Curitiba: Juruá, 2000. p. 51.

¹⁵⁸ Ibid., p. 52-3.

¹⁵⁹ FRIGHETTO, Renan. De la *barbarica gens* hacia la *christiana ciuilitas*: la concepción de *regnum* según el pensamiento político de Isidoro de Sevilla (siglo VII). In.: **Anuario del Centro de Estudios Históricos "Prof. Carlos S. A. Segrett"**. Córdoba, año 7, N° 7, 2007. p. 213

¹⁶⁰ FRIGHETTO, R.. Símbolos e rituais: os mecanismos do poder político no reino hispano-visigodo de Toledo (séculos VI-VII). In.: **Anos 90**, Porto Alegre, v. 22, n. 42, p. 239-272, dez. 2015. p.250

¹⁶¹ FRIGHETTO, R. Cuando la confrontación genera la colaboración: godos, romanos y el surgimiento del reino hispanogodo de Toledo (siglos V-VI). In.: **Vínculos de Historia**, núm. 7 (2018). pp. 157-172.

Gregório de Tours, um galo-romano Bispo da cidade de Tours de 573 até a sua morte em 594, escreveu várias obras, sendo a mais famosa a *Decem Libri Historiarum*, Dez livros de histórias, na qual ele relata o comportamento de quatro reis merovíngios.¹⁶² Para esse historiador, pequenos reinados existiriam de maneira espalhada por todo o norte da Gália no século V até Clóvis derrotar Syagrius em 587.¹⁶³ Segundo Charles-Edwards, na narrativa de Gregório haveria, além de vários reis francos, também um rei dos romanos e reis entre os bretões.¹⁶⁴ Estes seriam os habitantes da atual Bretanha Francesa, chamados de bretões devido a sua descendência de britânicos que teriam migrado para a região no século V. Nesse sentido, é interessante para nós a afirmação do Bispo de Tours de que os primeiros líderes dos bretões eram reis¹⁶⁵, já que estes teriam vindo da *Britannia* ou, pelo menos, seriam descendentes de britânicos.

Na *Britannia* pós-romana, quando falamos sobre a organização do poder, existem algumas lacunas, principalmente quanto aos documentos disponíveis sobre o período, que dificultam nossa compreensão sobre as formas de governo na Ilha. Voltemos a analisar o relato de Tácito, agora na obra conhecida como *Vida de Agrícola*, na qual o autor narra a vida de seu sogro que havia sido um proeminente general romano e nomeado governador da *Britannia* na segunda metade do século I d.C.. Nesta biografia, Tácito afirma que "originalmente, esse povo era sujeito à reis: agora eles estão distribuídos em facções e em um espírito fracionado sob a influência de chefes tribais."¹⁶⁶ Dessa maneira, embora os britânicos teriam em algum momento estado sob o poder de reis, segundo o historiador romano, em meio ao processo de colonização efetuada pelo Império de Roma, a *Britannia* estaria dividida em diferentes grupos populacionais que tinham como líderes indivíduos que não seriam considerados como reis.

Ao longo do período como diocese a região parece ter transformado esses grupos em diferentes centros provinciais, participando da mesma divisão

¹⁶² THORPE, Lewis. Introduction. In.: **GREGORY OF TOURS**. THORPE, L. (trans. and intro.). The History of the Franks. Londres: Penguin Books, 1974. p. vii-xiv.

¹⁶³ GREGÓRIO DE TOURS, *Hist.*, II. 27. ROLDÁN, P. Herrera (trad. e intro.). Historias. Cáceres, Tempus Werrae I, Universidad de Extremadura, 2013. A partir deste momento as citações desta fonte serão feitas seguindo a tradução de P. Herrera Roldán, salvo se indicado de outra forma.

¹⁶⁴ CHARLES-EDWARDS, T. M.. **Wales and the Britons, 350 - 1064**. Oxford University Press, 2013. p. 315.

¹⁶⁵ GREGÓRIO DE TOURS, op. cit., IV.4.

¹⁶⁶ TÁCITO, *Agrícola*, XII.2-7. In.: **Tacitus**: Dialogus, Agricola, Germania. Editado por T. E. Page e W. H. D. Rouse. THE LOEB CLASSICAL LIBRARY. Londres: WILLIAM HEINEMANN, 1914. p. 189. Tradução do inglês para o português nossa.

administrativa encontrada em outras regiões do mundo romano. Contudo, segundo Barbara Yorke, é possível afirmar que, por volta do século VII, a monarquia era novamente o sistema político predominante entre os povos da *Britannia*, ainda que houvesse a existência de regiões periféricas nas quais a autoridade real possuísse pouco impacto.¹⁶⁷

Para compreender tal transição, no entanto, é necessário termos uma visão mais ampla da transição de poderes durante o período imperial e subsequentemente. Como afirmado anteriormente, enquanto parte do império, a *Britannia* foi dividida, desde a reorganização provincial de Diocleciano¹⁶⁸ em 296, em cerca de quatro províncias que eram unidades administrativas comandadas por um governador que, geralmente, permanecia no cargo por um ou dois anos.¹⁶⁹ Essas províncias formavam a diocese e seu administrador era chamado de Vigário.¹⁷⁰ Esta diocese fazia parte da Prefeitura pretoriana das Galias, uma das instituições civis administrativas mais importantes dentro do Império romano.¹⁷¹ Com isto, podemos perceber que havia uma série de níveis de governo entre as *civitates* e o Imperador romano em si.¹⁷²

Além disso, principalmente a parte oeste e norte da Ilha experimentaram níveis diferentes de uma presença romana efetiva do que o resto da *Britannia*. Aqui, o conceito de "romanização"¹⁷³ talvez possa nos auxiliar, ao levantar alguns questionamentos. Conforme afirma Richard Hingley, este conceito, ainda que tenha se alterado ao longo dos anos, continua possuindo uma abordagem que vê a

¹⁶⁷ YORKE, Barbara. Kings and Kingship. In.: STAFFORD, Pauline. **A Companion to the Early Middle Ages: Britain and Ireland (c. 500-1100)**. Wiley-Blackwell: 2009. p. 76

¹⁶⁸ Diocleciano foi responsável por uma série de reformas, principalmente em relação as formas administração das dioceses e províncias. CORCORAN, Simon. *Diocletian*. In.: NICHOLSON, O.. **The Oxford Dictionary of Late Antiquity**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 486

¹⁶⁹ SLOOTJES, Daniëlle. Province. In.: NICHOLSON, O.. **The Oxford Dictionary of Late Antiquity**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 1245

¹⁷⁰ DILLON, John N.. Dioecesis. In.: NICHOLSON, O.. **The Oxford Dictionary of Late Antiquity**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 487

¹⁷¹ MARTIJN, Marije. Praefectus Praetorio and Praetorian Prefecture. In.: NICHOLSON, O.. **The Oxford Dictionary of Late Antiquity**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 1220-1

¹⁷² CHARLES-EDWARDS, Thomas. **Wales and the Britons, 350-1064**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 31.

¹⁷³ O conceito de "romanização", cunhado pelo historiador alemão Theodor Mommsen, no século XIX, só foi difundido na Inglaterra a partir do trabalho de Francis Haverfield e sua abordagem sobre a "Romanização da Britânia Romana", livro publicado em 1915. Segundo Richard Hingley, Haverfield visualizava a "romanização" da Ilha Britânica "como direcional e progressiva, o processo pelo qual os grupos sociais nativos da Bretanha romana tornaram-se progressivamente 'romanos'." HINGLEY, R. O "Legado" de Roma: Ascensão, Declínio e Queda da Teoria da Romanização. In: HINGLEY, R. et al (Org.). **O Imperialismo Romano: Novas Perspectivas a partir da Bretanha**. 1a. ed. São Paulo: Annablume, 2010. p. 34.

presença romana na Ilha como um processo de aculturação, ou seja, no qual a população nativa teria abandonado sua cultura e adotado a romana de maneira imediata e completa.¹⁷⁴ Como já afirmado neste trabalho, esta não é a visão que temos do contexto. Porém, mais recentemente, estudiosos vêm criticando cada vez mais esse conceito, procurando ressaltar "a vitalidade e especificidade da vida local e a diversidade de formas de integração dessas comunidades à ordem imperial."¹⁷⁵

Nesse sentido, Stuart Laycock defende a ideia de que a *Britannia* "mesmo tendo feito parte do Império Romano por cerca de 400 anos, nunca foi completamente romana."¹⁷⁶ Ainda assim, é necessário admitir que Roma teve sim impacto na vida de, pelo menos, uma parcela da população na Ilha, o que não significa que estes tenham assimilado a cultura romana, mas se apropriado dela de maneiras específicas e diversificadas. Na península sudoeste e no País de Gales, por exemplo, encontramos evidências de *civitas* apenas em Exeter, Caerwent e Carmathen, sendo que boa parte do restante do território não apresenta a presença desse tipo de capital.¹⁷⁷

Portanto, por mais que essa região estivesse sobre o poder de Roma, as autoridades locais de cada cidade e províncias tinham uma relação muito mais direta com os britano-romanos. Uma destas figuras de autoridade estava relacionada com a presença do exército romano na região que, segundo Renato Pinto, apresentava um "volume de contingente militar desproporcional ao restante do Império."¹⁷⁸ Dessa forma, o exército romano se tornou uma presença constante e definidora dos meios de vida na Ilha. Contudo, uma série de circunstâncias, ao longo de alguns séculos, fizeram com que esse exército possa ter sido significativamente reduzido.

Ao longo dos séculos II ao V, as legiões que se encontravam em território britânico também foram responsáveis pelo levantes de militares na intenção de conquistar uma posição de poder dentro do Império. Um desses casos foi relatado por Sulpício Severo em sua crônica, quando ele afirma que havia um "rumor de que

¹⁷⁴ HINGLEY, R. O "Legado" de Roma: Ascensão, Declínio e Queda da Teoria da Romanização. In: HINGLEY, R. et al (Org.). **O Imperialismo Romano: Novas Perspectivas a partir da Bretanha**. 1a. ed. São Paulo: Annablume, 2010. p. 34.

¹⁷⁵ MACHADO, C. A. R.. A Antiguidade tardia, a queda do Império romano e o debate sobre o "fim do mundo antigo". **rev. hist.** (São Paulo), n. 173, p. 81-114, jul.-dez., 2015. p. 108.

¹⁷⁶ LAYCOCK, S.; RUSSEL, M.. **UnRoman Britain: Exposing the Great Myth of Britannia**. The History Press, 2011. p. 9.

¹⁷⁷ CHARLES-EDWARDS, Thomas. **Wales and the Britons, 350-1064**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 221.

¹⁷⁸ PINTO, R.. O interesse pela violência da "romanização". Um breve estudo arqueológico das primeiras revoltas na *Britannia*. **Rev. Museu Arq. Etn. Supl.**, São Paulo, n. 18: 29:36, 2014. p. 31.

Máximo havia alcançado o poder na *Britannia* e de que em breve ia irromper nas Galias."¹⁷⁹ Magno Máximo foi um dos usurpadores que partiu de legiões alocadas no território britânico e, como afirmado por Gildas, retiraram boa parte do exército romano da Ilha, muitas vezes para nunca mais retornar. É interessante que desde Gildas até outras fontes galesas medievais, é com Máximo, 383 d.C., que o fim do poder romano na Ilha da *Britannia* está associado.¹⁸⁰ O verdadeiro impacto que essas usurpações causaram na Ilha, principalmente em relação a questão de segurança das províncias, é difícil de ser contabilizada.

A retirada militar romana da Ilha, se pensada como algo que ocorreu de maneira abrupta e total na data tradicionalmente conhecida, c. 410 d.C., pode e deve ser problematizada assim como a afirmação de Gildas de que Magno Máximo teria retirado completamente boa parte do exército da *Britannia*, pois este, em sua posição de *comes* na *Britannia*, era responsável por apenas parte do exército estabelecido na Ilha e não teria, portanto, despido completamente a região de legiões militares.

Segundo o documento conhecido como *Notitia Dignitatum*, uma lista de cargos oficiais do império produzida por volta das primeiras décadas do século V, haveriam pelo menos três cargos militares de comando na *Britannia*: o *comes Britanniarum*; o *comes litoris Saxonici*; e o *dux Britanniarum* (Mapa 2).¹⁸¹

¹⁷⁹ SULPÍCIO SEVERO, *Chron.*, II, 49, 5. *Documenta Catholica Omnia*. Disponível em: [http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0360-0420__Sulpicius_Severus__Chronicorum__\[Schaff\]__EN.pdf.html](http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0360-0420__Sulpicius_Severus__Chronicorum__[Schaff]__EN.pdf.html) Acesso em: 21/09/2018.

¹⁸⁰ KNIGHT, Jeremy. *The After Life of Tyrants: Roman Emperors in Early Medieval Wales*. In.: HAARER, Fiona K., COLLINS, Rob. **AD 410: the history and archaeology of late and post-Roman Britain**. Londres: Roman Society Publications, 2014. p. 165

¹⁸¹ Anônimo. *Notitia Dignitatum*. SEECK, Otto (ed.). Berolini: Weidmann, 1876.



MAPA 2: Cargos militares de comando na *Britannia*, conforme a *Notitia Dignitatum*.

Este documento apresenta uma série de problemas quanto a sua datação, autoria e até mesmo quanto a sua precisão dos dados fornecidos, pois, como afirma Roger White, "há uma forte suspeita de que este documento apresente uma visão de organização e estrutura muito mais hipotética do que real [...] do que o estado romano gostaria de acreditar que existiria" em seus territórios.¹⁸²

No entanto, pesquisas arqueológicas nas regiões onde esses cargos teriam atuado permitem inferirmos uma forte presença militar, que teria continuado, em certa medida, mesmo após 410 d.C.. Segundo David Breeze e Rob Collins,

¹⁸² WHITE, Roger H.. A Brave New World? The Archaeology of Western Britain in the Fifth and Sixth Centuries. In.: HAARER, Fiona K., COLLINS, Rob. **AD 410: the history and archaeology of late and post-Roman Britain**. Londres: Roman Society Publications, 2014. p. 156.

escavações efetuadas nas últimas décadas na região da fronteira entre Inglaterra e Escócia tem contribuído para a constatação de uma atividade contínua nas instalações militares no século V e, em alguns casos, até mesmo além desse período.¹⁸³ Quanto à outras partes da Ilha, estes autores afirmam haver uma falta de estudos que levem em consideração aspectos específicos de cada região, sendo que muito das pesquisas tem considerado o comando militar na Ilha como uma unidade, desconsiderando o caráter regional dos cargos mencionado acima.

Mas, mais interessante para nossa pesquisa seria olharmos especificamente para a região do atual País de Gales, *Britannia Prima* durante o período imperial e que estaria sob a proteção do *comes britanniarum*. Contudo, segundo Collins e Breeze, há "uma interessante falta de defesas na costa oeste do País de Gales, apesar da provável origem irlandesa da maioria das invasões." Existe, ainda, "pouca evidência no século quinto de ocupação ou atividade militar em sítios" da região.¹⁸⁴ Isso não significa que construções caracterizadas pela sua função defensiva não existam nessa parte da Ilha. *Hillforts*, como são conhecidos em inglês, parecem ter sido utilizados, principalmente por uma elite, do século V em diante. Embora esta região possa se beneficiar de um aumento em escavações e estudos arqueológicos voltados para esse período, as informações até agora encontradas sugerem que durante o início da passagem da Ilha de diocese romana para uma série de reinos independentes, viu na região oeste a emergência de uma aristocracia nativa que preferia garantir a sua própria segurança, antes de depender completamente da assistência romana.¹⁸⁵

Chrysos afirma que, se basearmos nossa análise no fato de que os indivíduos que compunham esses povos estavam abertos a constantes mudanças etnogenéticas e adaptações à novas realidades, então, seria razoável esperar que a sua relação com o Império tenha tido um grande impacto na formação de seus reinos.¹⁸⁶ Dessa maneira, também considerando os povos que habitavam a *Britannia* como passíveis de mudanças e adaptações, devemos acreditar que a sua relação

¹⁸³ COLLINS, Rob; BREEZE, David. *Limitanei and Comitatuses: Military Failure at the End of Roman Britain?* In.: HAARER, Fiona K., COLLINS, Rob. **AD 410: the history and archaeology of late and post-Roman Britain**. Londres: Roman Society Publications, 2014. p. 61

¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 67

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 67-8.

¹⁸⁶ CHRYSOS, Evangelos. *THE EMPIRE, THE GENTES AND THE REGNA*. In.: GOETZ, H. W.; JARNUT, J.; POHL, W. (eds.). **Regna and gentes: the relationship between late antique and early medieval peoples and kingdoms in the transformation of the Roman world**. Leiden - Boston: Brill, 2003. p. 13.

com Roma foi importante e impactou determinados aspectos da vida na Ilha, mesmo após a sua retirada. Ainda assim, Roma não foi a única a entrar em contato com a *Britannia* e, portanto, outros grupos e culturas também contribuíram para a formação do contexto da região no século VI. Partindo do relato de autores como Gildas, na *De Excidio*, e Patrício, em suas epístolas,¹⁸⁷ juntamente com achados arqueológicos é possível inferir que o quase simultâneo aumento de conflitos com grupos externos e a diminuição de contingente militar forçou os britânicos (ou romano-britânicos) a buscarem meios de defesa fora do *orbis romanorum*, mais precisamente com os saxões, que já serviam como *foederati*, realizando alianças com o governo de Roma.

Com isso, Ken Dark afirma que parece ter ocorrido uma forte regionalização dentro da *Britannia*, movimento que também pode ser percebido em outras regiões do mundo romano. Nesse contexto, percebemos parte do processo histórico que "demonstrava a força e resistência dos poderes regionais frente a uma autoridade imperial, fragilizada como centro dos poderes políticos desde o século IV."¹⁸⁸

Este movimento de concentração do poder em núcleos menores parece ter sido o resultado, também no caso britânico, da necessidade de proteção contra ameaças exteriores, das quais a administração romana já não mais se responsabilizava. Considerando o contexto de relação entre grupos populacionais diferentes, contatos harmoniosos mas também hostis, podemos inferir que o indivíduo que fosse escolhido como chefe de determinado povo deveria possuir as habilidades necessárias para a proteção dos mesmos. Nesse sentido, percebemos uma militarização da população que no período imperial não existia, havendo antes uma distinção entre os grupos militares e os civis. Os estudos arqueológicos de sítios britânicos também mostram uma grande ocupação de fortes ao longo do século V e além, assinalando para a continuação de uma militarização na *Britannia* do período.¹⁸⁹

¹⁸⁷ SÃO PATRÍCIO. *Confessio e Epistola ad Milites Corotici*. SANTOS, Dominique (trad.). **Royal Irish Academy Saint Patrick's Confessio Hypertext Stack Project**. Disponível em: <https://confessio.ie/>. Acesso em: 19/12/2018.

¹⁸⁸ FRIGHETTO, Renan. Cuando la confrontación genera la colaboración: godos, romanos y el surgimiento del reino hispanogodo de Toledo (siglos V-VI). In.: **Vínculos de Historia**, núm. 7 (2018). p.162

¹⁸⁹ COLLINS, Rob. Title: Late Roman Frontier Communities in Northern Britain: a Theoretical Context for the 'End' of Hadrian's Wall. In.: Croxford, B. Goodchild, H., Lucas, J., and Ray, N. (eds.) (2006) **TRAC 2005: Proceedings of the Fifteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference**. Oxford: Oxbow Books. pp. 1-11.

A falha na proteção de uma população certamente poderia abalar as forças políticas vigentes, como podemos analisar em outras regiões, como na *Hispania* em meados do século V. Conforme Frighetto, é possível verificar uma "crescente força apresentada pela realeza gótica", que "configurou-se na proporção inversa na qual encontramos a fragilidade política e militar de uma potência imperial incapaz de se tornar líder no cumprimento e manutenção de suas tarefas de segurança e harmonia interna."¹⁹⁰

Portanto, enquanto já não podemos mais afirmar que havia uma diocese *Britanniae*, sob a influência de um governo centralizado, as regiões das províncias parecem ter criado, em sua maioria, comunidades que giravam em torno de um comandante, provavelmente um *rex*.¹⁹¹ Gildas até mesmo menciona que os reis na *Britannia* eram ungidos, ainda que não no nome de Deus, para seu desespero. Contudo, ele também afirma que estes reis poderiam ser assassinados e substituídos por outros ainda mais cruéis.¹⁹² Apesar da imagem dramática criada por Gildas, podemos inferir disto que havia um processo de escolha e legitimação que ocorreria na Ilha, provavelmente envolvendo elementos seculares e aristocráticos e membros do clero britânico, ainda que este não parecesse estar sendo respeitado, de acordo com o clérigo.

Para Charles-Edwards, a realeza britânica deve muito de seus aspectos à sua herança romana, mas também é possível que o surgimento, ou talvez até mesmo o fortalecimento, desses reinos tenha sido influenciado pela continuidade de *regna* e *regibus* em regiões que não estiveram sob a estrutura governamental romana, como além da Muralha de Adriano, por exemplo. Além disso, por meio do Cristianismo, surge um novo modelo de realeza do Antigo Testamento.¹⁹³

Como vimos anteriormente, Gildas menciona pelo menos cinco reis, ainda que os considere estes como tiranos. Como foi possível perceber, o conceito de monarquia esteve ao longo da história conectado com o de tirania, sendo este muitas vezes considerado como o resultado inevitável da monarquia. Para

¹⁹⁰ FRIGHETTO, Renan. Cuando la confrontación genera la colaboración: godos, romanos y el surgimiento del reino hispanogodo de Toledo (siglos V-VI). In.: **Vínculos de Historia**, núm. 7 (2018). pp. 157-172. p. 163

¹⁹¹ DARK, Ken. **Britain and The End of the Roman Empire**. Reino Unido: The History Press, 2011. p. 53

¹⁹² GILDAS, *De Exc.*, 21.4. p. 24.

¹⁹³ CHARLES-EDWARDS, Thomas. **Wales and the Britons, 350-1064**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 316

Aristóteles, a diferença entre o rei e o tirano estaria na disposição e aceitação de seus súditos.¹⁹⁴ Mas, o que significava a tirania no período da Antiguidade Tardia? Refletiremos sobre isto na seguinte seção.

2.3. USURPAÇÃO, TIRANIA E A CORRUPÇÃO DO PODER

Uma das formas de corrupção do poder político é a tirania que, de maneira geral, significa uma categoria de governo autocrática em que um indivíduo exerce o poder sem restrições legais. O conceito teve sua origem no mundo greco-romano, mas, diferentemente do seu sentido moderno, na Antiguidade o conceito não tinha de maneira exclusiva, uma conotação pejorativa, sendo percebido de diferentes maneiras em diversos contextos antigos¹⁹⁵ Narrativas sobre o mal governante podem ser encontradas desde o advento da literatura. Segundo Hester Schadee e Nikos Panou, "o herói épico Gilgamesh foi uma fonte de medo e violência antes de se transformar em um bom rei" e ainda que pelo menos "dois tipos de governantes problemáticos são introduzidos na Ilíada".¹⁹⁶

A historiadora Sian Lewis, na introdução do livro intitulado *Ancient Tyranny*, afirma que o conceito de tirania tem recebido, devido à acontecimentos contemporâneos, uma renovada visibilidade. No entanto, segundo a autora, em meio aos Estudos Clássicos greco-romanos, este tema foi por muito tempo tratado como um tópico antiquado, visto apenas pelo seu papel como forma de governo antecessor da democracia.¹⁹⁷

Ainda na atualidade o modo como compreendemos a tirania é extremamente influenciado por Aristóteles e sua obra *Política*. Identificando três tipos constitucionais fundamentais, a monarquia, a oligarquia e a democracia, o autor

¹⁹⁴ MITCHELL, Lynette; MELVILLE, Charles. "Every Inch a King": Kings and Kingship in the Ancient and Medieval Worlds. In.: MITCHELL, Lynette; MELVILLE, Charles. (Eds.). **"Every Inch a King": Comparative Studies on Kings and Kingship in the Ancient and Medieval Worlds**. LEIDEN - BOSTON: Brill, 2013. p.17.

¹⁹⁵ LEWIS, Sian. **Encyclopædia Britannica**. 24 de Setembro de 2014. <https://www.britannica.com/topic/tyranny> (acesso em 05 de Janeiro de 2018).

¹⁹⁶ SCHADEE, Hester; PANOU, Nikos. Introdução. In.: SCHADEE, Hester; PANOU, Nikos. (Orgs.). **Evil Lords: Theories and Representations of Tyranny from Antiquity to the Renaissance**. Oxford University Press, 2018. p. 12-13

¹⁹⁷ LEWIS, Sian. Introduction. In. LEWIS, Sian. (Ed.). **Ancient Tyranny**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006. p. 2.

grego ainda delimitava para cada, uma forma "boa" e uma "má".¹⁹⁸ Segundo Maria Victoria Escribano, é no século IV a.C. que percebemos a criação de um modelo preciso da filosofia política que vê a "*basileia* como a melhor *politeia*, cuja justificação exigia distingui-la da tirania, o que se alcança criando a oposição excludente entre *basileus* e *tyrannos*."¹⁹⁹

De acordo com Renan Frighetto, no período da Antiguidade Tardia, herdou-se do pensamento clássico greco-romano tal valorização da monarquia, sendo que a concepção "de *tyrannia/usurpatio* mantêm as suas características mais comuns junto daquelas entidades políticas herdeiras do Império romano na sua *Pars Occidentalis*."²⁰⁰ Assim, no lugar anteriormente ocupado pelo imperador, percebemos na parte ocidental do Mundo Tardo Antigo a predominância da instituição dos reinos, controlados pela figura do rei.

Dessa forma, a tirania se torna a antítese da monarquia enquanto bom governo, personificando na imagem do tirano "tudo aquilo que é rechaçado e condenado pela moral política da cidade: a não liberdade, o excesso, a prepotência, a impiedade e a irracionalidade."²⁰¹

De acordo com Escribano, existem dois significados que os estudiosos reconhecem no conceito de *tyrannis-tyrannus*:

aquele que aponta o poder despótico e qualifica moralmente o Augusto que abusa de sua posição política - isto é, aquele que se refere a um certo modo de exercer poder caracterizado pelo excesso e pela transgressão - e aquele que define a primazia do imperador como ilegítimo por sua maneira de obtê-lo, através da usurpação.²⁰²

Destarte, a forma de indicação de tirania não estaria, em certos casos, necessariamente relacionada com a tomada de poder de maneira ilegítima e/ou forçada, mas também caracterizava o modo como determinado governante atuava

¹⁹⁸ LEWIS, Sian. Introduction. In: LEWIS, Sian. (Ed.). **Ancient Tyranny**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006. p. 2.

¹⁹⁹ ESCRIBANO, M. V.. Usurpación y religión en el siglo IV d. de C.. Paganismo, cristianismo y legitimación política. In.: **Antigüedad y Cristianismo VII** - Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano. Murcia, 1990, p. 249

²⁰⁰ FRIGHETTO, R.. Os usurpadores, "Maus" soberanos e o conceito de *Tyrannia* nas fontes hispano-visigodas do século VII: o exemplo de Chindasvinto. In.: **XIX reunião anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 2000, Curitiba**. Anais da XIX Reunião da SBPH. Curitiba: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 1999. v. 19. p. 135-6

²⁰¹ ESCRIBANO, op. cit., p. 249 [Nota 10].

²⁰² ESCRIBANO, M. V.. La ilegitimidad política en los textos historiográficos y jurídicos tardíos: *Historia Augusta, Orosius, Codex Theodosianus*. In.: **Revue internationale des droits de l'antiquité**, N° 44, 1997, págs. 85-120. p. 85

perante seu povo. Aplicando estas duas definições, é necessário lembrarmos da inclusão de virtudes cristãs que, de acordo com Frighetto, "servirão para caracterizar o soberano ideal e perfeito em oposição direta a noção de *tyrannia*." Desta forma, em alguns casos, o tirano pode ser apresentado como "protótipo do mau-cristão impiedoso e injusto, oposição bastante clara do imperador legítimo, piedoso, justo e *christianus*."²⁰³

Portanto, parece ter sido na Antiguidade Tardia que o tirano se converteu em um paradigma de detrimento político e moral, formando-se um "esquema conceitual que opõe a tirania - a princípio entendida como uma forma de exercer o poder - a igualdade e liberdade, no plano dos ideais políticos" e a figura do tirano é construída como "símbolo do que não é político, helênico e racional".²⁰⁴ Percebemos, então, que o conceito de tirania não pode ser encaixado perfeitamente numa série de características pré-definidas, mas, conforme afirma Lewis, a "Tirania era um conceito maleável, que poderia ser dissociado ou assimilado com a realeza, e conceituado tanto como o oposto de democracia ou uma forma extrema de expressão democrática, indo de acordo com as necessidades do período."²⁰⁵

No entanto, a tirania também pode ser muitas vezes ligada à ideia de usurpação. Segundo Frighetto, o imperador Constantino, na primeira metade do século IV, teria sido um dos primeiros imperadores a se utilizar da associação entre tirania e usurpação de maneira propagandística e legitimadora, questionando as tentativas de confrontação à sua autoridade.²⁰⁶

Para Escribano, a "usurpação é um fenômeno complexo inerente ao Império romano"²⁰⁷ devido aos problemas de caráter político desde o Principado que tornou a sucessão e a legitimidade do soberano uma questão indefinida em termos legais. Além disso, os diversos levantes que ocorreram ao longo da Antiguidade Tardia contra as forças imperiais podem ter sido o resultado de diferentes fatores, como o descontentamento social, militar e até mesmo como uma forma de controle do abuso

²⁰³ FRIGHETTO, R.. Os usurpadores, "Maus" soberanos e o conceito de *Tyrannia* nas fontes hispano-visigodas do século VII: o exemplo de Chindasvinto. In.: **XIX reunião anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 2000, Curitiba**. Anais da XIX Reunião da SBPH. Curitiba: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 1999. v. 19. p. 136.

²⁰⁴ ESCRIBANO, M. V.._El vituperio del tirano: historia de un modelo ideológico, in F. GASCO, E. FALQUE (eds.), **Modelos ideales y prácticas de vida en la Antigüedad**, Sevilla 1993. p. 9-10.

²⁰⁵ LEWIS, Sian. Introduction. In. LEWIS, Sian. (Ed.). **Ancient Tyranny**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006. p. 6.

²⁰⁶ FRIGHETTO, op. cit., p. 135.

²⁰⁷ ESCRIBANO, M. V.. Constantino y la rescissio actorum del tirano-usurpador. In.: **Gerión 16**, Madrid, Universidad Complutense de Madrid, 1988. p. 308-9

de poder por certos indivíduos. Dessa maneira, a usurpação foi em momentos considerada como uma forma de tirania, enquanto poderia ser pensada também como revolta à atitudes tirânicas de outros governos. E ainda, como afirma Gilvan Ventura da Silva, muitas vezes uma atitude era assimilada à outra, ou seja, um usurpador, por ter chegado ao poder de maneira ilegítima também teria grandes chances de realizar um mau governo.²⁰⁸

Levando em consideração as dinâmicas e maleabilidades que os conceitos de rei, tirano e usurpador teriam no Mundo Tardo Antigo, examinaremos no seguinte capítulo o contexto específico de Gildas.

²⁰⁸ SILVA, Gilvan Ventura da. A Domus Imperial e o fenômeno das usurpações no século IV. In: **Phoînix** / UFRJ, Rio de Janeiro, p. 73-84, 1995. p. 90.

3. GILDAS E O EXERCÍCIO DA TIRANIA

Como já afirmado, a situação do poder na região da *Britannia* após a retirada administrativa de Roma é uma das problemáticas que a historiografia recente vem tentando trabalhar. Ao longo dos capítulos anteriores, foi possível inferir algumas características das formas de governo que pareciam existir na Ilha. Sabemos que no período que Gildas teria vivido, os assentamentos saxões já eram uma realidade por algumas décadas, embora a região oeste da Ilha não tenha visto nenhum assentamento anglo-saxão significativo até o século VII ou mais tarde,²⁰⁹ e que durante os séculos V e VI há o crescimento de um movimento de regionalização dentro da Ilha que resultou na provável criação de pequenos reinos. Estes eram governados por britano-romanos e seus descendentes, sendo que o autor da *De Excidio* nomeia cinco governantes que, como veremos a seguir, provavelmente comandavam grupos populacionais na região Oeste da *Britannia*.

Contudo, como aponta Charles-Edwards, a "evidência para o reinos britânicos pós-romanos tem duas faces: uma olha para a Britânia romana; o outro olha para o Mar da Irlanda." Para esse autor, enquanto as fontes antigas, como Gildas e algumas inscrições, demonstram uma cultura política herdada de Roma, documentos posteriores "são mais reminiscentes das características da realeza irlandesa primitiva."²¹⁰ Isso não significa, contudo, que uma dessas fontes esteja incorreta, mas apenas que elas refletem aspectos diferentes do contexto da *Britannia* no século VI e depois.

Nesse sentido, após estabelecermos o que seria a *Britannia* de Gildas e a sua posição dentro desta sociedade, principalmente a sua relação com o Cristianismo, podemos voltar nossa atenção para a forma como ele caracteriza e critica os governantes da Ilha. Este capítulo, portanto, analisará primeiro algumas das personagens que o clérigo relata sobre antes da retirada de Roma da Ilha, especialmente três indivíduos: Magno Máximo, o *Superbo Tyranno* e Ambrosio Aureliano. Além disso, buscamos compreender um pouco melhor as possíveis

²⁰⁹ WHITE, Roger H.. A Brave New World? The Archaeology of Western Britain in the Fifth and Sixth Centuries. In.: HAARER, Fiona K., COLLINS, Rob. **AD 410: the history and archaeology of late and post-Roman Britain**. Londres: Roman Society Publications, 2014. p. 154.

²¹⁰ CHARLES-EDWARDS, T. M.. **Wales and the Britons, 350 - 1064**. Oxford University Press, 2013. p. 314

localidades nas quais os reis criticados por Gildas teriam governado. Por fim, analisaremos mais detalhadamente a maneira como o britânico descreve cada um destes representantes do poder secular, considerando que o autor, como um agente histórico, possuía suas motivações para a escrita da obra.

3.1. GOVERNO NA *BRITANNIA* E OS CINCO REIS DE GILDAS

Passemos, então, para uma reflexão mais específica do período da Antiguidade Tardia no contexto da *Britannia*, partindo do discurso de Gildas. Durante toda a sua narrativa, o autor destaca o comportamento ingrato e rebelde dos britânicos, "contra Deus, mas também contra seus próprios compatriotas e algumas vezes até mesmo contra reis estrangeiros e seus súditos."²¹¹ Nas suas palavras, "a região tem sido, desde a primeira vez que foi habitada, ingratamente rebelde, obstinada e arrogante."²¹² Buscando enfatizar esta reputação, Gildas afirma que Porfírio²¹³, "o 'cachorro louco' do oriente que lança a sua fúria contra a igreja", também diz que "a *Britannia* é uma província fértil em tiranos."²¹⁴ Tal frase, no entanto, deve ser atribuída à Jerônimo em uma de suas epístolas²¹⁵ e não à Porfírio.

Mas, além de Jerônimo, outro autor a descrever a situação da *Britannia* como ligada à tirania foi Procópio de Cesareia.²¹⁶ Em sua obra intitulada *História das Guerras*, dividida em oito livros, o autor narra as guerras do imperador romano Justiniano I com outros povos. No terceiro livro, dedicado às guerras vândalas, ele

²¹¹ GILDAS, *De Exc.*, 4.1. p. 17. Em Latim: *Haec erecta cervice et mente, ex quo inhabitata est, nunc deo, interdum civibus, nonnumquam etiam transmarinis regibus et subiectis ingrata consurgit.* p. 90.

²¹² idem.

²¹³ Porfírio foi um neoplatônico que teria vivido no século III (ca. 234? - 305? d.C.). Ver: JOHNSON, Aaron P.. **Religion and Identity in Porphyry of Tyre: The Limits of Hellenism in Late Antiquity.** Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

²¹⁴ GILDAS, *De Exc.*, 4..3-4. p. 17. Em Latim: *"ita ut Porphyrius rabidus orientalis adversus ecclesiam canis demenciae suae ac vanitatis stilo hoc etiam adnecteret: 'Britannia', inquiens, 'fertilis provincia tyrannorum' [...]."* p. 90.

²¹⁵ JERÔNIMO, *Ep.* 133.9.14. **Cartas de San Jerónimo**, vol. II. Introducción, Versión y Notas por Daniel Ruiz Bueno. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1962. p. 741.

²¹⁶ Procópio nasceu em Cesareia, na Palestina, e atuou como assessor do general romano Belisário. Acompanhou o general em suas campanhas nas fronteiras orientais, entre 527 e 531, no Norte da África, durante a guerra contra os vândalos e na primeira parte da guerra contra os godos, na Itália. Ao retornar à Constantinopla, em 540, decide escrever sobre a história das guerras que presenciou. GREATREX, Geoffery. Procopius of Caesarea. In.: NICHOLSON, O.. **The Oxford Dictionary of Late Antiquity.** Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 1238.

relata alguns acontecimentos referentes à *Britannia* e sobre esta afirma o seguinte: "Porém, os romanos não foram bem sucedidos em recuperar a *Britannia*, mas esta continuou a partir de então sob tiranos."²¹⁷

Partindo desses discursos, parece haver uma reputação que liga a *Britannia* com a ideia de tirania presente em diferentes regiões do Mundo Tardo Antigo. Afinal, se considerarmos também a datação e a localização destes autores, veremos que Jerônimo escreveu sua carta por volta do ano de 415 d.C. na cidade de Belém²¹⁸, sendo relativamente contemporâneo à alguns dos levantes assinalados anteriormente; Procópio completou sua obra por volta do ano de 545 d.C. na região de Constantinopla²¹⁹ e Gildas por volta do ano de 540 d.C. na própria *Britannia*. Mas, antes de assumirmos que os governantes que tomaram o poder na região após a retirada administrativa romana eram tiranos no sentido clássico do conceito, é preciso questionarmos o porquê de tal reputação existir neste período.

Como foi possível perceber até agora, a relação de Roma com a *Britannia* foi marcada por uma série de revoltas, levantes e tentativas de usurpação do poder imperial. Embora seja possível identificar casos de rebeldia contra o governo romano durante todo o processo de colonização da Ilha, das quais podemos citar aqui pelo menos duas, a de Carataco (c. 43-51 d. C.) e a de Boudica (c. 60-61 d. C.), ambas em sinal de resistência ao avanço do exército imperial na Ilha, os séculos IV e V viram uma série de levantes militares de indivíduos com intenções de usurpação do poder imperial.

Segundo Renan Frighetto, a partir do período conhecido como "crise do século III"²²⁰, e da instabilidade do poder imperial, que sofria um severo impacto de usurpações na *pars occidentalis*, ocorreu uma gradativa mudança de foco ao longo dos séculos IV e V, deslocando-se cada vez mais para as áreas orientais, menos

²¹⁷ PROCÓPIO, 3.2.38. **History of the Wars, Books III and IV.** DEWING, H. B. (Ed. e Trad.). Loeb Classical Library. Cambridge, Mass.: Harvard University Press e Londres, Hutchinson, 1979. Edição bilíngue (Grego/Latim). A tradução do Inglês para o português é de autoria nossa.

²¹⁸ SNYDER, C. A.. **The Britons.** Oxford: Blackwell, 2003. p. 71.

²¹⁹ CAMERON, Averil. **Procopius and the sixth century.** Londres e Nova York: Routledge, 1996.

²²⁰ Aqui é importante destacar que tal "crise" que, segundo Frighetto, resultaria na "temporária fragmentação política do *orbis romanorum* e a consequente redução de autoridade imperial romana em detrimento de poderes de cunho regional" foi um processo que teria se iniciado já no século II d.C., considerado por muitos como o século de ouro da civilização romana e, portanto, não pode ser pensado como a total causadora de uma suposta morte súbita do Império romano, mas sim como transformações que ocorreram ao longo de um extenso período e auxiliaram no enfraquecimento do poder imperial na região ocidental do Mundo Antigo. FRIGHETTO, R.. A longa Antiguidade Tardia: problemas e possibilidades de um conceito historiográfico. In: **VII Semana de Estudos Medievais**, 2010, Brasília. Por uma longa duração. Perspectivas dos estudos medievais no Brasil. Brasília: Casa das Musas, 2009. v. 1. p. 101-122. p. 109.

afetadas por estes problemas. Ainda que as regiões ocidentais tenham mantido determinado grau de consciência de uma "romanidade", é possível "constatar ao longo do século IV uma certa tendência à autonomia política em relação a Roma, das províncias gálicas, especialmente daquelas mais afastadas da área mediterrânea, e britânicas."²²¹ Além disso, segundo Ana Teresa Marques Gonçalves, desde o século III, o império passa pela experiência de crises sucessórias no poder e estas estavam colocando em risco a manutenção do equilíbrio social, político e econômico no Império Romano²²², assim como a busca por uma autonomia ou até mesmo a conquista do poder imperial.

Dois exemplos desta autonomia que estão diretamente ligadas à *Britannia* foram os levantes de Magno Máximo, mencionado anteriormente, e Constantino III, ambos tendo iniciado à sua campanha pelo poder imperial na então província da *Britannia*, "com um considerável apoio das aristocracias senatoriais daquelas regiões."²²³ Ao narrar as investidas de Magno Máximo contra o Império, Gildas cria uma imagem, devido à natureza extremamente retórica de sua narrativa, muito interessante. Segundo o autor, "finalmente, as moitas tirânicas aumentaram e estavam quase explodindo em uma floresta selvagem."²²⁴

De acordo com A. C. Sutherland, Gildas utiliza ao longo de seu texto uma série de figuras de retórica, sendo a associação de questões morais com elementos da natureza uma delas. Neste trecho, dessa forma, ao indicar a abundância de tiranos procedentes da *Britannia*, ele os associa à *virgultis*, matagais que se espalham como uma floresta selvagem. Com isso, "as imagens agrícolas servem (com uma força literal adicionada) como uma imagem e um índice de falhas espirituais."²²⁵ Continuando com a temática da metáfora acima, Gildas afirma que a Ilha teria:

²²¹ FRIGHETTO, R.. Poder na Antiguidade Tardia. In.: FRIGHETTO, R.. **Cultura e Poder na Antiguidade Tardia Ocidental**. Juruá, 2000. p. 47.

²²² GONÇALVES, Ana Teresa Marques. A legitimação do poder imperial e os problemas sucessórios nos brevíários de História Romana produzidos no IV século d.C. In: **História Revista** – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História. Goiânia, v.11. n. 1, p. 01-15, jan./jun. 2006. p. 3.

²²³ FRIGHETTO, op. cit., p. 47

²²⁴ GILDAS, *De Exc.*, 11.1-2. p. 20-1. Em latim: "*Itemque tandem tyrannorum virgultis crescentibus et in immanem silvam iam iamque erumpentibus*". p. 93.

²²⁵ SUTHERLAND, A. C.. The imagery of Gildas's *De Excidio Britanniae*. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D. (orgs.). **Gildas: New Approaches**. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988. p. 164.

[...] lançado um ramo de sua própria amarga plantação e mandou Magno Máximo para a Gália com um grande séquito de parasitas e até mesmo a insígnia imperial, da qual ele nunca foi digno de usar: ele não tinha nenhuma reivindicação legal ao título, **mas foi levantado como um tirano por soldados rebeldes.**²²⁶ (grifo nosso)

Aqui, podemos perceber que a definição de Magno Máximo está diretamente ligada à visão mais clássica greco-romana e ao contexto constitucional de tirania, isto é, a de usurpação e ilegitimidade do poder de certo indivíduo, alcançado por meio de uma abordagem militar.²²⁷ No entanto, como afirmado por Sian Lewis, "definir o papel do tirano apenas em termos constitucionais é uma atividade de valor limitado", sendo necessário buscarmos compreender também reconhecer as qualidades essenciais da tirania e não "assumirmos que todos os tiranos agiam da mesma maneira."²²⁸

Outra figura que é associada à ideia de tirania por Gildas é quem ele chama de *superbo tyranno* e seria o responsável pelo chamado dos saxões como *foederati* na *Britannia*.²²⁹ Pela narrativa de Gildas, não há nada que indique que esse indivíduo tenha tomado sua posição de poder de maneira ilegítima ou forçada. A única atitude descrita pelo britânico das ações de governante seria a de ter se reunido com outros membros de um conselho e estes, juntos, teriam optado pela contratação dos saxões como auxiliares na defesa da Ilha. Certamente, para Gildas, essa parece ter sido uma decisão muito ruim, pois "nada mais destrutivo, nada mais amargo teria recaído sobre a terra."²³⁰ É preciso ter em mente que a visão de Gildas é apenas uma das que possivelmente existiram no período e, além disso, o clérigo sinaliza para a ideia de tirania tradicional romana, sendo provável que o próprio *superbo tyranno* não se percebia como um usurpador do poder.²³¹

Antes de criticar aos cinco reis de seu tempo (ou próximos à ele), Gildas menciona ainda mais uma personagem de autoridade entre os britânicos, *Ambrosio*

²²⁶ GILDAS, *De Exc.*, 11.1-2. p. 20-1; em Latim: [...] *quin potius abiciens germen suae plantationis amarissimae, ad Gallias magna comitante satellitum caterva, insuper etiam imperatoris insignibus, quae nec decenter usquam gessit, non legitime, sed ritu tyrannico et tumultuante initiatum milite, Maximum mittit.* (grifo nosso). p. 93.

²²⁷ BACHRACH, Bernard S.. Gildas, Vortigern and Constitutionality in sub-Roman Britain. University from Minnesota, Twin Cities. In **Armies and Politics in the Early Medieval West**. London, UK: Variorum. p. 133.

²²⁸ LEWIS, Sian. Introduction. In. LEWIS, Sian. (Ed.). **Ancient Tyranny**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006. p. 1-2; 4.

²²⁹ GILDAS, *De Exc.*, 23.1. p. 97.

²³⁰ GILDAS, *De Exc.*, 23. 2. p. 26.

²³¹ BACHRACH, op. cit., p. 127.

Aureliano. Essa personagem aparece na narrativa gildasiana como a solução britânica contra o avanço saxão e é descrita de maneira muito favorável pelo clérigo:

Seu líder era Ambrosius Aurelianus, um homem muito honrado que, talvez o último dos romanos, teria sobrevivido o choque dessa notável tempestade: certamente os seus pais, que vestiram o roxo, foram assassinados nela. Seus descendentes, em nossos dias, se tornaram extremamente inferiores à excelência de seu avô. Sob ele, nosso povo reconquistou sua força e desafiou os vencedores da batalha.²³²

Como podemos perceber pelo trecho acima, Ambrosio seria uma figura de poder, principalmente militar, entre os britânicos. Segundo Stuart Laycock, quando Gildas menciona que os pais de Ambrosio vestiam o roxo, essa frase poderia significar que eles teriam sido martirizados, com a cor roxa simbolizando o sangue que teriam derramado. Contudo, a teoria mais aceita é a de que eles faziam parte de uma elite romana (ou britano-romana) e que exercizavam algum tipo de autoridade administrativa na Ilha enquanto esta estava sob o poder de Roma.²³³ Dessa maneira, nenhuma palavra ofensiva é levantada contra esse indivíduo e sua autoridade em nenhum momento é questionada. Seus descendentes, contudo, são vistos por Gildas como uma mancha na memória deste guerreiro.

Após analisar esses indivíduos que exerceram de uma maneira ou outra o poder na *Britannia* precisamos voltar nossa atenção também para outras personagens que Gildas aponta como pertencentes à posições de poder na *Britannia*. A frase "A *Britannia* tem reis, eles são tiranos"²³⁴ marca o início da sua narrativa direcionada especificamente para os governantes da Ilha. No entanto, este trecho pode ser problematizado, já que, segundo Bernard Bachrach a frase, em latim, "*Reges habet Britannia, sed tyrannos*" pode ser traduzida também como: "A *Britannia* tem reis, mas também tiranos."²³⁵ Ainda assim, acreditamos que a primeira tradução faça sentido, se pensarmos o restante do trecho na qual ela está inserida,

²³² GILDAS, *De Exc.*, 25.3. p. 28. Em latim: "*duce Ambrosio Aureliano viro modesto, qui solus forte Romanae gentis tantae tempestatis collisione occisis in eadem parentibus purpura nimirum indutis superfuera, cuius nunc temporibus nostris suboles magnopere avita bonitate degeneravit, vires capessunt, victores provocantes ad proelium.*" p. 98

²³³ LAYCOCK, S.. **Warlords: The Struggle for Power in Post-Roman Britain**. The History Press, 2011. p. 73

²³⁴ GILDAS, *De Exc.*, 27.1. p. 29. Em Latim: "*Reges habet Britannia, sed tyrannos; iudices habet, sed impios.*" p. 99

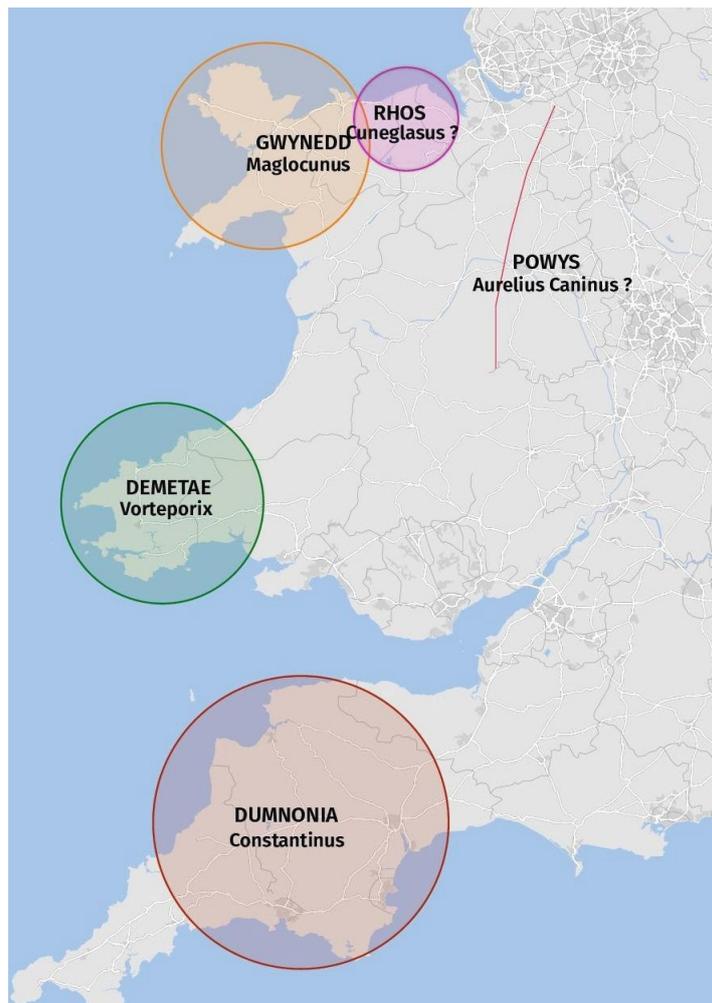
²³⁵ BACHRACH, B.. *Gildas, Vortigern and Constitutionality in sub-Roman Britain*. University from Minnesota, Twin Cities. In **Armies and Politics in the Early Medieval West** London, UK: Variorum. p. 128

no qual Gildas relata a maldade desses tiranos, sem em nenhum momento se referir à reis como sendo exemplares, apenas malvados.

Ainda assim, vários aspectos da configuração do poder na região ficam confusos, já que não é possível saber se Gildas acredita que os reis que critica são os únicos da ilha, nem se estes reinaram ao mesmo tempo ou até mesmo se ele considera todos os reis que a *Britannia* possui como tiranos ou apenas alguns indivíduos.

Na intenção de tentar problematizar tais dúvidas, é necessário compreendermos um pouco mais sobre cada rei que Gildas menciona, assim como os possíveis reinos que estes governavam. O autor se dirige à cinco governantes em específico, denominados, respectivamente, *Constantinus*, *Aurelius Caninus*, *Vortipori*, *Cuneglasus* e *Maglocunus*. Embora apenas *Constantinus* e *Vortipori* recebam uma localização, respectivamente o reino de Dumnonia e Demetae, a historiografia acredita que todos os governantes podem ser considerados como pertencentes da parte mais Oeste e Sudeste da Ilha Britânica, onde atualmente se localizam o País de Gales e a Cornualha.²³⁶

²³⁶ DUMVILLE, D.. The Chronology of *De Excidio Britanniae*, Book I. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D.. (orgs.). **Gildas: New Approaches**. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988; DUMVILLE, D.. Gildas and Malgwn: problems of dating. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D.. (orgs.). **Gildas: New Approaches**. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988



MAPA 3: Mapa com as localizações aproximadas dos cinco governantes criticados por Gildas na *De Excidio*. Obs.: O reino de Powys é de difícil localização, mas possivelmente se encontra ao longo da linha vermelha.

No mapa acima, construído por nós a partir da historiografia que buscou delimitar a localização desses reis²³⁷, podemos perceber como estes se encontram em regiões distantes uma das outras, ainda que localizadas numa área bem específica da *Britannia*. Ainda assim, Karen George afirma ser discutível que Gildas tenha vivido dentro ou perto de algum desses reinos.²³⁸

O primeiro a receber as palavras repreensivas do clérigo é *Constantinus*. Ele é chamado de "filhote tirano da imunda leoa de *Dumnonia*."²³⁹ *Dumnonia* seria,

²³⁷ SNYDER, C. A.. **The Britons**. Oxford: Blackwell, 2003; WOOLF, Alex. The Britons: from Romans to Barbarians. In.: GOETZ, Hans-Werner; JARNUT, Jörg; POHL, Walter (ed.). **Regna and Gentes: The Relationship between Late Antique and Early Medieval Peoples and Kingdoms in the Transformation of the Roman World**. Brill, 2002.

²³⁸ GEORGE, K. **Gildas, *De Excidio Britonum* and the Early British Church**. Boydell Press, 2009. p. 65

²³⁹ GILDAS, *De Exc.*, 28.1. p. 29. Em Latim: "*Cuius tam nefandi piaculi non ignarus est immundae leaenae Damnoniae tyrannicus catulus Constantinus.*" p.99.

então, o possível grupo político do qual *Constantinus* faria parte. Segundo Ken Dark, a *civitas* dos *dumnonii* corresponderia ao território que vai desde o Rio Exe até a costa oeste, abarcando o que hoje é conhecido como a cidade de Devon, sendo delimitada nas direções norte e sul pelo mar.²⁴⁰ É interessante notarmos que os *Dumnonii* eram uma tribo já existente na Ilha no período de conquista romana, já que encontramos a menção de sua existência na obra de Ptolomeu, *Geographia*, escrita por volta do ano 150 d.C., na qual ele afirma que tal grupo tinha poder sobre quatro cidades: *Voliba*, *Uxella*, *Tamara* e *Isca*, na qual a *Legio II Augusta* estava alocada.²⁴¹ Contudo, Dark afirma que esta parte da Ilha teria se tornado "mais 'romana' depois da retirada formal romana."²⁴² Embora tal afirmação seja interessante e encontre algum embasamento na cultura material local, é preciso tomarmos um pouco de cuidado com essa visão que quantifica a identidade de uma região como sendo mais ou menos romana.

Ken Dark, ao analisar o contexto da *Britannia* na Antiguidade Tardia, defende que esta região estaria inserida em um contexto mais amplo do Mundo Tardo Antigo, compartilhando aspectos culturais, sociais e econômicos com outras regiões antes romanas, muitas vezes, como é o caso de sua afirmação quanto à *Dumnonia*, sendo mais "romanas" do que eram enquanto sob a influência do Império. Para ele, muitas regiões da *Britannia* podem ser vistas como parte da tradição "romano-cristã" do período da Antiguidade Tardia.

O problema, contudo, é considerar o Cristianismo como sendo o portador de toda uma romanidade que já não existia mais, principalmente no âmbito administrativo. E, embora a religião tenha sido adotada e transmitido vários aspectos da cultura romana, como o próprio Latim, é muito debilitante pensar esse movimento de crenças e rituais como sendo completamente homogêneo e incapaz de possuir características específicas de cada região.

É mais interessante pensarmos a região da península sudoeste da Ilha como portadora de um modo de vida que refletia a manutenção do contato entre insula e Continente, principalmente o Mediterrâneo, como exemplifica o sítio arqueológico de *Tintagel*. Segundo Dark, a quantidade de cerâmicas e vestígios de metalurgia fina sugerem que esse local era extremamente importante nos séculos V

²⁴⁰ DARK, Ken. **Britain and The End of the Roman Empire**. Reino Unido: The History Press, 2011. p. 150-1

²⁴¹ PTOLEMEU, *Geography*, II.ii. Disponível em: <https://bit.ly/2JEBpkw> Acesso em 02/09/2018.

²⁴² DARK, op. cit., p. 150.

e VI. Além disso, teria muito provavelmente sido o local de um assentamento real, talvez até mesmo o principal do reino da *Dumnonia*.²⁴³

Já o segundo governante destacado por Gildas, chamado *Aurelius Caninus*, não recebe nenhuma indicação de sua localização ou de sua pertença à algum grupo político em específico. Seu nome no entanto, pode ser uma pista para a sua localização. Segundo Woolf, "a parte '*caninus*' seria uma latinização de um jogo de palavras nos nomes britânicos formados pelos elementos *cuno-* 'cão de caça'." Ao converter isto para o Latim, Gildas pode "brincar com as associações negativas que a imagem canina tem na bíblia, em contraste com as associações positivas que o cão de caça possui na sociedade tradicional céltica."²⁴⁴ De acordo com alguns autores, como Alex Woolf, Kenneth Jackson e David Dumville, o nome *Aurelius Caninus* pode ser identificado com o nome britânico *Cunignos*, que se tornaria *Cynin*, ou *Cynan*, em Galês médio. Estes dois nomes aparecem, aproximadamente, no lugar correto nas genealogias dos reis do século IX de Powys.²⁴⁵

O terceiro rei, *Vortipori*, é chamado por Gildas como "tirano de *Demetae*" e, assim como no caso de *Constantinus*, esse reino pode ser identificado com uma tribo com origens pré-romanas que se manteve durante o período como província. Como vemos mais uma vez na obra de Ptolomeu, ele menciona este grupo e assinala duas cidades sob seu domínio, *Luentinum* e *Maridunum*.²⁴⁶

Outra fonte que nos permite fazer a ligação deste rei com essa região é um monumento com inscrição bilingue, em Latim e *Ogham*. Essa pedra foi encontrada em uma igreja, a 200 metros de uma estrada romana, em Carmarthern, no País de Gales. O monumento é identificado como *Castell Dwyran Stone*, em referência ao nome da igreja na qual foi encontrada. Tem as dimensões 2.11 x 0.61 x 0.30 m e,

²⁴³ DARK, Ken. **Britain and The End of the Roman Empire**. Reino Unido: The History Press, 2011. p. 155.

²⁴⁴ WOOLF, Alex. The Britons: from Romans to Barbarians. In.: GOETZ, Hans-Werner; JARNUT, Jörg; POHL, Walter (ed.). **Regna and Gentes: The Relationship between Late Antique and Early Medieval Peoples and Kingdoms in the Transformation of the Roman World**. Brill, 2002. p. 357-8

²⁴⁵ DUMVILLE, D.. Gildas and Malgwn: problems of dating. In.: LAPIDGE, M.; _____. (orgs.). **Gildas: New Approaches**. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988. p. 56-7.

²⁴⁶ PTOLEMY, Geography, II.ii. In.: **Lacus Curtius**. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Gazetteer/Periods/Roman/_Texts/Ptolemy/home.html Acesso em 02/09/2018.

segundo Santos, "foi datado por Nash-Williams de 540-550, por Jackson de 550 e, mais recentemente, por MacManus de 533-566."²⁴⁷



Figura 1: CIIC 358/MACALISTER (1945).

Fonte: https://www.ucl.ac.uk/archaeology/cisp/database/picpage/cdwyr_1_1.html

Como podemos ver na figura acima, a inscrição em Latim pode ser transcrita como “MEMORIA VOTEPORIGIS PROTICTORIS”, e em *Ogham*, incisões feitas ao longo da pedra, temos o nome “VOTECORIGAS”.²⁴⁸ A palavra *protictoris*, protetor, pode ser pensada como um título que encontra paralelos em várias regiões do mundo pós-romano. Originalmente, essa titulação era utilizada apenas pelos guardas do imperador, mas, no período em que o *Vortipori* de Gildas teria vivido, esse já seria um título honorário, recebido por diferentes indivíduos.²⁴⁹ Contudo, a historiografia ainda não concorda completamente que esse monumento faça

²⁴⁷ SANTOS, Dominique. A Cultura Hiberno-Latina na Bretanha Romana e Pós-romana: Evidências a partir das Ogham Stones. In.: **XXVIII Simpósio Nacional de História**, 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015. p. 4-5

²⁴⁸ CHARLES-EDWARDS, T. M.. **Wales and the Britons, 350 - 1064**. Oxford University Press, 2013. p. 174.

²⁴⁹ *Ibid.*, p. 175.

referência ao governante criticado por Gildas. Enquanto alguns, como R.A.S. Macalister, defendam de que não há dúvidas sobre a relação entre o indivíduo mencionado no monumento com o da *De Excidio*, autores como Daniel MacManus não acreditam ser possível afirmar com convicção essa relação.²⁵⁰

O quarto rei, de nome *Cuneglasus*, que em galês médio seria "*Cynlas*", também não recebe uma indicação de sua localização. No entanto, por meio de genealogias reais é possível inferir que ele fosse primo de *Maglocunus*, quinto e último rei retratado por Gildas sobre o qual veremos mais abaixo. Para Woolf, porém, "uma vez que ele parece ser um rival dinástico de Maglocunus, [...] é difícil imaginar os dois governando juntos."²⁵¹

Seria mais provável, então, que os descendentes de *Cuneglasus/Cynlas* teriam governado um reino no nordeste do País de Gales, separado de *Gwynedd* (reino de *Maglocunus*), mas baseado na região de Rhos e que esses descendentes tenham falsificado a sua linhagem real para criar uma descendência com o progenitor da dinastia de *Gwynedd*, que seria o avô de *Maglocunus*, Einion Yrth.²⁵²

Por fim, *Maglocunus*, como já mencionado, é o quinto e último rei ao qual Gildas se dirige na sua epístola. Este já foi identificado pela historiografia como *Maelgwn* da dinastia Venedotiana, ligado por tradições documentais posteriores à região de Anglesey, no norte do País de Gales.²⁵³ Antes da dominação romana da Ilha, a região era habitada por uma tribo que é nomeada por Ptolomeu como *Ordovices*.²⁵⁴ Contudo, diferente dos *Demetae* e dos *Dumnonii*, essa região não manteve o mesmo nome após a retirada de Roma. Conforme um monumento com uma inscrição em Latim, encontrada em uma igreja em Penmachno, datada por Carlo Tedeschi como sendo do início do século VI, a região já seria território de *Venedotia*, em Latim, Gwynedd, em Galês.²⁵⁵

²⁵⁰ SANTOS, Dominique. A Cultura Hiberno-Latina na Bretanha Romana e Pós-romana: Evidências a partir das Ogham Stones. In.: **XXVIII Simpósio Nacional de História**, 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015. p. 4-5

²⁵¹ WOOLF, Alex. The Britons: from Romans to Barbarians. In.: GOETZ, Hans-Werner; JARNUT, Jörg; POHL, Walter (ed.). **Regna and Gentes: The Relationship between Late Antique and Early Medieval Peoples and Kingdoms in the Transformation of the Roman World**. Brill, 2002. p. 359.

²⁵² DUMVILLE, D.. Gildas and Malgwn: problems of dating. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D.. (orgs.). **Gildas: New Approaches**. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988. p. 59.

²⁵³ WOOLF, op. cit., p. 359

²⁵⁴ PTOLEMY, Geography, II.ii. In.: **Lacus Curtius**. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Gazetteer/Periods/Roman/_Texts/Ptolemy/home.html Acesso em 07/12/2018.

²⁵⁵ CHARLES-EDWARDS, T. M.. **Wales and the Britons, 350 - 1064**. Oxford University Press, 2013. p. 177-8.

Tendo uma breve noção das regiões sobre as quais esses governantes teriam reinado, podemos passar agora para uma análise da maneira como Gildas caracteriza cada um desses indivíduos e, principalmente, como o seu governo é visto pelo clérigo.

3.2. CRISTIANISMO COMO ELEMENTO DE LEGITIMAÇÃO DO PODER

Embora existam alguns questionamentos e hipóteses sobre a forma como os reis descritos por Gildas alcançaram o poder, não é possível afirmarmos que a caracterização destes governantes como tiranos está somente conectada à ideia de poder alcançado de maneira ilegítima. Retomando as colocações de Escibano no capítulo anterior quanto ao conceito de tirania possuir dois significados, o de comportamento tirânico de um soberano e o de tomada de poder ilegitimamente, a narrativa de Gildas nos permite inferir que a tirania está também associada ao comportamento dos reis que ele critica. Por isso, voltamos agora nossa atenção para a forma como Gildas descrever o comportamento desses governantes.

Constantinus, segundo Alex Woolf, pode ser identificado como "*Custennin Gorneu* (da Cornualha) encontrado em tradições galesas tardias e talvez com o *Custennin*, que aparece em várias genealogias reais."²⁵⁶ Sobre este rei, Bachrach chama a atenção para o fato de Gildas omitir uma possível linhagem paterna de *Constantinus* que poderia significar que a sua subida ao poder político estivesse relacionada à posição política de sua mãe.²⁵⁷

Segundo o autor, é possível sugerir que o governante seria filho de um primeiro casamento ou filho ilegítimo de uma mulher com certa influência que, subsequentemente, casou com o governante do reino de *Dumnonia*, que já possuiria dois filhos de um casamento anterior. Quando este rei vem a falecer, seus filhos legítimos não possuem idade suficiente para assumir o trono, assim, *Constantinus* assume o poder e faz um juramento para Deus e para o povo de que cuidaria dos

²⁵⁶ WOOLF, Alex. The Britons: from Romans to Barbarians. In.: GOETZ, Hans-Werner; JARNUT, Jörg; POHL, Walter (ed.). **Regna and Gentes: The Relationship between Late Antiquity and Early Medieval Peoples and Kingdoms in the Transformation of the Roman World**. Brill, 2002. p. 357.

²⁵⁷ BACHRACH, B.. Gildas, Vortigern and Constitutionality in sub-Roman Britain. University from Minnesota, Twin Cities. In **Armies and Politics in the Early Medieval West**. London, UK: Variorum. p. 130.

jovens reais para garantir a sua sucessão. Ele, então, os assassina e governa em seu lugar como um tirano.²⁵⁸ Partindo deste cenário, a definição de tirania utilizada por Gildas se encaixaria também na definição clássica do termo, ou seja, de tomada ilegítima do poder. Gildas ainda afirma que esse governante teria quebrado uma promessa sagrada de paz com o seu povo e cometido crimes de parricídio e sacrilégio.

Aurelius é acusado por Gildas de cometer parricídio, fornicação e adultério. Além disso, o acusa de odiar a paz em seu reino "como se fosse uma cobra venenosa" e que por causa de sua "sede injusta por guerra civil e constantes ataques estaria fechando os portões da paz divina e a consolação para a sua alma."²⁵⁹ A sua forma de ascensão ao poder, no entanto, não fica clara.

Sobre *Vortipori*, Gildas afirma:

A sua cabeça já está embranquecendo, enquanto você se senta em um trono que está cheio de malícia e manchado de cima pra baixo com vários assassinatos e adultérios, filho ruim de um bom rei (como Manassés filho de Ezequias) [...].²⁶⁰

Como podemos ver no trecho acima, Gildas indica que *Vortipori* encontra-se já numa idade avançada tendo, provavelmente, reinado por diversos anos. Além disso, acusa este reinado de ter sido manchado por pecados, como assassinatos e adultérios. Ainda assim, ao dizer que este governante era filho de um bom rei, talvez seja possível assumir que sua ascensão ao trono dos *Demetae* fosse legítima. Outra possibilidade é a de que o pai de *Vortipori* fosse, na realidade, rei de outro povo. Gildas ainda acusa este de ser irracional e inflexível, além de ter cometido incesto com a própria filha, após a morte de sua esposa.

Sobre as características de Cuneglasus, Gildas afirma que ele seria um desprezador de Deus e opressor de seu povo, o que poderia indicar uma perseguição mais específica deste rei aos cristãos. Ele também teria feito muitas

²⁵⁸ BACHRACH, B.. Gildas, Vortigern and Constitutionality in sub-Roman Britain. University from Minnesota, Twin Cities. In **Armies and Politics in the Early Medieval West**. London, UK: Variorum. p. 131.

²⁵⁹ GILDAS, *De Exc.*, 30.1-2. p. 30. Em Latim: *nonne pacem patriae mortiferum ceu serpentem odiens civiliaque bella et crebras iniuste praedas sitiens animae tuae caelestias portas pacis ac refrigerii praecludis?* p. 100.

²⁶⁰ GILDAS, *De Exc.*, 31.1. p. 31. Em Latim: *Quid tu quoque, pardo similis moribus et niqutiis discolor, canescente iam capite, in throno dolis pleno et ab imis vertice tenus diversis parricidiis et adulteriis constuprato, boni regis nequam fili, ut Ezechiae Manasses [...].* p. 101.

guerras contra os homens, seu conterrâneos, com exércitos e contra Deus com infinitos pecados. Além disso, parece ter rejeitado sua esposa, trocando-a por sua cunhada que, teoricamente, teria prometido se dedicar à igreja e entrar para um monastério.²⁶¹ Uma das imagens mais interessantes criada por Gildas quanto à este governante ocorre quando o clérigo o chama de "urso" e "condutor da carruagem da fortaleza do urso", além de afirmar que a tradução do seu nome para o Latim seria "*lanio fulve*", em português, "açougueiro vermelho". Para Kenneth Jackson, essa tradução do nome de *Cuneglasus* seria um trocadilho por parte de Gildas, pervertendo o nome do governante na tentativa de destacar o seu comportamento violento.²⁶²

Dentre todos os reis mencionados, *Maglocunus* recebe uma maior atenção de Gildas, já que enquanto aos outros o autor dedica cerca de um ou dois capítulos, à este ele dedica quatro. Ele também parece ser o que recebe mais palavras elogiosas, embora estas sejam logo contestadas, como podemos perceber no trecho abaixo:

Último na minha lista, mas primeiro na maldade, maior que muitos tanto no poder como na malícia, mais abundante na doação, mais extravagante no pecado, forte com as armas, mas ainda mais forte no que destrói a alma.²⁶³

O clérigo começa a sua crítica à ele da seguinte forma: "E você, dragão da ilha, você que removeu muitos destes tiranos de seus reinos e também até de suas vidas?"²⁶⁴ O epíteto "dragão da ilha" certamente nos chama a atenção. Porém, não é possível delimitar se Gildas o utiliza pois era desta forma que o rei era conhecido ou, como assinala Karen George, "se ele via *Maglocunus* como possuidor de características similares aos dragões, que deveriam ser admiradas, como por exemplo, a sua proeza militar."²⁶⁵

²⁶¹ GILDAS, *De Exc.*, 32.1-2. p.31-32.

²⁶² JACKSON, apud LARPI, Luca. *Prolegomena to a new edition of Gildas Sapiens, De excidio et conquestu Britanniae*. Tese de Doutorado. Universidade de Manchester. 2008. p. 94-5.

²⁶³ GILDAS, *De Exc.*, 33.1. p. 32. Em Latim: [...] *novissime stilo, prime in malo, mior multis potentia simulque malitia, largior in dando, profusior in peccato, robuste armis, sed animae fortior excidiis* [...]. p. 102.

²⁶⁴ GILDAS, *De Exc.*, 33.1. p. 32. Em Latim: "*Quid tu enim, insularis draco, multorum tyrannorum depulsor tam regno quam etiam vita supra dictorum, [...]*" p. 102

²⁶⁵ GEORGE, K.. *Gildas, De Excidio Britonum and the Early British Church*. Boydell Press, 2009. p. 67

Notamos assim, que Gildas exalta a força e o poder de *Maglocunus* ao mesmo tempo que o critica. Apesar disto, o clérigo indica que o "Rei dos reis", isto é, Deus, teria feito do governante de *Gwynedd* o "mais alto de todos os generais da *Britannia*, tanto em seu reino como em status."²⁶⁶ Segundo Gildas, *Maglocunus* teria cometido muitos pecados em sua juventude, matando inclusive o seu próprio tio. Porém, após conquistar o poder pela força, o rei teria se arrependido e decidido viver uma vida santa seguindo a "regra dos monges".

É após entrar para um monacato que *Maglocunus* parece ter cometido, aos olhos de Gildas, um pecado ainda maior, já que depois de ter "quebrado todas as correntes do poder real, ouro, prata e o que é maior que isto, a sua própria vontade", ele abandona o monacato e volta a se casar, não com qualquer mulher, mas a esposa de outro homem, seu próprio sobrinho, o qual *Maglocunus* assassina, juntamente com sua primeira esposa.²⁶⁷ Dessa forma, Gildas parece ainda mais frustrado com a tentativa mal sucedida de arrependimento do rei do que com os pecados dos governantes anteriores. Ainda que não seja possível compreender completamente as causas dessa dedicação maior à este rei, uma das possíveis causas tenha sido a adoção deste rei ao Cristianismo e, ainda mais significativo, à uma posição dentro do monacato, aderindo muito provavelmente, mesmo que temporariamente, à um estilo de vida ascético do qual Gildas parecia ser favorável.

Como vimos acima, alguns dos "pecados" cometidos por eles são o parricídio, o assassinato de familiares, o adultério, a fornicação e, por fim, a infidelidade para com o seu povo. O tratamento de Gildas para os reis não é homogêneo, e até mesmo se analisarmos o discurso do autor sobre cada governante, veremos que as palavras tirano ou tirania não se repetem para todos, ainda assim, determinados comportamentos, condenáveis aos olhos de Gildas, são cometidos de maneira repetitiva e giram em torno do comportamento sexual e marital dos reis, assim como o assassinato de pessoas próximas, muitas vezes familiares.

Dessa maneira, se analisarmos individualmente cada rei, veremos que apenas *Constantinus* e *Vortipori* são acusados diretamente de tirania. No entanto, todos menos *Cuneglasus* são acusados de parricídio e teriam matado familiares,

²⁶⁶ GILDAS, *De Exc.*, 33.1. Em Latim: "Quid te non ei regum omnium regi, qui te cunctis paene *Brittanniae* ducibus tam regno fecit quam status [...]". p. 102.

²⁶⁷ GILDAS, *De Exc.*, 33-35. p. 32-3.

muito provavelmente, para ascender ao poder de seus respectivos reinos. Outro pecado que é quase comum a todos os reis é o adultério ou a fornicação.

Por fim, uma característica presente em todos os governantes é a infidelidade com o seu povo, ao quebrarem promessas de paz, causarem constantes guerras civis e, até mesmo, ao não se arreponderem de seus pecados e não viverem uma vida cristã, já que para Gildas, seguindo os preceitos dos livros da Bíblia, "se o governante escuta à palavras injustas, todos os seus súditos são malvados", e apenas "o rei justo estabiliza a terra."²⁶⁸ O exemplo de *Maglocunus* também pode ser relacionado aqui com quebra de promessas cristãs e até mesmo com uma certa dificuldade na relação entre o clero e o mundo secular.

²⁶⁸ GILDAS, *De Exc.*, 35.6. p. 35. Em Latim: [...] *ut scriptura ait, 'rege audiente verbum iniquum omnes, qui sub illo sunt, scelesti sunt. Nimirum 'rex', ut propheta dixit, 'iustus suscitatur regionem'*. p. 104.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscamos explorar o contexto histórico da *Britannia* entre os séculos V e VI da melhor maneira possível, considerando os desafios que este período apresenta para a historiografia. Na tentativa de nos afastar de uma tradição que valoriza de maneira excessiva e desproporcional apenas aspectos da cultura romana foi preciso tomar cuidado para não nos aproximarmos de outra corrente, esta que ignora estes aspectos em favor dos elementos nativos herdados de maneira quase intocável desde a Idade do Ferro britânica. Nesse sentido, o conceito de Antiguidade Tardia foi utilizado com a intenção de compreendermos esse contexto como dinâmico, permeado por continuidades e transformações, populado por diversas culturas que se relacionavam de diferentes maneiras umas com as outras.

Além disso, este trabalho buscou explorar a hipótese de que a personagem de Gildas representa uma *Britannia* da primeira parte do século VI e, principalmente em relação à região Oeste, como um mundo que descende não apenas de uma ou outra cultura, mas, é o resultado de diferentes aspectos, situações e indivíduos, das trocas culturais efetuadas por séculos não apenas entre habitantes da *Britannia* e Roma, mas também entre os diferentes grupos que compunham essa região, assim como grupos externos que entraram em contato com a Ilha em diferentes momentos e circunstâncias.

Dessa maneira, é possível inferirmos que, conforme a vida política britânica se fragmentava (e com ela a infra-estrutura administrativa romana) e a área da *Britannia* sob controle nativo se movimentava em direção ao norte e oeste, crescia a dificuldade em manter uma versão da estrutura eclesiástica preexistente. A narrativa de Gildas então, talvez possa ser percebida como uma manifestação da insatisfação do autor e, provavelmente outros clérigos, quanto à falta de atuação do Cristianismo no âmbito secular na vida tanto dos governantes como de seu povo.

Também o caráter de comunidade cristã, trabalhado no primeiro capítulo, nos auxilia à compreender o tom de Gildas em referência à uma unificação e identificação que ia além das fronteiras desses reinos. O autor não fazia parte do território de todos eles e talvez até mesmo de nenhum, mas via como sua função

criticar e chamar para a redenção esses indivíduos. Para ele, o Cristianismo era o elemento de ligação entre todos os britânicos.

Nesse sentido, a perspectiva religiosa do autor também influenciou o modo como este percebia os governantes de seu contexto. As suas acusações de tirania vão muito além da concepção clássica do termo, que está ligado com a tomada ilegítima e, muitas vezes violenta, do poder. Para o clérigo britânico, a legitimação divina e, portanto, a necessidade de um comportamento moral cristão faziam parte do que deveria ser um bom governante.

Além disso, Gildas foi uma testemunha valiosa de um importantíssimo período da História Britânica e que precisa voltar a ser estudado com mais constância, por mais enigmático que seja. A Historiografia nunca permanece a mesma, está em constante estado de mutação e novos olhares, ferramentas e perspectivas surgem ao decorrer do tempo e, portanto, nenhum tema ou documento histórico pode ser esgotado. Um período e contexto que por muito tempo foi considerado como a "Idade das Trevas britânica" e que realmente sofre com a falta de documentos escritos não pode deixar de ser estudado apenas pelos problemas que apresenta, mas deve ser estimulado, explorado e desenvolvido com intenção de tornar mais complexa nossa visão deste recorte temporal e geográfico que foi a *Britannia* na Antiguidade Tardia.

REFERÊNCIAS

A) FONTES

ANÔNIMO. **Notitia Dignitatum**. SEECK, Otto (ed.). Berolini: Weidmann, 1876.

BEDA. **Ecclesiastical History of England**. Tradução revisada, Introdução, Vida e Notas por A. M. Sellar. Londres: Geroge Bell and Sons, 1907.

GILDAS. **The Ruin of Britain and other documents**. Ed. e trans. Michael Winterbottom. London: Phillimore, 1978.

GILDAS. **The Ruin of Britain, Fragments from lost Letters, The Penitential, together with The Lorica of Gildas**. Tradução por Hugh Williams. Editado pela Honorável Sociedade de Cymmrodorion. Londres, 1899.

GREGÓRIO DE TOURS. **Decem Libri Historiarum**. ROLDÁN, P. Herrera (trad. e intro.). Historias. Cáceres, Tempus Werrae I, Universidad de Extremadura, 2013.

GREGORY OF TOURS. **Decem Libri Historiarum**. THORPE, L. (trans. and intro.). The History of the Franks. Londres: Penguin Books, 1974.

ISIDORO DE SEVILHA. **Etimologias**. Texto latino, Versión Española y Notas por Jose Oroz Reta y Manuel A. Marcos Casqueiro. Introducción geral Manuel C. Diaz y Diaz. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1981.

JERÔNIMO, *Ep. 133.9.14*. **Cartas de San Jerónimo**, vol. II. Introducción, Versión y Notas por Daniel Ruiz Bueno. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1962.

PROCÓPIO, **History of the Wars, Books III and IV**. DEWING, H. B. (Ed. e Trad.). Loeb Classical Library. Cambridge, Mass.: Harvard University Press e Londres, Hutchinson, 1979. Edição bilíngue (Grego/Latim).

PRÓSPERO DE AQUITÂNIA, **Prosperi Tironis: Epitoma chronicon** ed. primum a. CCCXXXIII (433), continuata ad a. CCCCLV (455), ed. MOMMSEN, T., in: *Chronica Minora Saec. IV, V, VI, VII* vol. 1, pp. 341-501. 1892.

PRÓSPERO DE AQUITÂNIA, **Epitoma Chronicon**. BROOK, Deanna. *Prosper's chronicle: A critical edition and translation of the edition of 445*. University of Ottawa, Canadá. 2015.

PTOLEMEU, **Geography**. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Gazetteer/Periods/Roman/_Texts/Ptolemy/home.html Acesso em 02/09/2018.

SÃO PATRÍCIO. **Confessio e Epistola ad Milites Corotici**. SANTOS, Dominique (trad.). Royal Irish Academy Saint Patrick's Confessio Hypertext Stack Project. Disponível em: <https://confessio.ie/>. Acesso em: 19/12/2018.

SIDONIUS APOLLINARIS, **The Letters of Sidonius, vol. II.** Tradução, Introdução e Notas por O. M. D. Dalton. Oxford: Clarendon Press, 1915.

SULPICIO SEVERO, **Chronicle.** Disponível em: [http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0360-0420__Sulpicius_Severus__Chronicorum__\[Schaff\]__EN.pdf.html](http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0360-0420__Sulpicius_Severus__Chronicorum__[Schaff]__EN.pdf.html) Acesso em: 21/09/2018.

TÁCITO, **Dialogus, Agricola, Germania.** Editado por T. E. Page e W. H. D. Rouse. THE LOEB CLASSICAL LIBRARY. Londres: WILLIAM HEINEMANN, 1914. p. 189.

WILLIAMS, Hugh (trans.). **Two Lives of Gildas by a monk of Ruys and Caradoc of Llancarfan.** First published in the Cymmrodorion Record Series, 1899.

B) OBRAS DE REFERÊNCIA

LEWIS, Sian. **Encyclopædia Britannica.** 24 de Setembro de 2014. <https://www.britannica.com/topic/tyranny> (acesso em 05 de Janeiro de 2018).

NICHOLSON, O.. **The Oxford Dictionary of Late Antiquity.** Oxford: Oxford University Press, 2018.

CELTIC INSCRIBED STONES PROJECT (CISP) ON-LINE DATABASE. Disponível em: <https://www.ucl.ac.uk/archaeology/cisp/database/>

C) OBRAS GERAIS

ALCOCK, Joan P.. **A Brief History of Roman Britain.** London: Robinson Publishing, 2011.

ALCOCK, L.. The archaeology of Celtic Britain: fifth to twelfth centuries. In.: HINTON, D. A. (Ed.) **25 Years of Medieval Archaeology.** 48–66. University of Sheffield, Sheffield, 1983.

ALDHOUSE-GREEN, M., HOWELL, R.. **Celtic Wales.** Wiltshire: University of Wales, 2017.

BACHRACH, B.. Gildas, Vortigern and Constitutionality in sub-Roman Britain. University from Minnesota, Twin Cities. In BACHRACH, B.. **Armies and Politics in the Early Medieval West.** London, UK: Routledge, 1993.

BÉLO, Tais Pagoto. *Britannia: violência, poder e contato.* In.: **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História.** v. 25. n.47, Julho de 2018.

BREZZE, Andrew. Where was Gildas born? In.: **Northern History,** XLV: 2, Setembro, 2008.

BROWN, P.. **The World of Late Antiquity**. From Marcus Aurelius to Muhammad, London, Thames and Hudson, 1971.

CAMERON, Averil. **Procopius and the sixth century**. Londres e Nova York: Routledge, 1996.

CAMPBELL, James. **The Anglo-Saxon State**. Hambledon: Hambledon Continuum, 2000

CAVALLO, Guglielmo. Libros y público a fines de la Antigüedad. In.: CAVALLLO, Guglielmo. (Dir.). **Libros, editores y público en el Mundo Antiguo**: Guía Histórica y crítica. Juan Signes Codoñer (trad.). Alianza, 1995.

CHADWICK, N.K.. The Lost Literature of Celtic Scotland. In.: **Scottish Gaelic Studies** 7: 115-83, 1953.

CHADWICK, N. K.. **The Age of Saints in the Early Celtic Church**. Oxford, 1961.

CHARLES-EDWARDS, T. M.. Language and society among the insular Celts, A.D. 400–1000. In.: GREEN, M. (ed.). **The Celtic World**. Londres, 1995.

CHARLES-EDWARDS, T. M.. **Wales and the Britons, 350 - 1064**. Oxford University Press, 2013.

CHRYSOS, Evangelos. THE EMPIRE, THE GENTES AND THE REGNA. In.: GOETZ, H. W.; JARNUT, J.; POHL, W. (eds.). **Regna and gentes**: the relationship between late antique and early medieval peoples and kingdoms in the transformation of the Roman world. Leiden - Boston: Brill, 2003.

COLLINS, Rob. Late Roman Frontier Communities in Northern Britain: a Theoretical Context for the 'End' of Hadrian's Wall. In.: Croxford, B. Goodchild, H., Lucas, J., and Ray, N. (eds.) (2006) **TRAC 2005**: Proceedings of the Fifteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference. Oxford: Oxbow Books. pp. 1-11.

CUCHE, D.. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DARK, Ken. **Britain and The End of the Roman Empire**. Reino Unido: The History Press, 2011.

DAVIES, R. R.. Presidential Address: The People of Britain and Ireland, 1100–1400, 1. Identities. **Transactions of the Royal Historical Society**, 1994, 4. p. 8-9.

DELIYANNIS, Deborah M.. **Historiography in the Middle Ages**. Leiden: Brill, 2003.

DE PAOR, Liam. **Saint Patrick's World**. Four Courts Press, Dublin: 1993.

DUMVILLE, D. N. **Sub-Roman Britain**: History and Legend. *History*, 62: 173-192, 1977.

DUMVILLE, D. N.. The origins and early history of Insular monasticism : aspects of literature, christianity, and society in Britain and Ireland, A.D. 400-600. **Kansai University Institutional Depository**, 30. 1997.

DUMVILLE, D.. Gildas and Malgwn: problems of dating. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D.. (orgs.). **Gildas: New Approaches**. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988

DUMVILLE, D.. The chronology of De Excidio Britanniae, book I. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D. (org.). **Gildas: New Approaches**. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988.

DUMVILLE, D. The idea of government in sub-Roman Britain. In. AUSENDA, G. (org.). **After Empire: Towards an Ethnology of Europe's Barbarians**. Por Giorgio Ausenda. Vol. 1. Boydell & Brewer, 2003.

ESCRIBANO, M. V.. Constantino y la rescissio actorum del tirano-usurpador. In.: **Gerión** 16, Madrid, Universidad Complutense de Madrid, 1988.

ESCRIBANO, M. V.. El vituperio del tirano: historia de un modelo ideológico, in F. GASCO, E. FALQUE (eds.), **Modelos ideales y prácticas de vida en la Antigüedad**, Sevilla 1993.

ESCRIBANO, M. V.. La ilegitimidad política en los textos historiográficos y jurídicos tardíos: Historia Augusta, Orosius, Codex Theodosianus. In.: **Revue internationale des droits de l'antiquité**, N° 44, 1997, págs. 85-120.

ESCRIBANO, M. V.. Usurpación y religión en el siglo IV d. de C.. Paganismo, cristianismo y legitimación política. In.: **Antigüedad y Cristianismo VII - Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano**. Murcia, 1990.

FLEMING, Robin. **Britain after Rome: the fall and rise - 400 to 1070**. Londres: Penguin Books, 2011.

FRIGHETTO, R. Cuando la confrontación genera la colaboración: godos, romanos y el surgimiento del reino hispanogodo de Toledo (siglos V-VI). In.: **Vínculos de Historia**, núm. 7 (2018). pp. 157-172.

FRIGHETTO, R.. A longa Antiguidade Tardia: problemas e possibilidades de um conceito historiográfico. In: **VII Semana de Estudos Medievais**, 2010, Brasília. Por uma longa duração. Perspectivas dos estudos medievais no Brasil. Brasília: Casa das Musas, 2009. v. 1. p. 101-122.

FRIGHETTO, R.. Os usurpadores, "Maus" soberanos e o conceito de Tyrannia nas fontes hispano-visigodas do século VII: o exemplo de Chindasvinto. In.: **XIX reunião anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**, 2000, Curitiba. Anais da XIX Reunião da SBPH. Curitiba: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 1999. v. 19. p. 135-140.

FRIGHETTO, R.. Poder na Antiguidade Tardia. In.: FRIGHETTO, R.. **Cultura e Poder na Antiguidade Tardia Ocidental**. Juruá, 2000.

FRIGHETTO, R.. Símbolos e rituais: os mecanismos do poder político no reino hispano-visigodo de Toledo (séculos VI-VII). In.: **Anos 90**, Porto Alegre, v. 22, n. 42, p. 239-272, dez. 2015.

FRIGHETTO, Renan. De la barbarica gens hacia la christiana ciuilitas: la concepción de regnum según el pensamiento político de Isidoro de Sevilla (siglo VII). In.: **Anuario del Centro de Estudios Históricos "Prof. Carlos S. A. Segrett"**. Córdoba, año 7, N° 7, 2007.

FRIGHETTO, Renan. Imperium et orbis: conceitos e definições a partir das fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV/VII). In: DORE, A.; LIMA, L. F. S.; SILVA, L. G. S.. (Org.). **Facetas do Império na História: Conceitos e métodos**. 1ed.São Paulo: Editora Hucitec, 2008, v. 1, p. 147-162.

FRIGUETTO, R.. Política e poder na Antiguidade Tardia: uma abordagem possível. **História Revista** (UFG), v. 11, p. 161-177, 2006.

FRIGUETTO, R.. Uma confrontação régio-nobiliárquica na Antiguidade Tardia Hispana: o rei e a nobreza eclesiástica no reinado de Wamba (672/680). **Semanas de Estudios Romanos, Valparaíso/Chile**, v. 12, p. 233-252, 2004.

FULFORD, Michael. Coasting Britannia: Roman Trade and Traffic Around the Shores of Britain. In.: GOSDEN, C., et al. (eds.). **Communities and Connections: Essays in Honour of Barry Cunliffe**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

FUNARI, Pedro P. A.. **Padrões de consumo do azeite bético na Bretanha Romana**. 1990. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo - USP, 1990.

GEORGE, Karen. **Gildas's De excidio Britonum and the early British church**. Studies in Celtic History 26, Woodbridge: Boydell Press, 2009.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. A legitimação do poder imperial e os problemas sucessórios nos breviários de História Romana produzidos no IV século d.C. In: **História Revista** – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História. Goiânia, v.11. n. 1, p. 01-15, jan./jun. 2006..

HARDING, D. W.. **The Iron Age in Northern Britain: Celts and Romans, Natives and Invaders**. London and New York, Routledge: 2010.

HERBENICK, Raymond M.. **On the Erudition of the Historical St. Patrick**. (Celtic Studies, 2). Edwin Mellen Press, 2000.

HIGHAM, N.. **The English Conquest: Gildas and Britain in the Fifth Century**. Manchester: Manchester University Press, 1994.

HIGHAM, Nicholas. Old light on the Dark Age landscape: the description of Britain in the De Excidio Britanniae of Gildas. **Journal of Historical Geography**, 17, 4 (1991).

HINGLEY, R. O "Legado" de Roma: Ascensão, Declínio e Queda da Teoria da Romanização. In: HINGLEY, R. et al. (Org.). **O Imperialismo Romano: Novas Perspectivas a partir da Bretanha**. 1a. ed. São Paulo: Annablume, 2010.

HINGLEY, R.. Resistance and domination: social change in Roman Britain. In.: MATTINGLY, D. **Dialogues in Roman Imperialism**. Journal of Roman Archaeology, 1997.

HUSTWIT, E.. **The Britons in late antiquity: power, identity and ethnicity**. 2014. 425 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Bangor, Gwynedd - País de Gales, 2014.

JOHNSON, Aaron P.. **Religion and Identity in Porphyry of Tyre: The Limits of Hellenism in Late Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

JOYCE, S. J.. **Rome burns brightly still: contextualising Gildas's De Excidio Britanniae**. Diss. Monash University. Faculty of Arts. School of Philosophical, Historical and International Studies, 2013.

KERLOUÉGAN, François. **Le De Excidio Britanniae de Gildas**. Les destinées de la culture latine dans l'île de Bretagne au VIe siècle. Paris: Presses de La Sorbonne, 1987.

KNIGHT, Jeremy. The After Life of Tyrants: Roman Emperors in Early Medieval Wales. In.: HAARER, Fiona K., COLLINS, Rob. **AD 410: the history and archaeology of late and post-Roman Britain**. Londres: Roman Society Publications, 2014. p. 165

LAPIDGE, Michael. Gildas education and the Latin culture of sub-roman Britain. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D. (org.). **Gildas: New Approaches**. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988.

LARPI, Luca. **Prolegomena to a new edition of Gildas Sapiens, De excidio et conquestu Britanniae**. Tese de Doutorado. Universidade de Manchester. 2008.

LAYCOCK, S.. **Warlords: The Struggle for Power in Post-Roman Britain**. The History Press, 2011.

LAYCOCK, S.; RUSSEL, M.. **UnRoman Britain: Exposing the Great Myth of Britannia**. London: The History Press, 2011.

LESLIE, Stephen et al. "The fine-scale genetic structure of the British population" **Nature** vol. 519,7543 (2015): 309-314.

LEWIS, Sian. Introduction. In. LEWIS, Sian. (Ed.). **Ancient Tyranny**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006.

LEYERLE, Blake. Mobility and the Traces of Empire. In.: ROUSSEAU, P. (Ed.). **A companion to Late Antiquity**. Willey - Blackwell, 2009.

LLOYD, J.E.. **A History of Wales**, 3rd edition, London: Longmans, 1930.

LOSEBY, S. T.. Power And Towns In Late Roman Britain And Early Anglo-Saxon England. In.: RIPOLL, Gisela; GURT, Josep M. (eds.). **Sedes regiae** (ann. 400-800) (Barcelona, 2000).

MACHADO, C. A. R.. A Antiguidade tardia, a queda do Império romano e o debate sobre o "fim do mundo antigo". **rev. hist.** (São Paulo), n. 173, p. 81-114, jul.-dez., 2015.

MAYR-HARTING, Henry. **The Coming of Christianity to Anglo-Saxon England**. Pennsylvania: University Press Pennsylvania, 1992.

MILES, R.. Introduction: constructing identities in late antiquity. In: MILES, R.. (ed.). **Constructing identities in late antiquity**. Taylor & Francis e-Library, 2002. p. 3

MILLER, M.. **Bede's use of Gildas**. In.: The English Historical Review, Vol. 90, No. 355 (Apr., 1975), pp. 241-261.

MITCHELL, Lynette; MELVILLE, Charles. "Every Inch a King": Kings and Kingship in the Ancient and Medieval Worlds. In.: MITCHELL, Lynette; MELVILLE, Charles. (Eds.). **"Every Inch a King": Comparative Studies on Kings and Kingship in the Ancient and Medieval Worlds**. LEIDEN - BOSTON: Brill, 2013.

O'SULLIVAN, T. D.. **The De Excidio of Gildas: Its Authenticity and Date** (Columbia Studies in the Classical Tradition). Brill Academic Publishers: New York, 1978.

PACE, E. Walls and Withdrawals: Gildas' Version of the End of Roman Britain. **Journal of the Australian Early Medieval Association**. Volume 11, Nov 2015.

PETTS, David. Christianity and Cross-Channel Connectivity in Late and Sub-Roman Britain. In.: HAARER, F., et al. (Orgs.). **AD410: The History and Archaeology of Late and Post-Roman Britain**. Society for the Promotion of Roman Studies. 2004.

PINHEIRO, Rossana Alves Baptista. Cristianismo e Ecclesia na passagem da Antiguidade Tardia para a Idade Média. In.: **Revista História e Cultura**, Franca-SP, v.2, n.3 (Especial), p.297-317, 2013.

PINTO, R.. O interesse pela violência da "romanização". Um breve estudo arqueológico das primeiras revoltas na Britannia. **Rev. Museu Arq. Etn. Supl.**, São Paulo, n. 18: 29:36, 2014.

PRYOR, F.. **Britain AD: A Quest for Arthur, England and the Anglo-Saxons**. UK: Harper Collins, 2009.

SANDWELL, Isabella. **Religious Identity in Late Antiquity: Greeks, Jews and Christians in Antioch**, 3–33. *Greek Culture in the Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SANTOS, D.. **Os Livros das Cartas do Bispo São Patrício**. In.: Brathair 7 (1), 2007.

SANTOS, D.. **As Representações da Cristianização da Irlanda Celta: Uma Análise das Cartas de São Patrício (V Séc. d. C.)**. 2008. 152f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, 2008.

SANTOS, D.. Patrício: **A Construção da Imagem de um Santo**. 2012. 242 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

SANTOS, Dominique. Apresentação ao Dossiê 'A Escrita da História na Antiguidade' da **Revista de Teoria da História da UFG**, 2015.

SANTOS, Dominique. A Cultura Hiberno-Latina na Bretanha Romana e Pós-Romana: Evidências a partir das Ogham Stones. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História**, 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.

SANTOS, Dominique. **Exchanges and Connections across the Irish Sea in Late Antiquity** - A Study of the Bilingual/Biliteral Roman-and-Ogham Inscribed Stones. 2018. No prelo.

SAWYER, P. H.. **From Roman Britain to Norman England**. Londres: Routledge, 2002.

SCHADEE, Hester; PANOU, Nikos. **Evil Lords: Theories and Representations of Tyranny from Antiquity to the Renaissance**. Oxford University Press, 2018.

SCHUSTER, J.. **A construção da identidade picta em escritores do Império Romano durante o governo romano na Britannia (43 – 409 e.c.)**. 2012. 48 f. Monografia (Licenciatura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/67219>>. Acesso em: 27/09/2016.

SHOTTER, D. **Roman Britain**. Londres: Routledge, 2004.

SILVA, Gilvan Ventura da. A Domus Imperial e o fenômeno das usurpações no século IV. In: **Phoînix** / UFRJ, Rio de Janeiro, p. 73-84, 1995.

SMITH, W. C.. **What is Scripture? A Comparative Approach**. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

SNYDER, C. A.. **The Britons**. Oxford: Blackwell, 2003.

STAFFORD, Pauline. **A Companion to the Early Middle Ages: Britain and Ireland (c. 500-1100)**. Wiley-Blackwell: 2009.

STROUMSA, Guy G. The Scriptural Movement of Late Antiquity and Christian Monasticism. **Journal of Early Christian Studies**, Volume 16, Number 1, Spring 2008.

SUTHERLAND, A. C.. The imagery of Gildas's De Excidio Britanniae. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D. (orgs.). **Gildas: New Approaches**. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988.

THOMAS, Charles. **Christianity in Roman Britain to AD 500**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1981.

THOMPSON, E. A.. Gildas and the History of Britain. *Britannia*. Volume 10, November 1979. pp 203 - 226.

THORPE, Lewis. Introduction. In.: GREGORY OF TOURS. THORPE, L. (trans. and intro.). **The History of the Franks**. Londres: Penguin Books, 1974. p. vii-xiv.

WHITE, Roger H.. A Brave New World? The Archaeology of Western Britain in the Fifth and Sixth Centuries. In.: HAARER, Fiona K., COLLINS, Rob. **AD 410: the history and archaeology of late and post-Roman Britain**. Londres: Roman Society Publications, 2014.

WILLIAMS, Megan Hale. **The Monk and the Book: Jerome and the Making of Christian Scholarship**. Chicago: University Of Chicago Press, 2006.

WOOD, Ian. Christianisation and the Dissemination of Christian Teaching. In.: FOURACRE, P. (Ed.). **The New Cambridge Medieval History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

WOOLF, Alex. The Britons: from Romans to Barbarians. In.: GOETZ, Hans-Werner; JARNUT, Jörg; POHL, Walter (ed.). **Regna and Gentes: The Relationship between Late Antique and Early Medieval Peoples and Kingdoms in the Transformation of the Roman World**. Brill, 2002.

WRIGHT, C. J.. **Sir Robert Cotton as Collector: Essays on an Early Stuart Courtier and His Legacy**. London: British Library Publications, 1997:

WRIGHT, Neil. Gildas's prose and style and its origins. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D. (orgs.). **Gildas: New Approaches**. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988. p. 107 - 128.

WRIGHT, Neil. Gildas's reading: a Survey. *Sacris Erudiri*: vol. 32, n°2., 1991.

YORKE, Barbara. Kings and Kingship. In.: STAFFORD, Pauline. **A Companion to the Early Middle Ages: Britain and Ireland (c. 500-1100)**. Wiley-Blackwell: 2009.

YORKE, Barbara. **Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England**. London: Taylor & Francis Ltd, 1990.